

MARCIO AQUILES



ARTEFATO COGNITIVO Nº 7 $\sqrt{\text{LOG5IE}}$

Biblioteca
Paraná



Carlos Massa Ratinho Junior

Governador do Estado do Paraná

João Evaristo Debiasi

Secretário da Comunicação Social e da Cultura

Luciana Casagrande Pereira

Superintendente-geral da Cultura

Luiz Felipe Leprevost

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital

Omar Godoy

Equipe do Selo Biblioteca Paraná

Hiago Rizzi, Isabella Serena e Luiz Felipe Cunha

Jurados

Cezar Tridapalli e Otto Leopoldo Winck

Revisão e preparação editorial **João Lucas Dusi**

Projeto gráfico e diagramação **Thapcom.com**

Ilustrações e capas **Ctrl S Comunicação**

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB/9 - 1617

Aquiles, Marcio

Artefato cognitivo nº 7√log5ie [livro eletrônico]/ Marcio

Aquiles. - Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2021.

154 p. - (Biblioteca Paraná)

“Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital – Categoria romance”

ISBN 978-65-89223-19-1 (e-book)

PDF

1. Ficção brasileira. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD (22ª ed.)

B869.3

ARTEFATO COGNITIVO Nº 7 $\sqrt{\text{LOG5IE}}$

MARCIO AQUILES

Saiu cedo de casa para encontrar o castelo, após ouvir o suspiro dos nefelibatas durante a vigília prolongada. Recebeu deles diretrizes precisas, embora desconfiasse dos intuitos ali expostos, uma vez que aqueles parâmetros, inteligíveis para si, certamente seriam cifrados para outras sensibilidades. Novas versões para o conceito de alteridade eram expostas todos os dias nos jornais e redes sociais; a polissemia da realidade subjetiva atingiu seu ápice, para a surpresa dos novos metafísicos ingleses, que não esperavam por isso naquele momento histórico.

Foi caminhando sem pressa, vendo a confeitaria amarelo-ocre abrir devagar, Catherine Deneuve a pedir no balcão francesinhas, Mário de Sá-Carneiro, brioches; Simon Williamson tomando sua dose matinal no refúgio desalumiado de seu apartamento; o funcionário dos correios atabalhado com várias encomendas ansiosas nas mãos; o salão de cabeleireiro cheio de bate-papos com a chegada de Peg Boggs; as crianças com olhos remelentos mirando pela janela. Repassou mentalmente as instruções dos nubívagos, porém achou estranho quando lembrou que tinha que virar à esquerda na esquina de uma avenida que era paralela àquela onde se encontrava.

Você é a Pietra? Ontem eu trombei com o Toulouse-Lautrec, que me pediu para te entregar uma flor-de-júpiter que ele colhera na montanha encantada, disse o garoto que segundos antes estava consumindo psicoativos vaporosos não catalogados embaixo do toldo verde-bandeira do Starbucks, ao lado de um elefante de pele-anserina.

Agradei pelo presente e guardei na minha mochila sueca, presente de uma ex- namorada. Naquele dia eu estava especialmente irritada com o sol, portanto necessitava acelerar, fugir dos fótons que rasgam a epiderme sem compaixão, deambulando entre sombras perdidas e caracóis. Aquela ladeira não existia dois dias atrás, pensei. Melhor apelar para expedientes da imaginação e fingir que aquela angulação não é comigo. Como Sísifo conformado, vou patinando como os carros de tração dianteira (esqueci de avisar que já havia começado a chover), maldita subida dos infernos, vai descendo uma enxurrada de pilhas de zinco-carbono que me faz sentir numa fábrica de Barbies automatizadas. Quando chego ao topo, um motorista mal-educado acelera e inunda minha saia-calção recém-furtada durante um ataque inesperado de cleptomania — nunca antes diagnosticada, deve-se dizer.

Paro numa das poucas bancas de jornal que sobreviveram a vocês sabem bem o quê, e tento comprar balas de framboesa orgânica e cigarros mentolados, que

não existem mais há anos, fico sabendo, chocada. Dois senhores debatem se o ex-ministro do meio ambiente teria ou não aceitado aqueles mimos raros quando o latifundiário extrativista deu tapinhas em suas costas largas e afirmou que aquilo não era mais do que merecimento por sua trajetória singular na política agrícola. Estou com sede, tenho aquele suco de mamão com pitatia no refrigerador, preciso achar logo esse castelo para decifrar o enigma do...

Espera, você não é aquela artesã que ficou famosa por propor uma nova curva de defloculação da argila? Detesto interrupções, pensei, agitada. Não posso responder agora, desculpa. Mesmo acusada por investida fulminante de um grupinho pseudopolitizado ali ao lado de não respeitar a curiosidade epistêmica e o *lugar de fala* de uma cidadã honorável, mantive-me em minha trajetória elíptica até chegar numa tabacaria, onde Dercy Gonçalves conversava com Emiliano Perneta sobre os aspectos problemáticos do cultivo de cerefólio em Marte. Pedi um café gelado com três gotas de conhaque e me escondi debaixo da mesa deles, deixando ambos um pouco constrangidos, porém não o suficiente para interromper a conversa a respeito da teatralidade da cena e a teatralização do corpo do bailarino no balé triádico.

Outro dia me deram um sermão porque esqueci de guardar os absorventes dentro de uma sacolinha ao sair do supermercado, como era mandatório desde que

um beócio propôs um projeto de lei absurdo e os colegas mandriões, na falta do que fazer, aprovaram. Ainda estou no aguardo de um exílio político involuntário em Pyongyang, por isso achei melhor entregar a declaração do imposto de renda dentro do prazo, foi o que disse Tarsila ao se juntar à dupla. Meu palpite e a dedução do meu alter ego confluem para tal interpretação, ao menos segundo o conjunto de informações coligidas durante a despressurização da cabine de controle, perspectiva nevrálgica para a composição de minha visão de mundo.

Em uma mirada um pouco mais desnaturalizada, contudo, poder-se-ia compreender os fatos de outro modo. Imbricando a discussão sobre a ancestralidade dos corolários apriorísticos e o eufemismo do lero-lero, optei por intervir com a sugestão de um *ménage à trois*. Ao redimensionar as consequências das hierarquias autocráticas, aceitaram, e agendaremos para ontem às 19h15. Parece que o grupinho pseudopolitizado já se dispersou, vou-me indo, amigos, nos encontraremos em breve: ontem às 19h15, não se esqueçam, por favor!

Flanei por mais alguns minutos pelo bulevar até ver uma máquina de fliperama com Cyber Police E-Swat, que eu costumava jogar na época em que era idosa. Comprei vinte e duas fichas e comecei minha saga revivida. Eram tiros e pulos ágeis, upgrades com armaduras parecidas com as do Robocop, gráficos lin-

dos, uma aula de design. Gosto muito de cores, portanto comprei uma coleção completa de romances nórdicos em tradução para o italiano somente por causa do grafismo e da paleta em tons pastel das capas. Entretanto, no bar não tinha Sukita em garrafa, por isso fui embora mais cedo.

Atravessei a ponte que liga Porto a Vila Nova de Gaia, um dos meus lugares favoritos, prossegui pela avenida Paulista de bicicleta alugada até chegar na Kichijoji Sunroad, onde devolvi a Caloi 10 e caminhei até a Rahima Moosa. Lá peguei o trem para Frankfurt e desembarquei em Buenos Aires. E nada de castelo. Se eu estivesse em uma vila saberia distinguir potencialidades de trajetos a partir das arquiteturas, mas no meio do oceano fica difícil. Melhor procurar um parque, sentar um pouco, ver gente bonita correndo feliz e meditar.

No banco ao lado, Elizabeth Bishop proseava com Machado de Assis. Tentavam alcançar algum consenso sobre o uso da palavra **esclarecer**. Ele argumentava que não via problema algum com a expressão, dada sua interpretação sensorial para o verbo e seus derivados. Por outro lado, ela sentia um tom racista e a evitava, substituindo-a por elucidar, por exemplo. Machado, por sua vez, afirmava que não se precisava do conceito de *Aufklärung* segundo Kant, tampouco da derivação proposta por Horkheimer e Adorno — referências eurocêtricas evitáveis e vistas como nocivas em certos círcu-

los decolonialistas — para defender que a palavra não fosse extinta dos dicionários. Ora, desde os primeiros bípedes busca-se a luz quando se está no escuro, procurar pelo claro para se guiar está em nossa memória genética, linguística e por aí vai, argumentou um dos dois, não consegui identificar qual deles. Doente é quem relaciona essa metáfora simples à cor da pele, ou como algo positivo ou negativo.

Todas nossas falas são políticas, elas têm peso... Sim, eu sei, mas esclarecer é diferente de denegrir, por exemplo, essa, sim, palavra pérfida, por sua raiz explícita e de reverberação associada ao negativo. Se chafurdarmos na etimologia, veremos que 90% das palavras de todos os idiomas carregam algum tipo de preconceito, mal-entendido científico e histórico, dominação de classe, gênero e etnia... Queremos abdicar desse cosmo linguístico para nos expressar de modo binário? Se a resposta for sim, acho melhor voltar a andar de quatro e comer pasto.

O negócio esquentou, é melhor eu cair fora. Ei, mocinha, venha cá. Você saberia me dizer se, quando uso a palavra esclarecer, estou, por nosso chão histórico, confrontando, deliberadamente, militâncias e representatividades absolutamente legítimas e necessárias? Naturalmente, falamos aqui algo extemporâneo ao dito politicamente correto, que colige multiplicidades historicamente reprimidas e exterminadas, portanto de-

flagradas sem verve provocativa. O conteúdo daquela conversa era nitroglicerina pura, isso vale conversa para décadas, e tenho um castelo para localizar. Quando a confabulação chegou num ponto em que se proferiu a temida expressão *lugar de fala*, contudo, eles viram que o nível do antes fértil debate iria despencar em escalas astronômicas, portanto decidiram tomar um espumante e curtir o fim da tarde. Eu agradei à deusa atômica tupi-guarani por ter participado daquela animada conferência, mas saí correndo antes que meus pensamentos entrassem em ebulição lexical.

Quando estava saindo da Times Square, dei o azar de encontrar Wylder, do meu antigo trabalho. Fiquei insegura, porque ela/ele leva ao pé da letra a fluidez de gênero, mudando várias vezes ao longo de um mesmo dia, e, como consequência, sua preferência por artigos e pronomes masculinos ou femininos no tratamento para com a sua pessoa. Eu, particularmente, acho ótimo. Não fosse por ser bastante agressivo(a) quando emprega-se o pronome errado — devendo esse ser identificável segundo a forma como o interlocutor é contraposto por vibrações infinitesimais dos cílios no momento da abordagem, conforme me explicou uma vez. E da última vez eu errei. E causou irritação. E eu explodi.

Com licença, majestade, eu interrompi todos os meus afazeres para vir perguntar à sua excelentíssima se hoje vai querer que eu use ‘dele’ ou ‘dela’, quan-

do estiver me referindo à vossa excelência, porque eu não tenho mais nada o que fazer na vida, não, claro que não, tô sem nenhum trabalho acumulado aqui no escritório; é e será sempre um prazer inenarrável vir aqui para falar com você, todos os dias, para saber se hoje devo te tratar por ‘ele’ ou ‘ela’, ‘você’ ou ‘tu’, porque não quero ofender a sua sensibilidade de cristal e nem tomar um esporro na frente de todo mundo, porque falei ‘dele’ quando era para falar ‘dela’, e vice-versa. Mãe natureza, por favor, faça o tempo parar, porque o mais fundamental, neste momento de extrema harmonia no planeta Terra, é saber se devo usar ‘ele’ ou ‘ela’ no dia de hoje. Vamos esquecer que estamos próximos da maior extinção em massa desde o fim do período Permiano para saber com qual pronome essa bípede prefere ser tratada neste *fucking day*!

Quanto egocentrismo, puta que o pariu, haja paciência, não suporto mais pedante insolente vomitando condutas esquizofrênicas na minha fuça. E não me venha com essa de usar aberrações como delxs, meninxs, menines, bem-vindes, não, não, não, paremos por aqui, que não quero parecer uma retardada mental. Sim, o termo para esse tipo de gente é esse mesmo, retardada mental! Aos cagadores de regra, essa gente chata para um, já vou avisando: não estou me referindo a indivíduos com deficiência intelectual, estou falando de outras categorias, já conversamos sobre isso, aquele tipo

de pessxxs que usa elxs, el@s, elu, ilu, todxs, bem-vin-des a todes, estamos todes juntos, juntas, juntxs e juntas hoje etc., transformandx x idiomx em campx dx batalhx contrx x próprix língux, e quando digo língux, quero di-zer língux mesmx, x que fica nx boca. E você fica assim, falando igual a um idiota psicopata, achando que essa é a melhor estratégia para mudar a qualidade das condi-ções de vida num país pilotado por neofascistas. Vocês já entenderam o que aconteceu, né? Fui demitida por justa causa. Desde aquele dia, nunca mais tinha visto Wylder.

El(y) disse oi. Respondi com um olá. Perguntou sobre Helena, minha ex-namorada. Está bem, conver-sei com ela depois de amanhã, e sua família, tud(y) bem com el(y)s? Todes [sic] bem. Que bom, até logy [sic].

Esgotada, aterrissei na Champs-Élysées, sentindo que o castelo estava próximo, talvez logo ali, depois da Via Dolorosa, mas me lembrei que tinha esquecido de alimentar o molusco cibernético. Tadinho, sozinho em casa, ainda em luto pela morte do inseto semiótico, e com fome, provavelmente muita fome. Vou comprar um pouco de alfabeto cirílico para quando eu voltar. Passei na loja de cognatos mágicos e uma funcionária trans-lúcida me atendeu com má vontade, porque seu salário estava atrasado e ela não era obrigada a ficar puxan-do o saco de cliente. Aparentei não me incomodar com a grosseria, comprei o alfabeto cirílico completo e al-guns adjetivos em farsi, enchi os pulmões, xinguei ela de

manga-de-alpaca e saí correndo para debaixo da ponte, onde adormeci por alguns minutos ao lado de pessoas em situação de rua.

Quando acordei, a cidade estava iluminada por Fobos e Deimos, que abandonaram a órbita de Marte para vir fazer não sei o quê por essas bandas. Os astrofísicos ficaram perdidos e desacreditados, afirmando que aquilo era um atentado à lógica e às leis da gravitação universal. Os astrólogos, por sua vez, ganharam espaço na televisão, com mil e uma explicações para o fenômeno, todos cheios de si, convicções e sofismas. Em frente à loja de eletrodomésticos, dois gatinhos assistiram a tudo isso estupefatos. Os processos de disputas de narrativas eram evidentes, apesar de ocultos. O articulista do noticiário televisivo tentava, em vão, explicar as reverberações políticas para o acontecido, mas era muito complicado, haja vista que ele vivia no mundo da lua — seu maior defeito, e também sua maior qualidade. Quando eu cheguei em Venice Beach, percebi que a maré havia mudado bastante, e, em vez de ondas senoidais, viam-se ondas trapezoidais, proporcionando um espetáculo maravilhoso aos amantes de Mondrian. Puxei conversa com uma criança de bengalas, que me disse que em seus 59 anos de vida jamais havia assistido a episódio análogo.

Tentei estimular a revisitação da memória, e, sem tirar os indiscutíveis méritos do cérebro dentro de meu

crânio, falhei. Os sempre irreverentes atributos descor-
tinantes estavam protegidos dos processos deambula-
tórios e esquadrinhamentos normativos. Assim, fica a
afirmação segundo a qual as práticas da análise do dis-
curso estão, sim, presas a pontos de vista mais icônicos
ou dialéticos. Tentei articular, na condição de ouvinte,
as falas do oceano, tentando perceber alguma men-
sagem decodificada de Fobos e Deimos para mim. À
guisa de exemplo, parti para a transcrição fonética do
som marítimo, identificando a dominância da fricati-
va palatal surda e das consoantes alvéolo-palatais. De
nada adiantou. Excertos sem contundência. Enquanto
os unicórnios não tomarem o epicentro, as políticas de
aterramento não serão ressignificadas em nossa aldeia
terráquea. Despedi-me de Isidore Ducasse, que estava
sentado sobre um lençol estampado com cabalas lendo
o jornal de amanhã, e voltei para minha jornada, porque
o suprasumo do signo é o significante, ou vice-versa.

As coisas que mais gosto na vida? Nadar e pedalar.
Porém não tenho piscina nem bicicleta. Por isso estava
trotando. Mas sem roupa de ginástica. Consequentemente
um vira- lata albino de três patas e dois policiais
começaram a correr atrás de mim, como se eu estivesse
fugindo de algo, mas era o contrário, eu estava à procu-
ra, logo tive que acelerar até ultrapassar a velocidade
do som, com pés fincados no chão, para manter a aero-
dinâmica e não alçar voo. Para despistá-los, entrei no

meio de um drama satírico, até ser informada tratar-se, na verdade, de um ritual religioso que visava glosar os deuses da oralidade. Com dicção fescenina, louvei as criaturas intervencionistas e até ganhei aplausos dos crentes que admiraram meu empenho e minha projeção vocal. Convocaram, inclusive, um expert em pantomima, para compreender meu registro corporal. No intervalo, durante os sacramentos e os pagamentos de dízimos, fui me esconder no banheiro, onde um pústula nojento tentava seduzir uma adolescente. Sem hesitar, abaixei suas calças de moletom e disparei spray de pimenta em sua genitália, transformando tudo numa farsa atelana. Como um golpe de ar, esvaí-me daquela balbúrdia e, após confirmar que a perseguição militar estava encerrada, fui tomar uma água de coco com o holograma de Chun-Li que me encarava. Nesse ínterim, três pedestres foram atropelados. Por carros diferentes. Na mesma rua. Uma mistura de psicopatia, impotência sexual, semianalfabetismo e boçalidade resultavam nessa relação doentia de *Homo sapiens* XY e máquinas de quatro ou duas rodas, uma taxonomia que faz chacota da linha evolutiva da barbárie à civilização. Mas era hora de prosseguir.

Depois de concluir o Caminho de Hórus em menor tempo do que os principais corredores de 100 metros rasos da Confederação Dinamarquesa de Atletismo, alcancei a Piazza San Marco sorridente e esbaforida, onde

um Cro-magnon neofacista fazia um discurso sobre disputas interdinásticas e falocentrismo. Um garotinho vestido de marinheiro ria na cara do grupo de quinze ou vinte ouvintes, mas o pai decidiu levá-lo para tomar um sorvete de marshmallow defumado. Perguntei para o pipoqueiro onde ficava a aldeia maori de Whakarewarewa, última referência geográfica antes de eu adentrar o trecho final rumo ao castelo. Porém a maratona de Tóquio me atrasou um pouco. Aquele monte de gente de shorts, tênis com GPS e número nas costas achou estranho eu estar vestida com um casaco de pele herdado da Princesa Isabel — depois que um leilão para arrecadar fundos para uma reforma na estação espacial internacional ter fracassado, levando-a a tamanha irritação que decidi me ligar e dar de graça aquela peça rara de sua coleção. Deixei-me levar pelo fluxo e participei da corrida junto àquela galerinha simpática. Nos postos de hidratação, sempre havia uma velhinha solícita que me oferecia um copinho de vermute temperado com flunitrazepam e ácido gama hidroxibutírico, o que me deixava ainda mais animada. Fiquei pensando em como ela conseguia estar em todos os lugares ao mesmo tempo, mas aquilo deveria ser o resultado do paradoxo de Schrödinger. Um colega de prova confessou ter claustrofobia, sendo que o único local em que se sentia confortável era em provas de resistência. Leitor adicto de Cioran, ele havia sido abandonado pelo marido há dois

anos, pois o parceiro considerava esse hábito de leitura devasso e inadequado. Quando passamos pela Lady Gaga, que havia acabado de voltar do oráculo de Tebas, paramos para cumprimentá-la e elogiar a nova marca de maquiagem que fazia seu patrocínio. *Buenos dias*, ela disse depois de um aceno hipotético. Eu estava bastante preocupada com a integridade mental de um jardineiro que esculpia símbolos da maçonaria em frente ao parlamento, mas essa aflição ficou para trás quando adentramos o quilômetro 39 da maratona.

Para minha surpresa, meus filhos apareceram no meio da corrida para tirar uma dúvida. Ela queria saber como resolver uma equação polinomial monovariável de grau quatro; ele, a regência do verbo aspirar. Expliquei rapidinho e eles voltaram para a cápsula criogênica. Subitamente vários projéteis oriundos de pistolas semiautomáticas cruzaram nosso trajeto.

Euclides da Cunha, Dilermando e Filolau de Crotona disputavam para ver quem compreendia melhor a trajetória balística. Eu é que não ficaria ali para levar bala perdida na fuça, corri para o primeiro prédio com a porta aberta, subi uns nove andares por garantia e toquei aleatoriamente uma campainha. Lucian Freud abriu a porta e pediu para entrar com cuidado. Estava trabalhando em uma nova instalação. No chão da sala, um rosto gigantesco do avô desenhado em fileirinhas límpidas de benzoilmetilecgonina. Como ninguém é

de ferro, caí de cara naquela obra de arte esplendorosa, para o desespero do artista, que me expulsou do local — não sem antes eu dar uma rapada com as mãos cheias e enfiar tudo o que podia nos bolsos.

Psiu. No terceiro andar, durante a descida, Miss Cyclone me chamou convidando para uma ceia. Tinha queijo da Serra da Canastra, vinho chileno, pão lusitano e azeite macedônio. Com os dentes trincados e o pensamento na velocidade da luz, não consegui comer nada, mas bebi feito uma bezerra. Aceitei até mesmo alguns cigarrinhos aromáticos, que não eram mais do meu hábito há tempos. Conversamos sobre a profusão de cruzeiros na nova sede da prefeitura, desrespeitando sistematicamente, orgulhosamente e pateticamente o estado laico que, ao menos em teoria, regia aquele território, sem sofrer, contudo, qualquer forma de retaliação administrativa, pelo contrário. Parece que um funcionário com fobia de aeroplanos tentou escondê-las, uma por dia, de modo sorrateiro, no porão do edifício, porém foi pego em flagrante pela secretária responsável pela pasta da diversidade e dos direitos humanos, uma devota ultraortodoxa, fervorosa a qualquer tipo de dogmatismo e irracionalidade, que começou a disparar goiabas podres em seu subordinado. Somente com o cessar-fogo é que agrimensores puderam entrar para calcular os prejuízos estruturais ao prédio tombado.

Miss Cyclone contou sobre seus últimos amantes: um intelectual, um caminhoneiro, um poeta e um vendedor de pipoca. Não foi feliz com nenhum deles. Somente Pagu a satisfazia. Nesse ponto da conversa até cogitamos fazer amor, mas ficamos com preguiça. Quando estava amanhecendo, Florbela Espanca e Julian Casablancas chegaram trazendo baguetes para o café da tarde. Cabisbaixos, relataram um holocausto canibal psicodélico em pleno Camp Nou. Passamos, assim, vários meses juntos, até a ceia de Natal.

Na manhã seguinte, parti para o porto de Shanghai, onde Fassbinder e Dorothy Parker negociavam heroína com um mercador especializado em artrópodes semiaquáticos, solicitando minha ajuda para resolver a problemática das flutuações de preço segundo os princípios de oferta e procura, porém expliquei que, no campo ficcional, aquele imbróglio poderia ser resolvido rapidamente em cinco linhas e partiríamos todos felizes para Lobamba, com objetivo de encontrar o recém-coroadado rei de Essuatíni, cuja admiração pelo também recém-empossado Papa Inocêncio XIV não era segredo para nenhum de seus súditos, todavia Dorothy ficou intrigada ao ver que os números da loteria naquele dia foram 5, 8, 13, 21, 34 e 55, ou seja, uma sequência de Fibonacci perfeita, algo inédito até então, por conseguinte os marinheiros se revoltaram com a administração (privatizada em novembro) e os salários atrasados, deixando

ainda mais evidente os malefícios da mais-valia entre os subordinados de lábio leporino, apesar de estar manifesto, contudo, que os responsáveis pelas mazelas eram mesmo os legatários das capitânias hereditárias; entretanto, por não haver jurisprudência, tudo ficou por isso mesmo e assim seguimos nossos caminhos, transpirando óleos marrons-glacês e comendo baratas à milanesa enquanto monges transperipatéticos do Sião aguardam a garrafa de âmbar vitrocerâmico que chegaria pelo leito do riacho semiótico que circula a órbita de Plutão.

Minha odisseia estava indo bem, não fosse por uma dor nos joelhos que me fazia ficar lembrando da boca da mãe da minha filha, lábios finos em formato de morangos silvestres mofados que nascem dos caixões azuis-turquesa ao leste do norte do Saara, onde Beatriz tem uma banca de pérolas negras contrabandeadas de Marrakesh. Outra dificuldade imprevista surgiu quando o submarino nuclear israelense aportou em Copacabana e os substantivos entraram em motim contra artigos, adjetivos e advérbios, o que os anciões fluminenses com mais de 145 anos classificaram como fenômeno bastante similar à primeira revolta da vacina. Eu sabia que estava atrasada, talvez as portas do castelo já estivessem definitivamente fechadas para mim, no entanto prosseguia com a mesma paixão — sem, contudo, conseguir evitar desvios gigantescos, como o beijaço na praça Aza-di em protesto ao recrudescimento do regime teocráti-

co, onde eu não conseguia deixar de pensar, não sei por qual motivo, na língua adiposa de Huysmans, enquanto compartilhava ósculos lascivos com corpos cis, trans, pan, multivalentes e gêneros não binários. No meio daquela pré-orgia intergaláctica, suspeitei ter ouvido quatro vezes a palavra castelo, mas quando tentei sentir o gosto com maior exatidão percebi que não enxergava era nada. À vista disso, passei na drogaria em busca de algum fármaco legalizado que pudesse me trazer de volta o olfato, mas a atendente, que eu nunca vira na vida, me acusou de estar filiada ao grupo de trinta e quatro tirailleurs senegaleses que supostamente haviam sequestrado o som que vibrava entre 500 e 3000 hertz. Ela tinha a pele transparente, que permitia aos clientes avistarem até as suas mitocôndrias, exatamente como o ermitão cego de olhos brancos descreveu a mim sobre como seria a tipologia dos vindouros alienígenas do cinturão de Kuiper. Liguei para a NASA e caí fora daquela farmácia, sem esquecer de também deixar o alerta para um dromedário antropomórfico que estacionava seu veículo automotor à base de combustíveis fósseis com cara de despreocupado em frente ao estabelecimento comercial que estava em débito com os registros documentais e autorizações do corpo de bombeiros.

Na via de acesso à rota 66, trombei com dois filósofos cabo-verdianos que debatiam calorosamente sobre qual seria a canção mais emblemática da música

popular brasileira. O mais alto, a quem denominei P1, dizia ser a favor de “Check-up”, pela exposição perfeita da crise existencial do indivíduo pós-moderno dos anos 1970 dos trópicos subdesenvolvidos e pelo atraso do compasso vocal em relação ao instrumental, formando um malabarismo sonoro compreensível apenas a ouvidos absolutos e iniciados em música psicodélica. Por sua vez, P2 não abria mão de “Geórgia, A Carniceira”. Tomei um gole da água com gosto de mescalina e fui atrás de um patinete motorizado para cruzar a grande nação de Gilead. Alguns escravos fenotipicamente neomormons — ou protopentecostais, fiquei em dúvida — indicaram a mecânica Better Call Saul como o melhor bazar da república onanista para se adquirir uma máquina daquelas, com autonomia para várias milhas e quilômetros cúbicos. O dono era bastante mal-en-carado, me olhou com ódio só por eu ser mulher, já que fora educado dentro das condutas mais sólidas da misoginia muçulmana moderna, o que me deu razão para dobrar os joelhos e urinar bem na entrada de sua loja, tal qual a irmã de minha prima fizera quando a professora do terceiro ano não permitiu que ela fosse ao banheiro durante a aula de educação moral e cívica. Fitei-o com olhos anfíbios em transe e dentes aracnídeos prontos para a guerra, mas ele não passava de um cabaço do caralho que só mete bronca e não fez nada além de dar uns resmunguinhos que pareciam mais

o Baby Shark com prisão de ventre depois de ingerir leite semidesnatado.

Aproveitei-me da situação e atufei minha mochila com ímãs de geladeira que seriam usados como futura memorabilia nostálgica nos calabouços do castelo assim que eu aterrissasse lá. Certamente dariam um quê de mimesis performativa na decoração *art nouveau* que eu estava elaborando para aqueles aposentos lúgubres, quem sabe realçando alguma antiteatralidade protodramática para o território antes servil. A contrapelo daquela representação, meu duplo sugeria formas tecidas em fraturas e aliteraões que o individualismo *entrepreneur* deixava às margens dos fachos de luz univitelinos. Enfim, aquele rebuceteio arquitetônico que eu propunha para revitalizar o ergástulo quiçá seria deslindado ou segundo protocolos quânticos ou de acordo com as etimologias primitivas de Neue Amsterdam, qual fosse a essência da vanitas hodierna, expliquei eu aos filósofos cabo-verdianos, disse ela, pensei eu.

Não me considero audaciosa pela possibilidade de uma ilha ser descartada num lance de dados, tampouco degenerada por apreciar os sabores de uma dialética virulenta e impreterível, porém é fato notório que o pretérito imperfeito esculacha com a nossa vida cotidiana na mesma medida que aqueles malditos e esnobes verbos defectivos não me deixam abolir nada na primeira pessoa do presente mefistofélico. Se vocês estavam

com medo de uma bomba atômica assolapar aquelas terras de cretinos e lambe-botas, esperem por vir os atravessamentos de uma bomba de hidrogênio curtida no mais nobre puro urânio banhado por todo o ressentimento mais autêntico da burguesia pseudoilustrada dos ornitorrincos alados e carcamanos extravagantes, cujas lascas metálicas forjadas pelos jotuns paroxistas penetram até mesmo no hiato entre núcleo maciço e a eletrosfera. Ressaltamos que o pandemônio se instaurou mesmo tão logo o cervo composto por antimatéria cruzou a estrada sem avisar o caminhoneiro sofista que estava sem dormir desde a primeira Love Parede após a queda do Muro. Ao abalroar o animal lancinante, criaram um buraco negro nas franjas da Via Láctea, levando uma dúzia de pós-estruturalistas da extinta Basílica da Sorbonne a elucubrar sobre as contingências quânticas e sua incompatibilidade com a relatividade geral, mesmo sem nem saber como resolver uma trivial integral ou derivada.

Ao finalmente compreender a problemática do embuste randômico, qual não é minha surpresa ao tropeçar em minha própria sombra, levando os filósofos cabo-verdianos

{juntamente com os autômatos supermarionetes que haviam se imantado a eles e, desde então, gravitavam sua órbita como moscas volantes para indivíduos sem sorte e com síndrome de enxaqueca} a cair no riso

infinito sem decoro algum. Eu nunca fui de dar carteira-da, mas fiquei tão puta que escancarei minha genealogia, revelando que minha mãe era Alfred Jarry e meu pai Susan Boyle — preferi ocultar que era meia-irmã de segundo grau do Visconde de Sabugosa. Chocados e com medo, pediram perdão e me prometeram um banquete com pizza de estrogonofe, pastel de hambúrguer de picanha, sashimi de melancia, Coca-Cola sabor Guaraná e balas de iogurte assim que tocássemos os narizes dos moais da Ilha de Páscoa.

Assim que pisamos numa cidade sem esquinas, recebi ordem de prisão. Pelo que ouvi dos policiais no trajeto rumo ao presídio, o imbecil que provisoriamente ocupava a cadeira da presidência — um sujeitinho de ideias ralas e QI de vinte e sete, fantoche vulgar de coroneizinhos sexualmente impotentes e especuladores financeiros semiletrados que pilotam caminhonetes de duas toneladas mas têm cérebros de cinquenta gramas — estava, por alguma razão que, naturalmente, escapa à lógica e à cronologia dos fatos, incomodado com a minha odisseia. Possivelmente queria desvendar os castelos e seus segredos antes de mim.

Para irritar o motorista do camburão, comecei a entoar cantos xamânicos em pentâmetro iâmbico, levando o cidadão a fazer o sinal da cruz em cada acento tônico de minha melopeia. Um dos policiais rezava baixinho, pedindo ao seu deus de olhos azuis- celestes

e cabelos hidratados para que eu parasse em nome do senhor. O outro, mais impaciente com a vida, o salário e os hippies e hipsters vagabundos que infectam esse mundo, mandou logo foi uma chapulexada no meu pavilhão auricular, deixando um zunido estridente que certamente será sentido pelas próximas cinco gerações dos meus descendentes.

Colocaram-me numa cela de seis metros quadrados, junto com um vaso sanitário, uma pia e outros noventa prisioneiros — homens, por ordem expressas do mandatário. Trinta haviam sido presos por porte de *Cannabis sativa*, uma plantinha rara que tinha potencial biotecnológico, médico e econômico quase infinito, mas que era temida pelos sacerdotes daquela teocracia encardida e por uma instituição que eu não entendia bem, mas que eles chamavam de bancada da bíblia; um por porte de três cartelas de LSD, quatorze comprimidos de MDMA, treze gramas de *Salvia divinorum*, dezesseite gramas de *Amanita muscaria*, mais traços de *Datura stramonium* no estômago; vinte e quatro por estupro; cinco por homicídio triplamente qualificado; dois por desacato à autoridade e vinte e oito por questões relativas à necropolítica local.

A policial que fez a inspeção em minha cavidade vaginal disse que rezaria por mim todas as noites, era só eu ter fé que logo sairia de lá, talvez pegasse apenas uns vinte e cinco anos em alguma penitenciária de seguran-

ça máxima, bastava eu implorar perdão de joelhos aos quarenta e oito milicianos que ocupavam os ministérios civis do governo e ao bispo responsável pela pasta de ciência e tecnologia. O guarda de capa azul-ferrete me empurrou com um pontapé para dentro da cela onde meus companheiros me aguardavam ansiosamente.

Ocorreu tudo exatamente como eu previa. Depois de exatos 23 segundos, já me tratavam como senhorita Milady Macbeth, oferecendo-me água importada das mais nobres estâncias suíças e várias fileirinhas de um pozinho amarelo-cobalto delicioso que eles colocavam em cima do espelho. O lugar ficou um brilho! Seguindo as minhas primeiras ordens, disparadas já no meu segundo minuto lá, meus parceiros de cela fizeram um faxinão nos trinquês. Lá era um pouco apertado, ok, mas de resto tudo correndo às mil maravilhas — com exceção, claro, de mais um atraso em minha viagem. Porém não passaram nem três horas e Maria van Oosterwyck — junto ao seu advogado, o não menos eminente *signore* Cesare Beccaria — chegou lá com um *habeas corpus* tão habilmente redigido que fora consagrado pelo Booker Prize do ano em questão. Você está livre, pode ir.

Como nevava muito, pedi uma jaqueta laranja de capuz felpudo emprestada ao Serginho, que gentilmente havia sido meu auxiliar para assuntos prisionais e escalafobéticos durante a minha breve estadia. Um motociclista míope me ofereceu carona até a estação

de abastecimento de água e tratamento de esgoto de Bajanchongor, onde meteorologistas e geólogos se debruçavam sobre intrincados gráficos de índices pluviométricos, procurando alguma alternativa para resolver a crise mundial de escassez de recursos hídricos — os sanguessugas de Washington, por outro lado, estavam mais preocupados em encontrar as últimas gotas de petróleo perto do núcleo da Terra. No 11^o *arrondissement*, havia uma montanha de lixo do tamanho da Pirâmide de Quéops logo em frente à uma boutique da Chanel. Como meu desodorante estava vencido há tempos, fingi testar algumas fragrâncias recém-lançadas (nas axilas). Dōgen Zenji, que comprava um perfume amadeirado com notas de vetiver e patchouli para sua sobrinha mais nova, mãe de seu padrasto adotivo, disse-me, assim que viu o estado putrefato do meu tênis cano alto, “respire os gases transpirados gentilmente por nosso planeta, alimente-se com suas raízes tuberosas, beba seu sangue insípido e incolor, dê valor à jornada e aos seus itinerários, ignore os diletantes e chegue ao seu almejado castelo”. Tá certo, meu senhor, agradeço pelo conselho e por essas três moedas intangíveis, vou usá-las para comprar um refrigerante de baixa caloria na sétima máquina da ala oeste do aeroporto internacional de Jacarta.

A nevasca está apertando e não faço mais ideia aonde ir. Meu faro tem falhado nesses dias álgidos. Imaginem meu espanto quando vejo o próprio Robert Wal-

ser caminhando pela 9 de Julho com um sinalizador luminoso vermelho-cereja, acenando para eu segui-lo. Andamos em círculo por duas horas até chegar no balão mágico, que estava estacionado em plena avenida portenha. As condições meteorológicas não são as mais favoráveis, não obstante temos que decolar imediatamente, Gombrowicz nos aguarda em sua fazenda ingente para o chá das cinco e quinze. A aeronave analógica balançava mais que a arquibancada do Maracanã em dias de jogo do XV de Jaú, e o sem-vergonha do Walser, em vez de me acalmar, ficava aspirando gás hélio e rachando o bico até mijar nas calças. Peguei o paraquedas reserva e abandonei o aeróstato dando um belo triplo carpado hermenêutico. Já nos primeiros segundos de queda trombei com um pombo que parecia um frango de natal... a radiação da bomba que caiu em Londres devia ter afetado a fauna local, pois o bicho devia pesar umas três arrobas.

Lembrei-me de um restaurante basco que servia couve-flor com raspas de mamão-de-corda. A propósito, quando fui jantar lá pela última vez, uma senhora escarrou em minhas bochechas ao ver que abri um livro do Céline ao tomar um café no final da refeição. Descobri com o garçom seu endereço e mandei para ela a coleção completa da obra de Ezra Pound. Pensei até em polvilhar algumas páginas com um pouquinho de esporos do bacilo antraz, mas resolvi guardar para

outra ocasião mais propícia. Mais ou menos na metade da queda, um furacão me mandou em direção à Ilha de Chipre, sendo que caí exatamente no sítio arqueológico onde teriam visto pela primeira vez a manifestação de Afrodite. Um dos pesquisadores que empreendia uma nova investigação no local pensou que eu era uma paraquedista espiã do exército bielorrusso, chamando a polícia para me conter. Duas horas depois, quando chegaram, eu já estava atravessando os portões de Brandemburgo. Alguns ex- alunos meus, da época em que ministrava cursos no Centro de Reeducação Trotskista Passe Livre, vieram correndo em minha direção para pedir autógrafo, parece que meu périplo estava sendo filmado por drones desde o começo e transmitido ao vivo pelo YouTube, estimulando alguns jovens, inclusive, a se alistar em seitas fenícias que louvavam a geometria em detrimento da aritmética...

Evidentemente, muitos outros aspectos de minha odisseia poderiam ser apresentados, porém, para sublinhar os expedientes práticos fundantes, digamos que a elasticidade idiomática de minhas narrativas estivessem em consonância com os focos infecciosos que aquela civilização histórica chamava de *logos* e *pathos*, onde desobediências estético-sociais desfrutavam de indiscutíveis méritos compartilhados com os rituais de fertilidade, refratando os discursos do imaginário anti-naturalista. Nessa sociedade, sempre que as intenciona-

lidades adentravam um processo significativo de epici-
zação da linguagem, uma marmota era convocada para
sair da toca, sinalizando se éramos borboletas sonhan-
do ser velhos chineses, ou o contrário. Viabilizada por
metodologias militantes significativas, alicerçadas em
chão histórico imaterial, nossa comunidade propunha
o amálgama do ético com o estético – não sem proble-
matizações intrínsecas à meta. Apartada de apologias
esvaziadas, eu me contrapunha, sempre a partir da ine-
xorabilidade do lírico e por meio de aparatos material-
izadores da fábula erudita de transmissão oral.

Nossos vizinhos, por sua vez, digladiavam rumo
ao abismo, com seu corpo social polarizado entre dois
extremos, graças ao retrógrado sistema personalista de
poder. Sem ter em mãos a ferramenta de nome ceti-
cismo, uns eram rebanho servil do líder assassino, ig-
nóbil e bufão chamado Borístenes, um sujeito incapaz
de ler uma palavra com mais de cinco letras, o que dirá
reger uma sociedade com milhões de habitantes e me-
tros quadrados, ao passo que outros eram manada do
partido “puro” e de Lucílio, sujeito de boas intenções
e muito competente na diplomacia com outros povos,
apesar de contar algumas mentirinhas, como o fato de
que não tinha, sozinho, tirado 800 bilhões de pessoas
da miséria, tampouco dito *não!*, quando um construtor
bizantino deu uma piscadela esperta e ofereceu uma
reforminha em seu palácio. No entanto, a maior parte

da população, presa a uma maturidade intelectual de pré-adolescente, graças a perversos processos históricos de colonização, exploração, submissão e abuso cognitivo-econômico-existencial, era incapaz de enxergar uma outra via — que, cá entre nós, também seria, provavelmente, medíocre e perversa — para evitar o colapso dos sistemas de produção de sentido e alternância no poder entre santinhos do pau oco e genocidas descarrados. Fora os lotófagos das latitudes clandestinas, alguns poucos conseguiram escapar do extermínio inexorável da nação (no caso, os que aderiram ao niilismo cínico ou ao hedonismo tântrico).

Eu, por outro lado, vinha de uma terra em que se buscava a não unanimidade, como forma de nos preservar do destino doloroso de nossos contíguos. Havia, como sempre, alguns rebeldes fanáticos loucos para virar cordeirinho e seguir com devoção irracional ao Papai Noel, Coelhozinho da Páscoa e companhia. Por sorte, quem mediava nossos debates eram os neodadaístas de Gonaïves, ateus sarcásticos de temperamento inflexível, salvaguardando-nos de decisões simplórias e binárias. Por conseguinte, a primeira palavra que disse aos meus ex-alunos *geeks* naquela inóspita tarde berlinense foi “não”, atingindo em cheio as suas sensibilidades mimizentas como um *uppercut* direto no queixo. Para não dar sorte ao azar, marchei para a *Autobahn* mais próxima, acelerando com índices exponenciais.

Enfim, alguma coisa me fazia suspeitar que eu estava próxima do castelo, os efeitos de reconhecimento e reviravolta pesavam no ar, mas quando percebi que eu não passava de um chiclete sabor tutti frutti na boca de um boquirroto conspiratório (que acreditava, vejam só, ser a mídia a responsável por todo ‘o mal’ do universo) a caminho da Confraria dos Amantes Polimórficos da AK-47, concluí, putz, fodeu geral.

C oração hermenêutico costurado em desalinho. Foi o que meu pai disse à minha mãe, quando se conheceram, ao vê-la tentando decifrar o enigma cabalístico. Ele era engenheiro mecatrônico, ela linguista. Conheceram-se no projeto que investigava artefato cognitivo e rapidamente se apaixonaram, segundo eu soube. No primeiro encontro, após o trabalho, conversaram sobre os cadernos de cultura, automóveis elétricos, sexo, mudanças climáticas, fotografia e filatelia. Versaram também sobre as instâncias de poder atávicas, a doutrina liberal-burguesa e as personalidades egóicas de alguns de seus colegas. Discorreram, ainda, pelo que dizem, sobre uma nova antologia de obras moralistas que estava sendo editada por pastores deputados terraplanistas. Transitaram, por fim, entre temas tingidos pelo dialogismo de fábulas epistêmicas com a mesma fluência que pelas estratégias biomecânicas mais eficientes para se bater um pênalti em final de campeonato. Eram, como se diz, pessoas ecléticas.

Juntos, avançaram bastante na pesquisa do código-fonte do artefato travestido de algoritmo quaternário que estava perturbando todos os sistemas computacionais do planeta, desde bolsas de valores até laboratórios

de aceleração de partículas. Num primeiro momento, suspeitaram que se tratava de algum distúrbio causado pelos novos modelos de inteligência artificial. A computação quântica havia potencializado esses sistemas, que adquiriram uma autonomia jamais imaginada. A investigação mais a fundo, no entanto, mostrou que o problema poderia ser ainda mais complexo. Suspeitava-se que o modo de vida contemporâneo estava sob ameaça. Não que eles ligassem muito, niilistas que eram, *but the job should be done*, sempre afirmavam. Juntamente com matemáticos, estatísticos, neurocientistas e programadores, tentaram dissecar as variantes daquela linguagem estilizada, eximida de signos supérfluos, eficiente em seus propósitos opacizantes, conforme descreveram os relatórios do período. Alguns transbordamentos com relação à estrutura da computação quântica eram percebidos, sem, contudo, haver alguma explicação razoável sobre como aquele tipo de fenomenologia era possível. Ao inventariar os símbolos cognitivos cifrados naquele idioma rizomático, tentaram, num primeiro momento, transcender as alegorias numéricas das transformadas de Hilbert e das relações de Kramers-Kronig, porém, ao que parece, não obtiveram sucesso.

Nossa casa tinha decoração ao estilo escandinavo e uma biblioteca com variadas edições de *Em Busca do Tempo Perdido*, as quais infelizmente ninguém conseguiu ler, devido à nossa nociva predileção fami-

liar por autores malditos e *enfants terribles* sádicos. Os dois passavam boa parte do tempo pesquisando a solução para a equação melindrosa que poderia resolver o distúrbio tecnológico, usualmente por vias heterodoxas, ou seja, não balizadas ou referendadas pelo corpus teórico à disposição das ciências computacionais, da matemática aplicada e dos estudos linguísticos. Salvaguardados do coro crítico, entretanto, desencanados que eram, conseguiam trabalhar com bastante liberdade, até que meu pai, segundo dizem, ficou puto quando um apedeuta assumiu o ministério da ciência e tecnologia, e decidiu fazer uma *live* pelo canal oficial do laboratório, quando mostrou toda a sua insatisfação por aquela conjuntura que considerava anticonstitucional. Afirmou que era uma infâmia o imbecil delegado para ciência e tecnologia ser um ocultista que tinha certeza absoluta que a Terra era plana e que o Sol girava em torno dela, tanto quanto a pasta da educação ficar a cargo de um iletrado que pregava banir de todos os currículos o ensino de matemática, física, química, biologia, história, geografia e dos estudos da linguagem. Como se não bastasse, disse que o ministro da cidadania era um conhecido genocida cujo objetivo era exterminar mais alguns milhões que ele julgara ter escapado, injustamente, dos eventos dos quais todos nós sabemos; que o ministro da saúde tinha o apelido de exterminador de futuros, e nada mais pre-

cisaria, portanto, ser dito; que o ministro do turismo queria atrair estrangeiros para passeios no maior lixão do continente, numa área antes conhecida como Mata Atlântica; lembrou a todos, ainda, que o das relações exteriores estava proibido de entrar em 194 países, sem contar o fato de que 99% de seus diplomatas tinham conseguido a façanha de ter seus passaportes apreendidos até mesmo naquela terra de lei leniente aos poderosos; que o das comunicações era mitômano; o chefe da casa civil, farsante e corrupto; o ministro do estado e da segurança pública, corrupto e mentecapto; o do estado da defesa era energúmeno e estelionatário; o da economia, laranja; e, para finalizar, que o procurador-geral da república era um banana pusilânime, corrupto e mau-caráter, cujas relações com o presidente daquela zona toda eram, digamos assim, para usar um eufemismo, mais que carnavais. Ah, sim, disse o mesmo sobre o então presidente da câmara. Pois bem, fomos perseguidos por coronéis, milicianos e devotos fanáticos, e tivemos que mudar para um rancho semiabandonado nas bordas entre dois países em colapso. Dizem eles que o meteoro caiu nessa época, numa noite posterior a uma geada intensa. A esse propósito, meu pai me emprestou, quando eu tinha quinze anos, a tese do físico Jean Valdovic, cujo título “Síntese de Óxidos Anódicos Sobre Alumínio em Eletrólito Contendo Íons Ag⁺ para Aplicação em Fotocatálise Heterogênea

de Polímeros Fotodegradados” já me despertou enorme preguiça, de modo que não a li.

Seu maior medo era que eu sucumbisse a reflexos mentais antiteóricos quando crescesse. Julgava-me inteligente, porém as forças das parábolas cristãs flanavam por aí em busca de vítimas incautas. *Media vita in morte sumus*. Sempre gostava de indicar as diferenças entre Wilhelm Meister e Lucien de Rubempré. O primeiro, fascinado por teatro desde os primórdios de sua infância, quando as representações de marionetes despertaram seu interesse. Em busca da criação de um teatro nacional, Goethe valorizava desde início o “espírito alemão”. Comparações entre o teatro francês e inglês surgem aqui e ali ao longo d’*Os Anos de Aprendizagem*. Shakespeare emocionava de tal modo Wilhelm a ponto de ele não conseguir finalizar sua leitura. Por outro lado, existem inúmeras críticas ao povo alemão e sua dependência cultural em relação a outras nações. Frequentemente Goethe cede seu discurso aos personagens do romance. Existem várias falas extensas e por meio delas o autor tece suas reflexões filosóficas, linguísticas e literárias. Considerações a respeito do drama e do romance aparecem ora no texto, ora na exposição subjetiva de algum personagem. Após a desilusão amorosa com Mariane, Wilhelm percorre longas jornadas buscando seu sonho de viver de teatro e à procura de um aperfeiçoamento para sua formação. Sua postura é sempre muito

digna e modesta diante da trupe formada ou daqueles que passam a admirá-lo.

Por sua vez, a trajetória de Lucien de Rubempré, jovem poeta ávido por alcançar todo tipo de glória, é tumultuada. Quando chega a Paris, apesar do deslumbramento e das malsucedidas tentativas de se igualar nos trajes e costumes aos cosmopolitas parisienses, ele ainda preserva em si um traço de inocência romântica no idealismo de sua busca por honra literária. Mostra-se vaidoso e desesperado em ter a aprovação da sociedade, assim como já havia se comportado na casa do Sr. de Bargeton durante o sarau. No entanto, essa tentativa de adequação ainda é movida por sentimentos que ele considera nobre. A glória literária é vista como algo sublime e grandioso. Na medida em que ele adentra cada vez mais no círculo dos jornalistas e se afasta do Cenáculo, suas aspirações utópicas cedem lugar a desejos mundanos. A partir desse momento, a literatura ou o jornalismo são meros veículos em potencial para conduzi-lo à ascensão social. O personagem ganha profundidade com isso, pois deixa transparecer sentimentos mesquinhos e pensamentos perturbadores, até então encobertos pela pureza de sua busca e divindade de sua beleza. O romance torna-se então ainda mais ácido e direto em suas críticas. Se no início o panorama de caracterizações centrava-se no confronto entre a vida burguesa e aristocrática e nas comparações entre o cotidiano da provín-

cia e de Paris, a partir da introdução dos bastidores do jornalismo e da boêmia vida teatral, a crítica incessante passa a revelar todo o jogo de poder e a deslealdade desse meio, o qual o próprio Balzac vivenciou.

É interessante notar que essa mudança de perspectiva no rumo do personagem também é notada no estilo da narrativa. Se na primeira parte notam-se alguns traços de influência romântica, como o amor platônico por Luísa, imagens idealizadas da província e certo sentimentalismo nas relações de Lucien, na segunda parte o romance assume caráter fortemente realista, por meio do amor carnal com Corália, imagens não idealizadas tanto da Paris reluzente como da fétida e suja, e, principalmente, por meio da objetividade com que Lucien passa a ser mostrado, com todos os seus aspectos negativos. O angelical poeta transforma-se finalmente em um ser humano de carne e osso, com suas contradições e fraquezas, que, ao invés de diminuí-lo, fazem crescer mais ainda a fascinação por personalidade tão peculiar. No momento em que Lousteau o questiona sobre ele ser clássico ou romântico, o protagonista imediatamente devolve a pergunta: “Quem são os mais fortes?”. Lucien é uma pessoa extremamente influenciável e ajusta não apenas seu comportamento, mas também sua personalidade, de acordo com o ambiente. Se no Cenáculo cultuava o espírito de poeta genial, entre os jornalistas criou um personagem astuto

e sociável, enquanto que na alta sociedade portava-se com um nobreza cínica e superior. Essas artimanhas de sociabilidade foram em grande parte a causa de seu súbito sucesso e rápido declínio.

As tumultuadas aventuras vividas por Lucien não foram absorvidas como conhecimento prático de mundo. Após todos os infortúnios de Paris, o poeta conserva ainda todas suas vaidades a ponto de ser capaz de afirmar-se heroico quando aclamado na sua terra natal. No fim, surge o diplomata espanhol como *deus ex machina*, disposto a evitar o suicídio precoce do jovem e ajudar a sua família. Apesar de sua última carta a Eva ser desoladora, pois afirma ter vendido a sua vida e estar pronto para recomeçar uma existência terrível, esse gesto de modo algum é dotado de um altruísmo inocente. Lucien ainda espera triunfar sobre todos.

Pois bem, filha, Wilhelm e Lucien têm em comum o amor pela arte, mas suas vidas são conduzidas de maneira muito diferente. Enquanto o primeiro busca conhecimento, o segundo está atrás da glória; Wilhelm é cercado pelos enigmáticos acontecimentos envolvendo a torre e sua carta de aprendizado, enquanto o ateu Lucien é rodeado de personagens pragmáticos; os amigos de Wilhelm resolvem muito rapidamente problemas com facilidade, ao passo que Lucien é enganado e traído constantemente. Nunca se esqueça disso. Ele se preocupava muito com a analogia entre ideologia e esquizofrenia.

Um dia, pelo que falam por aí, meus pais saíram para uma caminhada noturna. Pegaram cachecóis, gorros e bastões de caminhada — papai sofria de leve condropatia patelar e mamãe rompera o menisco algumas vezes. Os vagalumes estavam agitados, dançando ao redor de colmeias, como que propondo cópulas transgênicas. O céu, em particular, dispunha-se em matizes inusitados, quase levando-os a pensar que se tratava de aurora boreal, não fosse impossível o fenômeno para aquelas geografias subtropicais. Completando o cenário, alguns meteoritos riscavam o horizonte. As fábulas daquela região, inclusive, tomavam como ponto de partida uma curiosa mistura de mitologia etrusca com o conhecimento astronômico dos incas amazonenses — foi o que li na revista do consultório onde vou semanalmente.

Quando chegaram à estrada que liga as fazendas e a vila mais próxima, notaram uma estranha agitação perto da cerca de um dos sítios. Uma avestruz de pescoço curto galopava em velocidade, com curvas bruscas, relinchando, como se um cavalo fosse, e promovendo em movimento que traçava no chão, em perfeição de poucos decímetros [segundo o olhar clínico de meu pai], o símbolo do infinito. Deve estar prenha de um ovo dourado, essa raça é conhecida por uma conexão cósmica com os espíritos da geada, é o que diz uma crença conhecida do vilarejo onde cresci. Não deixaram de ficar, contudo, agoniados com a cena, pois parecia que ela estava com

dor. No entanto, não havia mais ninguém ali, e não faziam ideia de onde ficava a sede daquela propriedade. Pragmáticos que eram, foram embora, mesmo de coração partido, com receio que o animal pudesse ter algum tipo de dificuldade no momento de expelir o zigoto. Era melhor, contudo, deixar o curso da natureza seguir seu trajeto. Cortaram caminho pela plantação de milho vermelho e voltaram ao chalé, foi o que me contou meu pai, após explicar-me como se encantou pela matemática logo cedo, ao se deparar com a identidade de Euler: $e^{i\pi} + 1 = 0$. O enigma daquela combinação perfeita de elementos era fascinante. Seria resultado de nossas próprias operações humanas, que criaram aquela ciência exata, ou algo transcendente operava por trás das leis da natureza que insistíamos em desvendar? Minha mãe, por sua vez, falava dezoito idiomas, de cinco troncos linguísticos diferentes, e conseguia visualizar mentalmente poliedros de centenas de faces. Desenvolvera, inclusive, alguns teoremas ousados a respeito do rombicoidodecaedro.

```
#include<math.h>

int main(){

float artefato [7];

int i;

struct{

int numero 7*log5i;
```

```

float valor;

char tipo;

}cognitivo;

/*Inicializa artefato*/
for(i = 0; i < 10; i++)
{ projetos[i] = 0.0;

if (artefato.tipo == 'R' || artefato.tipo == 'r'){
projetos[cognitivo.numero] = projetos[cognitivo.numero] + artefato.valor;}

mat3Mult=multiplicaMatriz(mat1,mat2)print("Multiplicação:")
imprimeMatriz(mat3Mult)

BEGIN

Retorna_Raio:=copiame.r;

END;

PROCEDURE Move(var altereme:Circulo;dx,dy:real);

void ponto::mostra(void)

{cout << "X:" << x << " , Y:" << y << endl;}

void ponto::move(float dx,float dy)

case 7: semantico.movedir();

break;

default: ;

} //fim do bloco de código do switch-case

if (semantico.tstsolucao()) opcao='s'; //sai do loop de menu

} while ((opcao!='S') && (opcao!='s')); //loop menu Boolean contem(int el)const;

void insere_primeiro(int elem);

int* remove_primeiro();

void mostra()const;

~lista(void);

```

A derivação computacional do artefato cognitivo nº7Vlog5ie tem trilhões de variáveis. Quando pensam que estão próximos de um novo ângulo de ataque para resolver de vez por todas aquele colapso esfíngico, voltam à estaca zero. Um jihadista descobriu um novo tipo de dália no deserto de Kalahari, após ver cinco crianças brincando sob os destroços de um Airbus A38. Ali perto, foi encontrado também o corpo tísico de uma acrobata uzbeque que tinha dificuldade com os verbos transitivos indiretos da língua portuguesa e com a declinação do finlandês. Por fim, localizaram o paciente zero da estranha patologia causada por um protozoário não catalogado que exterminou 1/3 da cidade de Penedo; suspeitam que o vetor epidemiológico tenha sido um vira-lata albino de três patas sempre visto nos arredores do Palácio Imperial de Petrópolis. Um grupo de sujeitos placebos de Zeulenroda-Triebes, de um experimento que testava uma nova classe de antidepressivos betabloqueadores, quase sofreu um ataque nervoso depois que ajustaram a frequência de um transmissor da rádio local. Acontecimentos como esses fizeram mais pais suspeitarem que esses tipos de distúrbios poderiam estar associados aos efeitos exógenos do artefato cognitivo fora de sistemas computacionais, portanto decidiram utilizar os azulejos de Penrose e a teoria dos jogos para atacar o problema...

$$E = \{(x,y,z) \in \mathbb{R}^3 : -1 \leq x \leq 1, 0 \leq y \leq 4e, 1 \leq z \leq 2+x^2+(y-3)^2\}$$

$$V = \int (2+x^2 + (y-2)^2) dA - \iint_R dA$$

$$\lim_{x \rightarrow -1} (x^3 + y^3 - 7y)$$

$$V = \int_3 (x^2 + y^2 - 3y + \cos 5) \, dy dx$$

para tanto

$$f = \sum_x f_x = \int (7-5x^3)$$

$$E = \{(x,y,z) \in \mathbb{R}^3; (x,y) \in \mathbb{R} \text{ e } 0 \leq z \leq 7-5\log x-2\cos y\}$$

$$V = \int_R (7-5x-2\log 13y) dA$$

$$\psi(x)=N\sqrt{h}\exp\left(i p_0 x/x^2a^2\right)$$

$$I\psi(t_0)=1/\sqrt{3}\left(|u_1\rangle+|u_2\rangle\right)$$

$$\lim_{x \rightarrow 3} (x^2 + y^2 - 3y + \cos 5)$$

$$f = \sum_n f_n a_n = \int f_n a_n \psi_n$$

$$V = \int_R (x \sin(\pi y)) dA$$

$$f(x,y) = x \text{ e } B \text{ a regi\~ao compreendida entre os gr\'aficos de } y = 3 - \cos x$$

$$\text{com } 1 \leq x \leq \pi$$

$$d^2x_0/k\,dt^2 + \dots + X X X_i M^{-1} \zeta \, dx_0^i \, dx_0^j \, \partial^2 x_l / \partial t^2 \, dt \, \partial x_0^j \partial x_0^i$$

sendo que a equaça\~o de movimento no sistema de coordenadas S0 ter\'a a for-

$$\text{ma: } \text{lij}(\log e)^2 X_i M^{-1}$$

$$\zeta \, X \, dx_0^i \, \partial^2 x_l / \partial t^2 + \partial^2 x_l = 0$$

No campo da linguagem, por exemplo, quinze estudantes de uma *high school* do Texas chegaram na aula, do nada, falando farsi fluentemente num 5 de julho, o que espantou os professores, que ligaram para o Departamento de Estado, que os levou amordaçados para interrogatório na CIA, suspeitando se tratar de terroristas domésticos. Por sua vez, todos os habitantes do Haiti

acordaram falando húngaro, como se os franceses nem por lá tivessem passado. E os soteropolitanos então, que ganharam na virada do ano um súbito acento lisboense, e vice-versa, causando um rebuliço na pesquisa do professor Noam Chomsky, que trabalhava num dicionário de dialetos e sotaques neolatinos.

Perto da cerca onde o avestruz de pescoço curto traçou no chão o símbolo do infinito, nasce um tipo especial de amora, quase um híbrido com framboesa, a fruta favorita de mamãe. Hoje de manhã, depois do café extraforte, foram colher algumas para fazer geleia. Ela é muito boa em assar pão integral, levaram quilos de grãos para o chalé: castanhas, amêndoas, nozes, pistache, amendoim, macadâmia, avelãs... Combina muito com geleia de frutas vermelhas. No meio do caminho, um grupo de ciclistas do coletivo de *mountain bike* da região desviou seu suposto trajeto para perguntar sobre a localização da Kangchenjunga, onde eles tinham uma reunião marcada com um analista de criptomoedas disposto a patrocinar o coletivo, que retribuiu a informação com o jornal do dia anterior, cuja manchete versava sobre o desdobramento do assassinato do célebre biólogo que propusera, com todo o rigor da metodologia científica, a reclassificação taxonômica da família presidencial, uma vez que uma série de características genéticas e fenotípicas evidenciavam que não pertenciam à espécie *sapiens*, caracterizando uma surpreendente e inédita

involução natural, o que levou seu grupo de pesquisa a classificá-los apenas como *Homo*. Conforme a reportagem muito bem explicou, o Grupo Miliciano Vivendas da Barra assumiu o atentado e se consolidou como a principal voz armada do governo, superando os então todo-poderosos gabinetes paralelo e do ódio, além de sobrepujar, ainda, os novos comandos paramilitares do reino dos monoteístas e os terroristas domésticos do Atlântico Sul. Não bastasse tudo isso, o líder do coletivo de ciclistas havia descoberto uma raríssima leucodistrofia metacromática da forma adulta, que só não o deixou mais fulo do que o reconhecimento tardio, digamos assim, com um pequeno atraso de dois mil anos, da igreja católica em finalmente passar a considerar as ações de pedofilia de 2% de seus padres e bispos como crime. Já era alguma coisa, pensavam poucos; não era nada, pensavam muitos. Só faltava eles entenderem que pedofilia é igual a estupro, e que os sujeitos que praticam pedofilia=estupro precisariam, em sua humilde opinião, serem convidados a se retirar do convívio social — ou, para colocar dentro do jargão popular, ir para a cadeia mesmo, no mínimo. Aquele cicleteiro era uma figura, resmungava minha mãe às vezes, rindo sozinha enquanto chorava as desgraças do mundo.

O céu está multicolorido. Olha só, *cirrus* são geralmente classificadas como nuvens fibrosas, altas, brancas e finas. Entretanto, a formação dos microscópicos

cristais de gelo que as constituem foram perturbadas desde que o polo magnético teve aquela interferência exótica. Por isso essa policromia surreal em nossa abóbada celeste. Sim, compreendo. No começo eu gostava, um quadro esplêndido de beleza sem tamanho, mas agora, ao refletir sobre a natureza profundamente artificial da manifestação, acho um pouco bizarro e fora de ordem. Aqui, vamos pegar primeiramente as que estão no chão, e depois as bem pretinhas, mais maduras. Cuidado que elas mancham demais a roupa. Isso, mexe devagar, não, não, não vamos colocar açúcar, elas são bem doces, e já dão liga sozinhas, não precisa de nada extra. Calma, deixa ir secando aos poucos. O pão já está pronto? Passa mais um pouquinho da geleia aí, vai, vou mandar minha dieta para o quinto dos infernos hoje. Vixe, o vinho acabou. Cuidado, tá cheio de buraco desse lado do terreno. Você tem certeza de que quer justamente hoje provar *psilocybe*, já estamos bêbados, não é melhor deixar para outro dia? Tá de ressaca, né, eu te falei que não era bom misturar com álcool. Não, esqueça a hipótese de Riemann, a Conjectura Hodge e a equação Navier-Stoke, se entrarmos nessa seara toda a pesquisa correrá sério risco. Ok, você tem certeza de que quer ir à cidade sozinho, estava um caos da última vez, posso acompanhá-lo, acho mais seguro. Não, nem consegui entrar no laboratório, ao chegar lá o exército já tinha ocupado toda a universidade, somente militares e líde-

res ocultistas podiam cruzar os portões. Mas esquece isso agora, não é porque paramos de transar que nossa relação vai degradingolar para algo estranho ou constrangedor. O importante é nossa pesquisa, e decifrar de uma vez esse dispositivo enigmático. Espera, ela está chorando, preciso esquentar a mamadeira. Pois diga à diretora que nossa neta é vegetariana, então eles não podem dar coxinha no lanche, mesmo porque ela só tem três anos, né? Com certeza, mas leve o guarda-chuva e lave as chuteiras quando você voltar. Positivo, você tem nosso consentimento para experimentar, me avisa quando tudo estiver concluído.



A *Poética* é considerada como o texto fundador da teoria literária no Ocidente. Trata-se de uma primeira tentativa conhecida de problematização sistemática do discurso literário, embora fosse, na verdade, um conjunto de anotações dispersas, utilizadas por Aristóteles em suas atividades pedagógicas, o que explica a falta de rigor teórico e precisão em algumas passagens. Ao que tudo indica, os escritos que resultaram nela consistiam de lembretes, formulados com o intuito de ser a base para uma exposição oral mais minuciosa, explicativa e conclusiva. Enquanto Platão excluía a poesia do âmbito de investigação racional, Aristóteles acreditava que esta poderia ser submetida à análise sistematizada por meio da *techné*. Desse modo, aceitou o desafio de defender as artes com base nos benefícios que poderiam proporcionar à sociedade. Dizem as más-línguas que o material circulou pela primeira vez por volta de 341 a.C. (as edições contemporâneas tomam como base cinco manuscritos). Uma das primeiras observações que salta aos olhos é o comentário a respeito da nomeação dos tipos de poeta, em relação ao perfil de verso utilizado. O pensador expõe a inadequação da palavra poeta para desig-

nar aqueles que usam o verso para tratar de qualquer assunto. Ele afirma: não existe nada em comum entre Homero e Empédocles, a não ser o fato de ambos utilizarem o verso em suas exposições. Os apontamentos são os primeiros germes da teoria literária, uma vez que Aristóteles reconhece a diferença entre um discurso que será futuramente chamado de literário e os outros. Ele deixa patente que existe algo de especial em certos tipos de textos. Esse reconhecimento é o início da noção polissêmica e polifônica de literatura, e está ligado à ideia de mimesis.

A poesia difere de um tratado de medicina ou física não pelo metro empregado, mas por se pautar na mimética, e esse é o cerne de sua análise estética. Para o filósofo, a imitação exige um grau de semelhança reconhecível pelo espectador, e este deve participar da experiência sem ser ludibriado, ou seja, deve reconhecer que o espetáculo de uma tragédia é uma representação de uma realidade sensorial. Desse modo, mimesis não é abordada como simulação, pois depende do reconhecimento consciente do espectador — milênios antes das teorias da recepção, estava lá ele, criando uma relação entre artista, obra de arte e observador. A poesia seria gerada pelo prazer inato de imitar e pelo deleite em presenciar o fato imitado.

É interessante notar que, na tragédia grega, a mimesis aparece geralmente dentro do diálogo, pois os

acontecimentos mais importantes da ação são narrados, e não representados. A representação, por sua vez, deve mesclar fatos importantes e triviais para que exista cumplicidade do espectador. Na medida em que acredita que a tragédia deva ser baseada na imitação de pessoas melhores do que a média, o tom rotineiro e cotidiano deve ser mantido para evitar que os personagens e eventos extraordinários não aniquilem a identificação do espectador para com eles. A mimesis trágica é formada de partes qualitativas (mito, caráter, pensamento, elocução, melopeia e espetáculo) e quantitativas (prólogo, episódio e coral). A mimesis poética é centrada no mito, que guia as ações representadas. Essas ações seguem regras que visam determinados efeitos. O mito funciona como alicerce para a sequência dos eventos descritos, segundo critérios de necessidade e verossimilhança. A mimesis que o mito engendra pressupõe a organização dos elementos segundo uma lógica de acontecimentos possíveis, em vez de fatos históricos. É oportuno realçar que Aristóteles coloca a tragédia como mais verossímil do que a epopeia.

Um importante aspecto em que o drama grego se pauta é a *hamartia*. Os deuses e mortais eram ligados por uma rede de relações, que subitamente poderia ser perturbada por mudanças, casuais ou não. A quebra do equilíbrio resultava em desarmonia e podia ser causada voluntariamente pelo herói, devido à *hybris*, ou in-

voluntariamente, por desconhecimento ou fatores externos. *Anagnorisis* ocorre quando os personagens são confrontados com uma informação desconhecida e reconhecem uma verdade outrora oculta; já *peripeteia* representa a transformação abrupta dos acontecimentos, da felicidade para miséria, na tragédia, e o oposto na comédia. O melhor enredo seria o das tragédias em que reconhecimento e reviravolta ocorrem concomitantemente. A maioria das tragédias gregas recorre ao recurso da ambiguidade como meio de expressão, o que, muitas vezes, expôs as contradições da linguagem. O mesmo vocábulo era diversas vezes empregado, por personagens diferentes, com sentidos praticamente opostos. Em *Édipo Rei*, o procedimento é utilizado em abundância. O espectador — conhecedor do mito antecipadamente à exibição das peças — é levado a entender os múltiplos significados que cada palavra pode adquirir, enquanto o protagonista delimita-se cegamente a apenas uma interpretação. O grande impacto da obra advém não apenas da ambiguidade do discurso de Édipo, mas da profunda dualidade de seu ser. O decifrador de enigmas é confrontado com o maior dos mistérios, o autoconhecimento. O drama acompanha o processo de descobrimento da verdade, que coincide com a descoberta de si próprio.

Pois bem, de acordo com a *Poética*, esse representa o enredo ideal para tragédias, quando o reconheci-

mento e a reversão são concomitantes. Em vez de ligar Édipo definitivamente à sua terra natal e colocá-lo no trono, não como tirano estrangeiro, mas como filho legítimo do rei, acaba por reverter sua fortuna. O herói é banido por seu próprio decreto, quando a sua palavra volta contra si mesmo, elucidando o que ele insistia em não reconhecer. Como bem observou Jean-Pierre Vernant, o vocabulário de valores é sistematicamente invertido, transformando-se da ativa para passiva: o investigador torna-se objeto de investigação, o questionador converte-se em resposta e o homem de pés inchados é o mesmo que deslinda o enigma dos pés. Édipo mostra uma relação problemática ao tocar o mundo, o que é representado por esses pés inchados. É interessante notar, entretanto, que os problemas enfrentados por ele não advêm necessariamente da *hybris*. Poder-se-ia afirmar que ocorre *hamartia* quando ele condena veementemente o assassino de Laio, mesmo diante da obscuridade absoluta em relação à sua própria identidade. No entanto, o equívoco aconteceu na encruzilhada, antes mesmo do início do enredo cronológico da peça. Em vez de se curvar ao desígnio dos deuses e voltar para Corinto, Édipo decide fugir do seu destino predeterminado. Ao se rebelar, ele abdica da família e da pólis, rompendo a noção de família orgânica e desafiando o determinismo do sagrado para, enfim, se transformar em indivíduo emancipado. Para Sófocles, a existência digna passa a

ser possível somente a partir do indivíduo, pois o sagrado e a tradição haviam se esgotado.

Como consequência, chegamos a *Édipo em Colono*, que, de certa forma, representa o epílogo das tragédias gregas, com formas e estilos diferentes de suas antecessoras. O enredo consiste basicamente da recepção e morte de Édipo naquele território, e das tentativas de Creonte e Polinices em persuadi-lo a voltar para Tebas. O eixo da peça não está na ação, pois o que está em curso não é a inevitável sequência trágica que culminará na derrocada do herói. Ao contrário, no final, o decifrador de enigmas termina como um ser humano eminente, coroado com uma morte triunfal. Em seu insistente caminho, mostra a inabilidade do sagrado em julgar os seres humanos, afinal, ele havia sido julgado por um princípio que não era correto. Édipo é o ser livre em busca da moralidade de suas ações. Descobre quem realmente é quando já não tem mais a pólis nem a família. Independentemente do que os deuses aparentam fazer, ele confia em sua consciência individual e proclama sua independência em relação ao sagrado. Lá em *Édipo Rei*, o destino do herói era tocar as coisas proibidas, sem ter um prévio conhecimento delas, marchando cegamente sobre todos os tabus, ao passo que em *Édipo em Colono* ele é o homem cego que sabe das coisas, aquele que por meio de sua inocência e nobreza terá seu papel reconhecido. Percebam só como qualquer

personagem da Marvel ou da DC viram um cozinheiro velho e insignificante perto desse cara, ou de Antígona, ou das bacantes, ou das sereias... Vejam como praticamente todo o cinema hollywoodiano, desde 1930, vem sendo assentado nessa simples estrutura dramática: reconhecimento e reviravolta.

A discussão a respeito da *hamartia* é complexa, na medida em que os equívocos de Édipo são inegáveis, mas estes podem ter origem em causas externas, em algo recorrente na obra de Sófocles: o perigoso presente dos deuses. As misérias da vida são exógenas ao seu ser, além de serem inevitáveis. Todavia, ele é um indivíduo coerente e consciente, contra quem os deuses nada podem fazer devido à força de sua moral, transformando-se, assim, em um marco na moralidade grega, visto que introduz, pela primeira vez, ao meu ver, pelo menos, uma clara exposição da independência da vida interior: o herói torna-se a mais elevada personificação do individualismo libertador.

Operação convergente ocorre em *A Montanha Mágica*, por exemplo, passível de ser interpretada como romance de formação: tanto em relação ao protagonista Hans Castorp, que ao longo dos anos de estadia em Berghof se desenvolve moral e psicologicamente, quanto para o próprio leitor, que durante a prolongada leitura apreende as teorias do autor a respeito de estética, humanismo e a natureza do tempo. Castorp é definido

como um sujeito paisano, sem grandes metas ou ambições. Ele simplesmente deixa-se levar pelos acontecimentos à sua volta. Durante a permanência em Davos, vai ser influenciado de maneira decisiva por Settembrini, que trará a luz do esclarecimento à ofuscada visão do protagonista. Ao longo da estadia de Castorp no sanatório, o humanista exercerá papel decisivo na formação do jovem. O italiano age como um tutor espiritual, que, por meio de discussões filosóficas, orienta o percurso de formação do jovem. No início, expõe-se a fascinação por navios e sua particular habilidade como pintor de marinhas. Após poucas frases, tem-se Hans em uma universidade do Reich estudando engenharia naval, imerso no universo da geometria analítica e do cálculo diferencial.

[...] seus desenhos técnicos (...) não alcançavam o nível da sua representação pictórica do Hansa em alto-mar; mas, quando se tratava de explicar uma ideia abstrata por meio de uma apresentação mais acessível aos sentidos, intensificando as sombras com tinta nanquim ou colorindo os cortes transversais com tintas alegres que indicassem os materiais, então Hans Castorp superava em habilidade a maioria dos seus colegas.

A passagem aparentemente insossa revela muito o perfil psicológico de Castorp. O jovem indeciso inicia os estudos em engenharia naval seguindo sugestões, já

que sua indiferença e falta de convicção o impediam de escolher qualquer outro caminho. Todavia, seu encantamento pela pintura já revelava uma sensibilidade artística que seria aperfeiçoada por Settembrini. Castorp revela muito mais afinidade e potencial para as humanidades, *Geisteswissenschaften*, em alemão, do que para as ciências da natureza — apesar de estudar engenharia. No emblemático primeiro encontro entre Castorp e Settembrini, no sugestivo capítulo intitulado *Satã*, o jovem já nota que “não deixavam dúvidas o cunho de cultura, que marcava o rosto do forasteiro, tampouco a sua atitude moral e quase nobre”. Para reforçar o universo do italiano, nas páginas seguintes aparecem citações a Carducci e Virgílio. Aos poucos, Settembrini passa a exercer grande fascínio em Hans, que se transforma em um atento pupilo e espectador das palestras filosóficas do humanista, pois estava muito mais interessado em ouvir do que falar durante esses colóquios. Em que se pese a extensa gama de experiências novas que Castorp vivencia nas alturas do sanatório, que o levam até a desprezar a vida na planície, vai ser o pedagogo que moldará sua formação intelectual. A indiferença do jovem, sempre conduzido pelas marés alheias, converte-se em desesperado interesse por conhecer mais o mundo. O Ocean Steamships trazido da planície não significa mais nada. Ele mergulha em livros sobre anatomia, fisiologia e biologia para tentar conhecer melhor o universo

em que vive. O pragmatismo da engenharia aplicada é substituído pelo conhecimento puro. É importante notar que, para Castorp, a atenção dedicada às ciências naturais não está em contraposição às ciências humanas, pois o que ele busca no sanatório é um conhecimento universal, capaz de explicar os fenômenos tanto físicos quanto sociais, em contraposição ao conhecimento aplicado da engenharia. Settembrini sente a afinidade que o jovem tem com a epistemologia e por isso se dedica com afinco a instruí-lo; postura que naturalmente não havia adotado com o prático Joachim Ziemssen, obstinado com temas militares. Quando sente naquele hóspede paisano uma inquietação e desejo de aprender, assume o papel de mentor. Seus discursos não são de um mero pedante, louco por demonstrar o alcance de sua cultura para todos, mas de um pedagogo ávido por ser o tutor filosófico de um aprendiz com potencial.

Dentro da tradição alemã, o italiano pode ser classificado como um *Geistesmensch*, um sujeito de vasta erudição, geralmente fluente em diversos idiomas e amante das artes. Essa tipologia representa o ser humano de espírito elevado, preocupado com as questões mais nobres da existência, ao invés das frivolidades cotidianas. Ele é o símbolo máximo do esclarecimento e o representante burguês dos ideais iluministas do século XVIII. Após a sentença da necessidade de uma permanência mais longa no sanatório, durante o período de

repouso no quarto escuro, “surgiu Lodovico Settembrini, e de golpe se fez no quarto uma claridade deslumbrante”. Ele traz a luz ao jovem, pois é o representante e defensor do esclarecimento kantiano, o signo que tira o ser humano de uma tutela metafísica e o torna emancipado. Assim, Settembrini vem para libertar Castorp da preguiça intelectual e da covardia que sempre o impediram de construir por si mesmo os caminhos de sua vida. O personagem Naphta, por sua vez, surge como contraponto. Ele representa o fascínio medieval, a simpatia pela morte e a escuridão. O pedagogo admite que Naphta seja um homem de espírito, do contrário jamais procuraria a companhia dele, mas antes de tudo trata-se de um jesuíta genuíno e completo, alguém essencialmente preso a dogmas obscuros, apesar de toda a sofisticação de seu pensamento. Como tutor espiritual de Castorp, Settembrini se esforça por preservar o jovem das nebulosas ideias autodestrutivas do jesuíta, mas não o impede de travar contato com ele, já que isso deveria fazer parte do seu processo de formação. Para ser livre, deveria ser capaz de julgar os conceitos mais convenientes à postura filosófica que pretendesse adotar.

Essa emancipação também é evidente, por exemplo, em *Beautiful Losers*, narrativa mitológica a respeito das relações humanas. Os perdedores sugeridos no título não são simplesmente os membros da tribo A---, conhecidos por sua longa história de incessante derrota,

tampouco é o narrador, atormentado pela infidelidade de Edith e o sentimento de inferioridade em relação a F. Antes disso, são as pessoas que ainda conseguem sentir o peso do mundo e se desesperar, prostradas, diante da crueldade de uma humanidade perversa. Aqui a semântica se faz imprescindível. Apesar de não ter conotação tão pejorativa no Canadá quanto nos Estados Unidos, a caracterização de uma pessoa como um *loser* carrega uma mácula preconceituosa, bastante disseminada na cultura estadunidense, por exemplo. A palavra transformou-se de um xingamento em uma estratégia neoliberal para transformar a todos em potenciais *workaholics* em busca de sucesso. O adjetivo é empregado para uma variedade gigantesca de pessoas — obesos, *nerds*, *geeks*, *junkies*, atletas ordinários, funcionários de baixo escalão etc. O romance de Thomas Bernhard, por exemplo, *Der Untergeher* (algo como *O Decadente*, aquele que vai pelos caminhos subterrâneos, pela escuridão do *underground*, ou aquele que afunda em seu próprio abismo, numa tradução pessoal bem livre), foi traduzido nos Estados Unidos como *The Loser*, certamente pelo protagonista ser um personagem atormentado que desistiu da música por não conseguir se equiparar ao grande pianista Glenn Gould. Ou seja, os americanos não entenderam porra nenhuma da dicção e do cinismo do Bernhard.

Mas voltando à narrativa do Cohen, o personagem F., seja autônomo ou alter ego do narrador, é uma

criatura em busca de todo tipo de experiência sensorial ou mística que o mundo possa lhe oferecer. Começando por suas extravagâncias sexuais, passando pelos picos de heroína até culminar nos psicóticos experimentos sociais que promove com o narrador e Edith — ele representa a determinação em atingir a meta, seja ela qual for, portanto é o signo do vencedor. Tem o físico ideal e o gênio inato. Desenvolveu sua musculatura incansavelmente e possui profundo conhecimento do antigo mundo grego, apenas baseado em um conto de Edgar Allan Poe, algumas aventuras sexuais e uma reprodução de Acrópolis em gesso. O protagonista o inveja pela sagaz comparação que ele estabelece entre a tribo A--- e os gregos, mesmo sem ter nenhuma formação acadêmica especializada. Enquanto aquele estabelece seus estudos com base na observação, este cria um complexo mecanismo de manipulação social, em que o casal participa passivamente. Ele é o antianropólogo por definição, pois quer estudar o comportamento dos indivíduos com bases nos estímulos que ele deliberadamente oferece de maneira arbitrária. Propõe as experiências sensoriais e afetivas dentro do triângulo amoroso baseado na visão messiânica de que a irmandade das criaturas deve ser fundamentada na ideia do jogo. Os três compõem uma intrincada rede de relações afetivas, que culmina na loucura, na dor e no desespero dos envolvidos.

O narrador e F. revelam naturezas absolutamente diversas, embora complementares. Apesar disso, no ápice do ciúme, após o amigo contar sobre a dança do telefone, o narrador abdica de sua individualidade e manifesta expressamente o desejo de se tornar F. Cobiça as atitudes extremas do amigo, inveja os seus exageros e admira sua liberdade, detratando sua própria moderação. A figura sacra de Catherine Tekakwitha, por sua vez, perpassa o romance como o ideal de pureza a ser almejado, depois que F. profanou a imagem de Edith. A mítica alegoria da virgem poderosa, que desafia a todos e suporta as mais degradantes torturas físicas e psicológicas, aparece como um ponto de apoio, quase uma crença em si, para o desesperado narrador. Como ocorre em alguns romances classificados como pós-modernos, as dualidades não são mais suficientes para mostrar os caminhos possíveis que o ser humano pode seguir. O tormento do narrador é não achar uma via de escape que esteja além dos contrapontos do sagrado e profano; hetero ou homossexualidade; sanidade e loucura; razão e emoção, pois esses conceitos reducionistas se mostram insuficientes diante do caos cognitivo que, de alguma forma, se acentua a partir da segunda metade do século XX.

Naked Lunch, por fim, é um manifesto apocalíptico, tanto em forma quanto conteúdo. Composto por capítulos escritos para serem lidos aleatoriamente e utilizando de uma narrativa altamente não linear, o livro

expõe a falência total do ser humano. O universo delirante de Burroughs consegue alcançar com mais profundidade certo tipo de realidade que é tão evocada e exigida pelas instituições sociais. Mesmo sob o efeito de diversos psicotrópicos, o autor é capaz de ver com maior lucidez a real e perversa natureza do ser humano, enquanto os clones caretas do capitalismo pseudoliberal enxergam apenas o que lhes é permitido. Apesar de pontuar algumas críticas explícitas sobre o mecanismo cruel do tráfico de drogas pesadas, Burroughs não escreve fazendo panfletagem sobre o perigo do consumo, embora claramente diferencie a letalidade e a dependência irreversível dos opiáceos em comparação com os alucinógenos e estimulantes. Enquanto heroína e o ópio são vistos como instrumentos de controle e dominação total, a ayahuasca, por outro lado, é tomada como substância quase sagrada. Na percepção do autor, a heroína escraviza o usuário e prende seu corpo ao chão, ao passo que a ayahuasca liberta a mente para viagens multidimensionais. No entanto, comentários desse tipo são apenas pequenas faíscas perto do verdadeiro incêndio no âmago do autor. Seu estilo narrativo é marcado por descrições minuciosas e exageradas. Não é suficiente a presença de sadomasoquismo, escatologia e violência gratuita se esses elementos não forem levados ao extremo, afinal, não existe vergonha ou repugnância entre *junkies*. O autor trabalha essas tópicas navegando sob

as bordas do sublime e do grotesco. A linguagem obscena revela a expressão verdadeira e imediata do pensamento em seu primeiro instante, sem a necessidade de falsos pudores, e a sátira leva ao ridículo todo tipo de hipocrisia. A rica composição textual é constituída por citações, descrições, reflexões, observações fisiológicas, aforismos e até mesmo alguns trechos com estrutura típica de peças teatrais. Pode ser notada certa tendência surrealista na obra, mas deve-se destacar, no entanto, que as imagens mostram muito mais um delírio péfido do que um estado onírico — desde que se acredite, naturalmente, que a figura de um ânus falante, por exemplo, esteja mais próxima de um estado de confusão mental entorpecente do que de um devaneio subconsciente, embora haja controvérsias.

Enfim, muito se dissertou que uma primeira forma de integração dos procedimentos verbais seria a produção de efeitos semânticos e temáticos por meio de estruturas formais. A obra literária seria capaz de gerar no leitor ideias associativas, que poderiam não estar diretamente presentes no texto, porém surgir em sua mente e fazer funcionar o poder da linguagem. A integração das figuras de linguagem assumiria vital importância, uma vez que o texto literário não seria um discurso que prima pela comunicação direta de informações práticas e concisas. Outro nível de integração seria a presunção da unidade, em que a obra literária

deveria ser considerada no seu conjunto. A estrutura unificadora deveria relacionar os elementos do texto de modo a criar uma composição, em que até mesmo o pressuposto dessa unidade faria surgir tensões e contradições. Outro nível de integração estabeleceria a relação da obra com o contexto literário. Em algumas instâncias, o texto literário trataria sobre sua própria natureza, por meio de um discurso autorreflexivo, que acabaria por descrever sua atividade significativa. Desse modo, a literatura poderia ser lida como uma crítica da própria literatura. O caráter estético de um objeto, por sua vez, estaria relacionado à nossa maneira de percebê-lo esteticamente por meio de processos particulares. Assim, tem-se a recepção à obra de arte como fator determinante no desenvolvimento teórico proposto. Levando em consideração a automatização do discurso cotidiano e o reconhecimento cognitivo das ações, a arte estaria relacionada às sensações que ela é capaz de despertar por meio da singularização dos objetos, visando o obscurecimento da forma e a experiência temporal da percepção prolongada.

Mediante o exposto, o chamado dominante representaria o foco artístico e garantiria a integridade da estrutura e a especificidade do trabalho. A estética poderia ser considerada a função dominante do fazer poético. No entanto, as normas poéticas não são elementos estanques, pois aspectos secundários em determinado

gênero podem se transformar em primários e essenciais para outros. A mesma regra valeria para os gêneros, que, em determinadas tradições de julgamento de valor, podem ser considerados imperfeitos ou positivos. Ao mostrar que esses desvios representam um fenômeno sincrônico de experiência direta, em vez de dados meramente históricos, a pesquisa formalista garantiria para o desvio alto valor artístico. O leitor perceberia a obra dentro de um sistema que reconhece o cânone tradicional simultaneamente à novidade artística, que é seu desvio.

Em síntese, assim como a desautomatização de Chklovski, o conceito de dominante de Jakobson levaria em consideração aspectos da estética da recepção. Se para Chklovski a desautomatização serviria para liberar a percepção do automatismo na recepção da obra, para Jakobson o elemento dominante garantiria a percepção da função estética. O axioma básico proposto por Umberto Eco para a apreciação ou análise de uma obra literária, contudo, é a aceitação do acordo ficcional pelo leitor. Este deve aceitar o que está sendo narrado como uma história imaginária, regida por leis próprias, que podem coincidir ou não com as do nosso universo sensorial. O autor postula que o discurso ficcional possui o mundo real como pano de fundo, de modo que nossa experiência empírica é levada em consideração na interpretação, mesmo que a obra seja uma fábula. Assim,

a história de ficção não corresponderia completamente ao mundo empírico, mas o usaria como referência para que, por meio da suspensão da descrença, o leitor possa fingir que o narrado aconteceu, ou pelo menos poderia acontecer dentro do universo ficcional. A menos que o texto induza o leitor a fazer o contrário, o pano de fundo ao longo das elipses seria o universo assumido como real. É importante destacar que Eco reconhece a arbitrariedade simplificadora e reducionista da nomeação “mundo real”, mas, mesmo assim, necessita do recurso, uma vez que, a princípio, seu texto não visa à discussão acerca dos limites da percepção ou da consciência. Assumindo esse mundo real como a aparente experiência sensorial coletiva, ele define os mundos ficcionais como parasitas do mundo real, e a leitura da ficção como um jogo de atribuição de sentido. Enfim, trata-se de uma operação que cabe ao leitor decifrar: uma incógnita imprevisível, assim como a inexorável lei da entropia.

Pensemos um pouco no alto índice de suicídios decorrentes da leitura de *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, no século XVIII. Pode-se argumentar que as insatisfações pungentes dos jovens burgueses se materializaram na figura de Werther, que deu eco a uma geração que até então não tinha a literatura como grande válvula de escape para uma realidade abjeta e descabida de sentido. Sem dúvida, o impacto se intensificou pelo formato de romance, gênero que começava a definir e ao mesmo

tempo a descrever a sensibilidade da classe burguesa. A expressão do sentimento individual se transferia da representação dramática no ambiente público dos palcos para a intimidade da leitura no ambiente privado. Assim, a obra não apenas foi reflexo da formação da sensibilidade burguesa como também participou decisivamente da sua elaboração, afetando a maneira de ler dos novos leitores. A partir de então, os vínculos entre a literatura e o universo cotidiano se estreitaram cada vez mais. A ficção ficou exposta, como numa fratura por onde jorra o sangue que o curativo não pode mais conter.

IV

Só fiquei aliviada quando pensei, puxa, eu posso estar equivocada e não ser um chiclete sabor tutti frutti na boca de um mamífero que só usa 10% do cérebro, então é melhor não perder tempo e continuar com minha diligência perene. Tento manter alguma parcela da razão, no afã de decifrar o enigma que embaralha os tecidos matemático e linguístico do universo, mas a constante falta de oxigênio sempre conduz para desvios perigosos. Nesses momentos sempre trago à memória a superatleta Jasmin Paris, que venceu a corrida Montane Spine, um percurso de inverno de 430 quilômetros, na Inglaterra; não dormiu no último trecho, parou para extrair leite para a filha, e ainda assim venceu; o segundo colocado, um homem, terminou a prova 15 horas depois. Nunca me esqueço do que ela me disse quando nos trombamos nos corredores da biblioteca de Alexandria: “Um peculiar cipó está sendo estudado por alguns discípulos de Lévi-Strauss e Jacques Cousteau, e entre as propriedades investigadas está o deslocamento celular por buracos de minhocas”.

Assim seleciono valores nominais e coloco todas as minhas fichas na teoria das cordas. Meu filho acredita que a vitória de Ulisses sobre as sereias representa sua

consagração como narrador das próprias aventuras. Por outro lado, minha menina tem certeza de que ele nem lá chegou, pois ficou alucinando com os lotófagos, criando viagens ficcionais intergalácticas. Amanhã de manhã a opinião pública do hemisfério norte ficará chocada ao saber que o Vaticano ocultara seu real patrimônio com a mesma naturalidade com que encobria as centenas de milhares de casos de estupro e pedofilia que acontecem diariamente com a bênção do senhor fictício. O perpétuo e o sempiterno entram em conflito e viram antagonistas em uma batalha pela elasticidade idiomática irrestrita que independa das consequências casuísticas. Um adolescente de Santa Cruz de la Sierra conseguiu prever a mudança na paleta de cores do sistema Android e a polêmica fusão da Rockstar com a Ubisoft, após rever um episódio da série *O Besouro Verde*. A filha de uma mulher mantida refém por 27 anos no porão da casa pelo padrasto, na Flórida, aprendeu em uma revista peruana de krav maga como flexionar os dedos no momento de golpear os olhos do agressor; uma das falanges entrou fundo no globo ocular direito do abusador, que se deslocou do crânio quando ela puxou a mão de volta. Na natação, as cinco distâncias mais longas já percorridas em água aberta foram atingidas por mulheres, desencadeando os casos de desobediência civil, que se multiplicam na Europa Oriental, após a divulgação do aumento médio da expectativa de vida. Fico sabendo,

pela minha vizinha que estava dando entrevista ao âncora do telejornal matutino, que meu molusco cibernético perfurou as lâminas relutantes do cristal metálico de seu aquário ontológico. Cresceu a repressão na Arábia Saudita em relação à produção de cerâmicas supercondutoras, futuras responsáveis, segundo um especialista no alcorão, pela falência dos sistemas primitivos de coação. O parlamento draconiano condenou o fugitivo responsável pelo aniquilamento dos organismos eucariotas. Uma avalanche de lama atrapalhou as férias de verão do acionista que estava relaxando em Byron Bay, enquanto o filho brincava de passear com seu Bugatti pelas avenidas da Savassi à luz do luar. O grupo de leitura formado por ex-evangélicas abusadas por pastores milionários vai programar para a semana retrasada um debate sobre *Naked Lunch* e *Beautiful Losers*. Uma tempestade com ventos acima de 166 km/h derrubou mais de cem árvores infectadas por cupins coleópteros num bairro desconhecido de uma cidade inexistente. A polícia civil saudou como não resolvido o caso da programadora que escapou milagrosamente de 58 tiros disparados em sua direção enquanto ia à zona cerealista.

O ex-presidente da mesóclise temerária deu um chá de sumiço e os membros de sua corja política, com quem praticou toda espécie de estelionato e assalto aos cofres públicos por décadas, estão deveras preocupados. A gerente de uma sorveteria pediu demissão, depois do

beijaço bissexual organizado por mais de mil manifestantes, após um trio adepto do poliamor ter sido expulso do local por um adolescente de 14 anos que portava uma pistola automática fabricada em impressora 3D. O soldado que matou seis inocentes ao reagir a um assalto no ônibus pode até ser expulso da corporação, sim, é isso mesmo, pode 1.até 2.ser 3.expulso 4.da 5.cor-po-ra-ção, isso sim é que é uma punição exemplar. Dezesete espectadores foram mortos em um teatro na Chucuri Zaidan, depois que um fuzil cenográfico foi criminosamente trocado por uma submetralhadora modelo Taurus SMT40, sem que o ator percebesse, disparando, assim, na cena final, contra dezenas de pessoas que estavam no público. Um cientista batizou um animal translúcido que vive em cavernas no Ceará como *Lavajatus moroi*. O andarilho que acordou falando alemão e com a obra completa de Friedrich Wilhelm Joseph Schelling decorada na memória recebeu um vale-presente no valor de mil reais de uma famosa rede de livrarias, porém não conseguiu receber sua recompensa, já que não deixaram ele entrar com seu vira-lata albino de três patas na loja. Um letrista de bossa nova afirmou que o atentado sofrido por Chico Buarque no Leblon já estava vaticinado na letra de *Don't worry about the government*. Um paparazzo revelou ter uma foto de Décio Pignatari alimentando um beija-flor numa fazenda de Campinas, com o jornal de hoje embaixo do braço, comprovando que o

autor está vivo e bem de saúde. Cinco adolescentes foram internados em estado semi-inconsciente após aparentemente terem passado 27 horas ininterruptas jogando *The Last of Us 2* sob efeito de cafeína. Um cosmonauta aposentado se deparou com um dilema de ordem moral e paralisou seus experimentos físico-químicos do dia. Um engenheiro mecatrônico do Laboratório Nacional de Luz Síncrotron e uma professora livre-docente em física nuclear alertaram as autoridades militares sobre perturbações magnéticas no norte do país. Três deputados, dois vereadores e quatro empresários sofreram um ataque de riso ao saber que a imprensa noticiou que 8 toneladas de remédios não utilizados apodreceram em um galpão estatal em São Luís do Maranhão, quando na verdade o valor correto era de 180 toneladas. Um colar de 18 quilates de um funkeiro conhecido como MC Guimê caiu, enquanto ele fazia um voo de parapente, direto na cabeça de um colecionador de carros aficionado pelo paradoxo de Fermi. Um editor de livros se jogou do décimo terceiro andar de um prédio na Vila Buarque, junto com papéis que pareciam ser originais de uma nova antologia poética. A hidrofobia do empresário grego que investiu muito dinheiro no genocídio paraguaio fez com que os chauvinistas disparassem uma série de mensagens polêmicas pelo Twitter. O molusco cibernético, a rã polimórfica e o inseto semiótico brigam por um lapso de realidade aparente.

Uma narradora fez pastiche de alguns textos modernistas e abusou do intertexto, preservando algo da referencialidade histórica ao usar o efeito Kuleshov. Os processos subjetivos apareceram como primeiro plano através dos movimentos internos que surgiram na consciência das personagens. Isso proporcionou uma descontinuidade espaçotemporal, uma vez que os eventos exteriores se transformaram em estopins que despertaram a formação de uma cadeia de ideias que assumiu o discurso narrativo. Por esta via, o fluxo de consciência tornou-se o elemento dominante do discurso e se libertou de relevâncias arbitrárias atribuídas aos acontecimentos exógenos.

Parece que a maioria dos hospitais psiquiátricos voltou a adotar o método da divisão binária e marcação, perspectiva reducionista que categoriza os indivíduos entre os extremos antagônicos: louco ou não louco; perigoso ou inofensivo; normal ou anormal. Tudo isso me veio à cabeça ao dobrar a esquina e ver que faltavam apenas vinte mil léguas submarinas para pousar no castelo, não sem antes eu me perguntar sobre a razão de eu estar ali. Seria aquilo ficção ou fato notório? O personagem que me representa estaria consciente, sonhando ou delirando? E, o principal, seria eu sujeito ou objeto dessa narrativa em abismo?

Tudo isso eu talvez descobrisse em breve, ou não, posto que atravessaria agora o trecho mais perigoso da

minha jornada, a terra dos binaristas, um povo fanático que idolatrava antigos mitos de meia-tigela, gente putrefata que era vista como mais límpida que água destilada. De um lado, os seguidores de uma ditadura teocrática, conduzida por adoradores de Borístenes e suas ideias chulas e sem lógica. Um relevante fenomenólogo do período classificou-o como 90 quilos de estrume cuspiendo seu ódio contra a humanidade, concluindo, em seguida, que nem bovinos com microcefalia atingem tamanho poço de ignomínia. O fenomenólogo tentou, inclusive, fazer uma campanha junto com os empiristas para a implementação, nos protestos, da adjetivação precisa. Em vez de soltar o desgastado jargão ‘fora Borístenes’, que, em efeito reverso, atraía ainda mais simpatizantes ao zorate desequilibrado, propôs organizarem melhor o léxico das passeatas, para que a carapuça se encaixasse com maior perfeição, chamando o psicopata genocida de vagabundo, viciado-em-mamar-nas-tetas-do-reino-por-mais-de-três-décadas, beócio, mandrião, preguiçoso, incompetente, pseudo-neoliberal, anticapitalista ou corrupto laranjeiro de uma figa, uma vez que xingamentos relacionados à sua ânsia de matar eram vistos, por ele e sua corja, como elogios. Mesmo assim, não adiantou. Hoje em dia todo mundo tem a língua solta e o ouvido entupido.

A outra parte dos extremistas binários era marcada por uma recalitrância crônica, não aceitavam qual-

quer via de solução a não ser aquela que pregava que o prócer Lucílio e seu séquito eram moral e geneticamente mais puros e castos do que qualquer civilização ou casta na história da humanidade. Preferiam ver seu reino exterminado da face da Terra a admitir a possibilidade de que, talvez, quiçá, porventura, quem sabe, o líder e sua seita não fossem a “mais absoluta perfeição” desta terceira rocha do sistema solar, transcendendo, inclusive, aos ideais platônicos e à honorabilidade dos proxenetes ascéticos. Alguns, ainda mais radicais, propuseram clonar o ex-governante para a criação de uma sociedade utópica, uniforme e eterna.

Como não podia deixar de ser, entrei naquele território cagando de medo, já que qualquer um que não seguisse estritamente um dos polos era visto como traidor, amarrado num poste e sumariamente seviciado e/ou fuzilado. Geralmente os dois. Naquela barafunda, qualquer forma de ceticismo era proibida, punida com tortura, estupro e pena de morte. Apenas o pensamento binário era tolerado. Por isso decidi entrar pelo norte, menos povoado. Porém, embora meu mapa astral indicasse que devia haver ali uma floresta, não encontrei nada além de um gigantesco deserto — ao que parece cortaram até o último arbusto e entupiram todos os rios com mercúrio daquilo que devia ser a floresta de maior biodiversidade do globo. De qualquer modo, segui em frente, sem chorar, porque não podia perder água. Desi-

dratada e com hipertermia, cheguei a uma vilarejo, onde fui obrigada a preencher, já na entrada, uma pesquisa que me inquiria se eu era adepta da irracionalidade e morticínio de Borístenes ou se era devota de Lucílio e seus asseclas pseudoilustrados.

Enfim, eu tava lá pouco me lixando se aquele povo louco era jacobino, girondino ou o caralho-a-quatro, queria era logo cair fora daquela pólis extrativista que fedia a necrochorume, porque tão logo eu resmunguei como resposta “hum...” eles decidiram atear fogo no meu corpo e me transformar numa Joana D’Arc tupiniquim pós-modernista. Por sorte, Ponce de León, Johan Cruyff e Roger Milla estavam passando pela região, atraindo a atenção dos adeptos do futebolismo bem jogado, que deixaram uma brecha e me permitiram escapar por uma frincha oblíqua. Que sufoco, essa foi por pouco. Fiquei sabendo que alguns anos depois um famoso antropólogo malaio dissertou com exatidão sobre o fenômeno em sua tese “O Presidencialismo e a Falácia do Sistema de Divisão Tripartite de Poderes em Sociedades Rudimentares Regidas pela Idolatria Personalista”. Pow!!!

Assim que infiltrei o feudo vizinho encontrei novamente com Robert Walser, que me orientou a ignorar a gravidade do precipício e caminhar longe de suas bordas, foi o que ele me disse depois de deixarmos cair nossos moleskines no meio da Braldu River Crossing, pensei

eu ao ouvir uma composição atribuída a dois irmãos siameses e intersexo do antigo Império Tiauanaco-Huari, ouviu ela de um paramédico ao socorrer neurocientistas tendo infarto agudo do miocárdio e hemorragia cerebral logo no início do expediente de uma terça-feira, explicaram-me meus pais ao localizar a origem da inteligência artificial que se desdobrara no artefato cognitivo nº 7Vlog5ie. Quando me dei conta, qual não é o meu fascínio ao ver o castelo no pico de uma cordilheira policromática.

Antes de chegar lá, porém, eu tinha que passar por uma guarita, onde um ancião de sete olhos tentava impedir a minha entrada. Disse que eu não tinha envergadura intelectual para lidar com castelos. Afirmou, ainda, que eu não passava de uma patife que fazia glosa e trivia da literatura. Eu não teria cabedal teórico ou literário para falar sobre castelos e, consequentemente, trazer Kafka para o baile. Tentei imbuir-lhe com um pouco de espírito decolonial, explicando que eu posso trazer quem eu quiser para a baila, se eu tiver vontade, só de birra, boto Kafka, Exu, Afrodite e Tiririca no mesmo forró, sem grilo. Ele insistiu que eu calasse a boca e me reduzisse à minha insignificância, aconselhando-me a colocar uma cadeira na rua, mascar um fumo e ficar sentada quietinha vendo a vida passar. Como não passo de uma *junkie* suburbana latino-americana, é óbvio que fiz o que fiz: flatulei pseudosonetos em versos alexandrinos e tomei um farto gole d'água que o pas-

sarinho não bebe do meu cantil. O cara insistia que minha epopeia trouxesse o arcabouço filosófico de uma Lucrécia Martel, de um Bergman, que eu resolvesse impasses literários e metafísicos... puxa, meu rei, aqui é filme do Buñuel, você não percebeu ainda? São outros parâmetros em jogo, não perca seu tempo e caia fora dessa, eu sou rasa e debochada, você não vai ganhar nada ficando aqui comigo. E olha só, uma dica, aqui ao lado tá passando a filmografia completa do Tarkovski, é a sessão mais adequada para o senhor. E desculpa se ofendi a sua sensibilidade, se quiser personagens dotados de blábláblá, vai ler Flaubert, bo.ce.ta, aqui ninguém está querendo ser o suprasumo de nada, aqui é pornochanchada, filhão, *capisce*? Entretanto, o ancião era insistente, ele ainda finalizou acusando-me de pastichar um tal de Agrippino, cuja persona eu nunca tinha visto mais gorda. Ok, meu senhor, vou pedir para meu assessor consertar a máquina do tempo, porque talvez eu tenha passado mais tempo do que deveria fazendo sexo e consumindo psicoativos recreativos naquela época, mas vamos consertar isso agora, meu rei, sei que estou em débito com a leitura dos tropicalistas, e isso será resolvido em breve, pode deixar, adeus e até logo. Fui.

Parecia uma ponte infinita, quanto mais eu andava, mais distante ficava o castelo. Com olhar no horizonte, tropecei num livro com capa de madeira. Abri numa página aleatória: o desenvolvimento emocional

e intelectual de Emil Sinclair pauta-se sempre na contraposição entre o bem e o mal, masculino e feminino, família e indivíduo, conservadorismo e rebeldia, fé e ceticismo. Os tormentos psicológicos são sempre oriundos de dúvidas relacionadas aos possíveis caminhos que se apresentam. Parte do encanto que Max Demian tanto provoca no protagonista advém justamente da segurança e tranquilidade que aquele mostra em todas as situações. Enquanto Sinclair arrasta-se pelo tempestuoso caminho das dúvidas, Demian percorre suavemente o universo das certezas, pelo menos diante da percepção pessoal do narrador em primeira pessoa. Naturalmente essas impressões subjetivas são decisivas na compreensão dos acontecimentos, pois tamanha maturidade e resolução vistas em Demian são apenas concebíveis diante de olhos passionais que confessam encantamento. Apesar de apenas alguns anos mais velhos, o amigo se sobressai em demasia comparado aos demais colegas. Qualquer análise que não utilize de uma explicação fantástica para o improvável comportamento de Demian, necessariamente deve levar em consideração o deslumbramento do narrador perante o amigo, que parece carregar a sabedoria dos séculos.

Ele representa o conceito filosófico kantiano de *Aufklärung*. Ao passo que Sinclair está perdido no reconhecimento e aceitação de um mundo composto por luzes e trevas, Demian mostra o esclarecimento no rei-

no das hipóteses. Tamanha riqueza humana também é oriunda do narrador, que acrescenta muito de si ao verdadeiro Demian. Em certa passagem, reconhece que tudo o que ele sabia a respeito do mundo divino e do demoníaco encaixava-se perfeitamente na sua própria concepção dualística de um universo composto pelo luminoso e pelo sombrio. A imagem que Sinclair forma a respeito do amigo personifica um conceito fundamental dentro da tradição literária alemã do século XX, o *Geistesmensch*. Apesar de não apresentar a perturbação e fragilidade comumente presente nesse tipo de personagem, essa imagem quase mítica mostra todas outras características marcantes desse tipo, como sabedoria, sensibilidade, superioridade moral e intelectual. O *Geistesmensch* é a utopia do ser humano que se reconhece como imperfeito, mas paira acima de qualquer tipo de convenção social, insegurança íntima ou medo.

O romance também é repleto de simbolismos e referências religiosas. Demian sempre discorre com absoluta propriedade a respeito de crenças, mitos e situações históricas específicas; seu vasto conhecimento é pautado na interpretação dos fenômenos com base no relativismo cultural tão em voga no início do século XX. Ele atua como o tutor na formação de Sinclair, mostrando que aqueles tormentos a respeito das coisas permitidas e proibidas não fariam nenhum sentido, quando expostos à luz do relativismo cultural.

A simbologia do feminino também mostra uma fértil via de interpretação para o livro. Apesar de as personagens mulheres não aparecerem com tanta frequência no decorrer do romance, elas têm importante papel no desenvolvimento emocional do narrador. Em um primeiro momento, a mãe representa a segurança e o refúgio; em seguida, a bela jovem chamada por ele de Beatrice exerce tanto fascínio a ponto de retirá-lo do mundo da boemia estudantil; finalmente, aparece no final Eva, a concretização de todas as qualidades que a mãe e Beatrice reuniam, unindo o poder maternal ao sexual. Eva permite que Sinclair extravase uma possível tensão homoerótica existente entre ele e Demian. No recorrente sonho do narrador, a figura que primeiramente se parece com a mãe se transforma em uma imagem majestosa parecida com Demian, mas completamente feminina; por outro lado, quando Sinclair conhece Eva, ele a qualifica como uma mulher quase máscula, parecida com Demian. A partir desse momento, Sinclair afirma que sua presença naquela casa era a de filho e irmão, mas simultaneamente de namorado. Cria-se ali dentro um simulacro místico totalmente afastado da realidade cotidiana, onde apenas aqueles marcados pelo “sinal” podem ter acesso. O processo de formação de Sinclair chega ao fim quando admite a inutilidade de todas as crenças e doutrinas, pois conclui que só poderia haver um dever

e um destino para os seres humanos, chegarmos a ser perfeitamente nós mesmos.

Vamos lá, a entrada está logo ali. Sinto a realidade esgarçada, um gemido brilhante na ponta dos pés, um ruído cortante e imóvel, minha articulação metacarpo-falangeana como se esmagada por um pânico inerte, uma forquilha na garganta impelindo vigias cibernéticas e andróides unicelulares, aves invertebradas emboscando o holograma de uma topógrafa tentando me passar algum sinal telepático, porém o zumbido das flores silvestres dispara a esmo siglas grotescamente equivalentes, eu subo três degraus de argumentos deformados, salpico ferimentos pelo corpo da anêmona vulnerável, escalo pela cicatriz assertiva e arrasto os sintomas hostis pelo corrimão. Consigo antever insetos baldios fissurando a cautela por hábito, parte disso devido a um tornado invisível, preâmbulo das flutuações quânticas. As células antagonistas tentam me conter, entretanto sou expansiva, vivo desgarrada das sementes mortas e meus fios tensionados flutuam no inverno cipreste, tal qual a leitura fronteira escondida por baixo do farol moribundo. Em lapsos e vislumbres psicossomáticos, sombras brotam em letras minúsculas de êxtases excêntricos a rodopiar em volta de uma cratera dos titãs e colossos.

Vou recalibrar os meus códigos-fonte porque uma estrela-do-mar foi expelida da areia e estragou

a lógica que me restava ao apontar para os destroços de centenas de foguetes se desintegrando na atmosfera. Aborto minhas escolhas, traumatizada. Aromas de armadilhas hipnóticas avançam pelos fulcros difusos rumo ao norte magnético. Cercada de peculiaridades oníricas, repliquei as pálpebras intermináveis, injetando ânimo nas fagulhas míticas. As fontes de água doce no planeta praticamente se esgotaram, portanto sinto oceanos eclodindo nos musgos retangulares obsoletos, invadindo minha alma e encerrando o labirinto em enxurradas prismáticas indeterminadas, cujo corolário trágico é a despersonalização do sujeito e de seus predicativos angulares inesperados.

V

Ao cruzar o portal da primeira câmara do castelo, logo avistei oito estátuas feitas com polímeros e termoplásticos ainda não inventados, em torno dos quais Pina Bausch dançava e tentava domesticar um minotauro de pelugem fúcsia. *Kryptophanarons*, *grammatostomias flagellibarbas* e outros peixes abissais dançavam no ar, como se flutuassem tomando corpo na nítida luz que atravessava a claraboia manufaturada em tempos remotos. Havia um odor semelhante a um touriga que provei em 1977 numa vinícola de Pampilhosa da Serra, fiquei hipnotizada ao notar que vinha dos seios de sereias de pele ébano e orelhas élficas de rara beleza. Libélulas enormes com asas de vidro circulavam as estátuas como se estas claridade emitissem. Era um território onde algumas palavras não existiam, e o próprio pensamento parecia limitado a não descortinar toda aquela polifonia infinita, de vozes silenciadas e discursos que reverberavam além do som por coros de duendes maquiavélicos orquestrados por um corifeu de pele elástica e dentes brilhantes.

Pendurado de cabeça para baixo, preso a uma janela triangular que jogava toda luminosidade para fora, um porta-bandeiras balançava o mastro em coreogra-

fias dionisiacas, tentando atrair as sereias que teciam uma capa com fios de mármore egípcio. Trinta e três tartarugas amputadas acasalavam ao som de cornetas enviesadas como itálicos. Um escrivão coligia os acontecimentos para depois relatar a uma deusa singular, embora ela própria fosse politeísta. Duas figuras chamam minha atenção, um abajur antropomórfico que pesa as almas dos que tentam atravessar uma porta à direita e um rei antediluviano com pernas de serpente e cabeça de rinoceronte que pinta um afresco cheio de árvores de maçãs verdes. Sobre sua mesa de apoio, onde tintas de centenas de cores estão dispostas sob alguma desordem, quatro plantas carnívoras que recitam versos parnasianos em silbo gomero estimulam sua arte.

A divindade budista conhecida como Acala, com seus três olhos e seis braços, mentaliza os oceanos do oriente enquanto assopra velas que flamulam líquidos frios ao invés de chamas ardentes. O touro alado com tatuagens cuneiformes tem um sorriso cínico, tenta se aproximar de mim, buscando violências que não existem mais no mundo onde vivo. Tento explicar-lhe que outra ordem rege o mundo atualmente, mas o conceito de tempo não existe naquela câmara, porém insisto que sou um asilo inviolável e minhas chagas esguicham venenos que o repelem. Sob o epíteto de X, uma criatura invulgar postula as normas do submundo, onde corpos andrógenos serão abraçados pelas nove filhas da deusa

da ficção. Fiquei um pouco assustada quando notei que minha sombra havia se transformado em um místico supersticioso sedento por sacrificar artrópodes invertebrados e outros pleonasmos porque acreditava estar o império dos cactos seráficos ameaçado. Perguntei ao espectro lunar de pose feminina quão grande era aquela primeira câmara, obtendo como resposta vômitos cósmicos de água preta. O bode com chifres de tridente ofereceu para que eu subisse em seu lombo e galopamos por alguns quilômetros, no momento em que, sem forças, o pobrezinho deitou-se e pediu para acordá-lo quando Zaratustra e Onilé chegassem a um consenso sobre a etimologia da palavra-chave. Os unicórnios de casco de ouro chegaram, em formação piramidal, para lambear suas chagas, porém o bode com chifres de tridente persistiu em seu sono profundo, a sonhar com Odin enquanto aguardava Zaratustra e Onilé.

Eu assistia deslumbrada e deslumbrante a tudo isso. Peço perdão aos que querem, neste momento, conhecer mais meu íntimo. Entretanto vivenciei acontecimentos de impressionante vigor, portanto seria banal falar sobre mim. Assim voltemos aos golfinhos de antimatéria, emergindo contentes das paredes vegetais para conversar comigo por meio de sons magnéticos. Queria que eu corresse até uma sala escura, onde, em cima de uma poltrona fosforescente, estava uma edição aldina de *Corpus Hippocraticum*. Foi difícil me concen-

trar com os ruídos agudos dos meus novos amigos e as ondas alternadas de calor e frio que vinham do teto, mas concluí a leitura sem muito alvoroço. Ao levantar a vista, deparei-me com um duplo de mim mesma vinte anos mais nova. Você já está há muito tempo aqui, deixe o livro comigo que um grupo de dândis lhe aguarda para tomar hidromel com os bárbaros do sul na antes-sala principal.

Entretanto, na saída da sala dos anti-heróis, o vestuário de barbatana encaracolada postou-se na minha frente irreduzível, exigindo uma punição para a feiticeira gigante que usava como brincos sinos de igreja. Ao seu lado, a mestre da fecundidade executava cálculos sobre os padrões geométricos de uma ruína no norte da Síria e sua iconografia inalcançável. Pequenos tornados com pó de sílica saltitavam em torno de suas orelhas, tentei sentir a textura daquilo, era lindo, mas fui repelida por um demônio que me observava de seu trono pré-islâmico. Naquela primeira câmara do castelo, os sonhos copulavam com pesadelos enquanto as tribos etruscas abençoavam as crianças hermafroditas. O som de uma cítara irritante já estava me dando nos nervos, então finalmente aceitei a taça de hidromel que os dândis decadentistas haviam trazido em uma tigela de platina. As baratas de cobre e os andróides, por sua vez, tragavam leite de jabuticaba direto de uma fonte mineral.

Num piano com cauda infinita, Glenn Gould e Wertheimer tocavam a quatro mãos, em que os martelos eram cindidos por anjos que atingiam as cordas para criar notas que vibraram em sons exóticos e nômades. Paráfrases de órfãos animais reinterpretavam a imortalidade para que os dragões de lótus pudessem caçar os crocodilos de hábitos paquidérmicos. Uma ciranda de ciganos e sumérios pré-helênicos faziam corte ao consorte que berrava “não lutereis nem fugireis” a um corcunda sinistro queixoso de seu amante memorável enleado e prestes a livrar-se de martírios. Figuras de linguagem infladas brotavam corpos semânticos em códigos indecifráveis.

O septuagésimo terceiro setor da primeira câmara era um canto escuro, de onde pingavam do teto musgos-gotas em formato de diamantes lapidados. Na parede noroeste, havia também, abaixo de uma placa que ilustrava $1+1=1$, a inscrição: *aequam memento rebus in arduis servare mentem*, o que me fez repassar, por alguns segundos, o motivo de minha odisseia, porém não encontrei outra finalidade senão a própria finalidade, ficando presa a uma tautologia que deixaria qualquer indivíduo desnortado. Felizmente, um gato com pele de morsa e pelos marsupiais apareceu latindo verbetes em pachtó, acenando com a cabeça para eu segui-lo, e levando-me, assim, inesperadamente, à próxima câmara.

Arte, Matemática e Filosofia lá me aguardavam. A primeira vestindo echarpes policromáticas, spencers surrados sob um vestido-túnica com debruns dissimulados, écoulliques, balantine a tiracolo, além de sobreposições ousadas que incluíam, em múltiplas camadas, tabliers, babados, carpelina de palha, tailleurs de jérsei e opalanda em pele lanosa acetinada; Matemática trajava brigantina, clâmide militar, braies drapejadas e bamberges, colar usekh, maniaki bizantino, cetins, sedas, couro, pedrarias, honrando a plêiade que a antecedeu; Filosofia estava nua. Conversamos sobre as delimitações para a interpretação da realidade empírica, primeiramente sob a ótica neurológica humana e seus efeitos cognitivos, depois sob o ponto de vista das delimitações da linguagem, e, por fim, a partir de uma abordagem metafísica. As três estavam exiladas do universo sensorial há algum tempo, e pediram para eu descrever os acontecimentos dos últimos milênios, especialmente na Via Láctea, de onde eu vinha, ao que respondi com três palavras: entropia, exploração e estupidez.

Matemática estava especialmente interessada na delimitação metodológica para a leitura quântica do universo perceptível. Com certo efeito de distanciamento, Arte operava combinando a intuição não trivial e fugas de tergiversações analíticas, com especial apreço por termos abstratos e conceituais. Filosofia, por sua vez, sempre preocupada com a fenomenalidade do pen-

samento imperativo, com a causalidade da sedimentação antiessencialista e a análise da imanência subreptícia. Tentamos, juntas, edificar, só por escracho, algumas novas postulações para os répteis analistas de signos, porém engendramos um *modus operandi* que imploraram nossos próprios argumentos em significantes teleológicos, apologéticos e proselitistas. Qual não foi o nosso desespero ao detectar que ficamos, graças à minha presença, ou talvez por causa do gato com pele de morsa e pelos marsupiais que ali me conduziu, presas e titubeantes, por instantes que podem ter durado a eternidade, talvez, a tangenciamentos obscurantistas que só encontravam paralelo nas doutrinas de predestinação dos acéfalos do embuste místico ancorados em epifanias e metanoias diacrônicas.

A solução foi tentar um pacto cartesiano, conjuntivo e regurgitado, que nos estimulasse com memórias aforísticas e nostalgias vagas sem entusiasmo. Alguma recapitulação histórica ou existencial poderia, por meio de brilhante dialética, aguçar nosso senso especulativo desafortunado e relativista. A sonolência das outras entidades nessa segunda câmara era assustadora, como se todas fossem passageiras em devaneio de um artifício errático. Todos os saberes fragmentários soçobravam arrogantes e desmesurados em delírios e descontinuidades perpétuas. O enclausuramento dos egos evanescentes, mesmo de criaturas fictícias ou ex-

tintas, adormecia pênsil, deixando Matemática, Arte e Filosofia em situação desconfortante, pelo menos até reverterem aquele rebuliço causado, aparentemente, por mim. Eu me sentia uma peça de um instrumento narrativo, uma estoica sem quintessência, uma circunferência sem diâmetro, a unidade frágil de um aparato reduzido à subsunção de metonímias em convulsão. A efervescência de tais escaladas rapsódicas repousa na agudez diegética, pensei eu, naquela circunstância.

Sem endereçar crítica individual a mim, as três aos poucos mobilizaram suas infinidades *a priori*, retomando suas identidades sublimes em incorrer a guinadas dogmáticas. Gostaria de poder descrever, com maior acuidade, como tudo isso se sucedeu. No entanto, em estado de torpor e paixão por aqueles seres abstratos que, sem eu notar, haviam se apropriado de minhas chaves interpretativas sem hesitar, conformei-me a chorar contundências e emergir vacâncias acidentais e vacilos divergentes. A pressuposição de um erro dispersa odores acres e melodias acéticas obnubilam teorizações excêntricas. A subjetividade desaparece, junto a qualquer traço especulativo da minha leitura, fico desconfiada sobre um possível epílogo em lapsos de esclarecimento.

Sob escrutínio de Filosofia e Matemática, Arte vem me seduzir, sussurrando prazeres desconhecidos aos humanos, basta eu abdicar de minha jornada e estabe-

lecer morada naquele recinto impalpável, desconectado de histórias e geografias incautas, independente de vontades e caprichos. Saltitando em júbilos entusiasmados, arrasta consigo loucuras insípidas e o limite ineludível. A dança da nostalgia e da expectativa emaranham as cordas quânticas e suas particularidades, ao subtrair minhas insuficiências recíprocas. Evidencio os esquadrinhamentos sem subsumir as hipóteses aventadas, pondero entre o trânsito e a inércia, e decido permanecer. Entrego-me a luxúrias indescritíveis com as três, e clones de meu corpo começam a germinar em pilastras gingerlines. Nascem espontaneamente, com sorriso irônico e olhar dissimulado, esvaziados de personalidade ou independência, entregando-se a cópulas intermináveis cujos orgasmos e gemidos transformam-se em enunciados instrumentais. Tudo é novo e estrito a um devir entabulado nessas epidermes grifadas. Assim que despertavam, as clones orbitavam meus passos, gravitando minha sombra e fazendo acenos libertinos à Filosofia, que permanecia, por longos períodos, meditando em jejum até o terceiro sol nascer, quando tenho condições concretas de afirmar, por dedução, que saía da câmara para passeios performáticos. Uma noite, depois de palestrar sobre a conjectura de Collatz e os números de Mersenne, deixei Matemática sentada nas bordas de um buraco negro e fui atrás de um flamingo hegeliano que andara perturbando meu sono. Depois de atraves-

sar o entremeio de um túnel de elogias e estruturas assimétricas, deparei-me com o portal de entrada lateral para a terceira câmara, onde o flamingo hegeliano se transformou numa equação diofantina. Não sem medo, senti que era a hora de prosseguir, sem dizer adeus às entidades sublimes, e levando dor inescrutável.

Diferentemente dos recintos anteriores, o conceito de tempo ali existia de uma forma mais parecida ao que conseguimos reconhecer, e sob potências inenarráveis. Mal abri cruzei o portal e Qorpo-Santo batizou-me com lágrimas de Ovídio; Eça de Queiróz derramou sobre meu colo um vinho feito de elétrons; Knut Hamsun vomitou sobre meus pés; Phillis Wheatley elogiou minha ousadia em recusar o convite infame feito por H.G. Wells; Fanny Burney entregou-me duas cartas lacradas de Voltaire, com orientações para leitura póstuma; Schiller disse-me, gritando, que um turco caolho havia temperado com pimenta seu café amoral; Yukio Mishima encarnou em Sam Selvon e gírias colonizadas foram expelidas de uma fonte de gelo; Vassilis Vassilikos trouxe um tabuleiro de xadrez montado, pedindo-me dicas para vencer a partida que disputava com Charlotte Lennox, porém sua derrota era inevitável; Wú Chéng'en orava flutuando em uma nuvem de poeira cósmica; Clarice Lispector preparou um gim com açúcar magnético; Sófocles chorava sem parar pela morte por inanição de Gógol; Naguib Mahfouz elaborava um complexo plano

para evitar um assassinato brutal no passado daquela linha do tempo que era presa ao futuro; Carmen Martín Gaité peneirava palavras em busca de um vocábulo que esquecera em sua última visita a Selma Lagerlöf; entediados, László Krasznahorkai e Cioran jogavam Patolli com peças confeccionadas a partir das cinzas de David Foster Wallace.

Apressei-me a sentar numa poltrona feita de rádio e poliuretano não fibroso, onde aceitei um chá preparado por Valéry, provavelmente envenenado. Tenha cuidado com Karin Boye, alertou-me. Lembrei-me de uma aula de meditação, que acompanhei pelo YouTube e celular sem fones do meu vizinho de banco de ônibus, numa viagem interestadual pelo centro-oeste, conduzida por um charlatão que vendia cursos de terapia “quântica” — embora certamente não fosse capaz nem de resolver uma equação de segundo grau — e propunha alguns exercícios que, para minha admiração, funcionaram esplendidamente. Consegui reduzir o ritmo cardíaco, abaixar a temperatura corporal, acalmar os pensamentos e bolar uma estratégia de para sair labirinto, mas quando ia me levantar Ana Cristina Cesar apareceu e narrou como a explosão de uma supernova a 600 mil anos-luz havia interferido na produção de três romances não publicados de Maria Firmina dos Reis, convencendo-me de que o prelúdio da existência é o epicentro de qualquer postulação.

Conversamos sobre literatura. Concordávamos sobre a importância da capacidade linguística elástica, em que autor demonstra habilidade em tensionar o idioma e promover pequenas revoluções com a língua, alargando as fronteiras do até então realizado no campo literário. O mesmo para a potência ficcional, com fuga de lugares-comuns e ousadia ao instaurar temáticas não convencionais como imperativo aos que almejam escrever. O papo foi muito agradável, mas fui acometida por certa indisposição, ao que me serviram um vinho feito com espécie rara de uva subaquática e ouvi a história de uma jovem que há três mil anos encontrou numa floresta temperada um cogumelo de cabeça vermelha e pintinhas brancas, sem saber que aquela espécie era bastante problemática quanto às suas propriedades comestíveis e efeitos subsequentes. Ela dançou com faunos e fez crochês com os cipós de uma árvore açucarada, utilizada também como trampolim para um lago quadrado que ficava sob os pés de um gigante astuto, que ditara aos ouvidos da poetisa a íntegra da trilogia banida composta por *O Engenheiro do Sofisma*, *Os Quasares dos Predicativos* e *A Queda Ontológica do Androide Místico*. A jovem instituiu na floresta um novo paradigma que beneficiou bastante os cervos virgens, as rãs assexuadas e os tucanos subterrâneos. Um musgo elástico cobriu toda a superfície do terreno, animais sem boca riam e pulavam nas alturas acima das copas

de ouro. Houve um silêncio por prudência, a chancelaria da floresta averiguava o gramado esfarrapado, seres miúdos rastejavam sob o sabão subestimado, os esquilos corriam para dentro do jequitibá bêbado.

Um mordomo de cauda réptil chegou para me conduzir à chapelaria da ala restaurada, onde ficava o portal para a quarta câmara. Despedi-me de Ana Cristina Cesar com dois beijos e um até logo. A entrada, dessa vez, não tinha glamour algum, não passava de um buraco na diagonal de um muro inclinado. Fui rastejando por aquelas paredes viscosas e pulsantes, o castelo todo reagia aos meus movimentos com prazer e ruídos, e aquele canal se desabrochava em lábios de cereja inelutáveis. A perspectiva de coerção sumia aos poucos, eu assumia outros pretextos e deixava para trás o amargor da puerilidade do exterior sujo e a saudade do interior de onde eu teria dificuldades de abandonar no final da jornada.

Cheguei. A sala é escura e silenciosa. Meus passos não produzem som, tento gritar mas nada ouço. Pelo visto o desafio desse recinto é conviver comigo mesma, ultrapassar o obstáculo mais alto de todos. Em nada me agrada essa dependência debilitante de nossas próprias reflexões. Quisera eu ser dona dos pensamentos dos outros e livre dos meus próprios. Enfrentar as inovações retrógradas da humanidade com boas-vindas e um boné do New York Yankees. No outono passado me arrependi de um frase que disse durante uma reunião,

provavelmente ninguém mais se lembra daquilo, contudo a lembrança corrói as minhas vísceras. Eu sei que sou melodramática, mas só às vezes, isso aqui é sério. Tem frases que eu disse há 30 anos que ainda me envergonham, por motivos triviais ou pertinentes, tanto faz, fico presa nesse ciclo de vício e mania que me faz me arrepender de quase tudo o que digo. Talvez seja pela pressão de ter que dizer alguma coisa, prefiro fazer. Olha só, já estou gostando dessa quarta câmara, quem sabe não fico para sempre. Se meus cálculos estão corretos, hoje é o dia da inauguração de um reator nuclear em Fernando de Noronha. E as amígdalas de Nabucodonosor devem estar coçando depois que ele tomou o açaí preparado pela senhora Juçara. Se estamos doentes e fracas, como é que alguém vem falar sobre inteligência emocional? Meu pulso dispara só de imaginar as moedas de frâncio sendo escondidas no jardim do clarinetista que saciou meus desejos durante a sílaba gutural emitida na cidade proibida, onde um assassino de cem braços dormia com missões e contratos lavrados pelo patriarca dos ladrilhos dourados.

O tédio não faz cerimônias e não aceita a soberba. Enxugo as gotas de suor que escorrem de minha testa e o aspecto mórbido do chão onde estou sentada levanta dúvidas quanto à ausência de outros seres ali, dados os arranhões e desníveis que lembram bustos romanos a nadar no desprezo. Meus humores raramente tergiver-

sam para o caráter neurótico, porém essa sombra evasíonista está em desacordo com o sentido preceptivo do castelo e conta com o beneplásto do regente apunhalante. Não quero acentuar as crateras guarneçadas de ossos e oscilações quânticas, todo mundo precisa de um fermento útero além do ácido que queima furtivamente a morte, e desenrolar motivos recurvos com desdém inquieta o infalível desenrolar-se de lágrimas profiláticas e degradantes feridas aristocráticas, porém o convulsivo movimento mesozoico esconde-se na saturação dos fachos pulverizados do teto solene.

I think of Neal Cassady. Como eu queria um companheiro de viagem agora, estou sozinha há tanto tempo. Queria fermentar repetições enfáticas, sagas de soslaio científico, adentrar jornadas extraordinariamente excêntricas com Burroughs, Ginsberg e, principalmente, Neal Cassady, parceiro em viagens alucinantes, representação da loucura sagrada e do excesso, empreender desespero, manobras arriscadas e provocações imprudentes ao volante, fazer simbiose com o gabinete dos cínicos, a insatisfação permanente, a procura do autoconhecimento não é estática e reflexiva, mas pautada na experiência nômade, na celebração festiva e no uso recreativo de caotologias dadaístas, rituais de psicopolítica para catalisar a sociedade esquizoide, em vez de tomar a via xamânica, mergulharíamos juntos no excesso pueril que nasce da insatisfação diante de um cotidiano

previsível, deixaríamos a dupla Estragon e Vladimir se postar diante da insuportabilidade da existência *waiting for Godot*, porque nós estaríamos *searching for It*, movidos à desilusão e pelo desconforto das transitividades da blasfêmia, que talvez culminasse em algo elevado ou no vazio absoluto, o importante seria a pureza do caminho, pois o essencial é a jornada, e não o destino final, diria Neal Cassady, viajaríamos em busca de novos amigos e festas abusivas como fuga da sociedade opressora e metódica, ele diria não haver nada a oferecer a ninguém, exceto sua própria confusão.

Quando me dei conta de que eu não existia além dos meus pensamentos, sendo meu corpo matéria necessária apenas à sua execução, treze valquírias vieram para me conduzir à quinta câmara, onde noventa e nove demônios e deidades me aguardavam. O 1º tinha uma tonalidade laranja, longa barba de fogo, mãos feitas de chamas, numa delas um tridente, e na outra potes de água; a 2ª estava envolta em curativos e dizia ser responsável pelas forças gravitacionais; o 3º era composto por camadas de ar e tinha a habilidade de penetrar nos humanos e deixá-los loucos; a 4ª era uma deusa filoprogenitiva objeto de veneração de afegãs que haviam milagrosamente sobrevivido à teocracia de homens sujos daquele continente; a 5ª uma deidade que representava a personificação do exoplaneta Gliese 581 d; o 6º representava a fertilidade dos oráculos babilônicos; a 7ª era

envolta em placas minerais com dons de cura e aperfeiçoamento; o 8º, bastante debilitado, tinha a nobre função de proteger a floresta de mineradores; a 9ª tinha pele de papiro; a cabeça do 10º, um demônio bastante temido, em formato de coroa, preservava as dinastias ilegítimas com seus tentáculos sobrenaturais; a 11ª, mãe e filha de si mesma, responsável pela tautologia dos mamutes ancestrais; o 12º possuía costelas de gelo e temperamento hipostático; o 13º fazia parte do panteão sírio de lanças dilapidadas; o 14º um íbex louvado pelos sincretistas do Sudão; a 15ª e 16ª deusas, siamesas, protetoras dos oceanos; o 17º tinha a cabeça entre as pernas e gesticulava de modo obsceno para compor feitiços de proteção contra os poderes da primeira morte; a 18ª apresentou-se como sendo a epifania da metanoia; ícone do lamaísmo, o 19º trajava uma guirlanda de cabeças humanas em seu pescoço; o 20º era idolatrado tanto pelos nazifascistas da escatologia dos falsos messias quanto pelo patriarcado dos monoteístas bestiais; o 21º tinha pele de peixe e portanto era o deus da piscicultura báltica; as unhas e dentes do 22º eram joias recolhidas durante a inquisição espanhola; o 23º terceiro não era cognoscível, constituía-se como um ente nomeado como linha do equador; o 24º, patrono das artes; a 25ª transportava eternamente uma juba de leão nas costas e vestia um cinto com armas defensivas e instrumentos musicais usados para espantar os maus espíritos; o 26º, um ser minúsculo

que parecia uma abelha, sendo respeitado pelos intangíveis poderes apotropaicos; o 27º mugia o antigo testamento de trás para frente; o 28º cacarejava receitas de fármacos ainda desconhecidos; a 29ª, a bem da verdade, foi uma humana abduzida num complexo ritual de monges islandeses e poetas barrocos; a 30ª se tornou a onipotência dos ritos sagrados; impaciente, a 31ª estava sendo gestada para — escondida em uma tempestade — avassalar um continente inteiro; o 32º, um deus feito de bolhas, frequentemente associado pelos celtas com fontes minerais curativas; o deus protetor dos ermitões e dos tigres negros sem listras constituía-se como o 33º; o oráculo das hagiografias celtas era o 34º; a 35ª estava sentada em uma cadeira mecânica, sendo a rainha dos magos desde que as ninfas deixaram a pedra negra de Petra; o 36º segurava com a mão esquerda um escudo feito nos monastérios hindus por dois homens-lobos de hábitos diurnos; o 37º tinha o lábio inferior pendurado e uma imensa cauda de escorpião; o 38º não passava de um antiquado que segurava um livro com os pecados dos condenados a renascer no purgatório; dos ombros da 39ª esguichos de ácido sulfúrico eram expelidos; o 40º tinha pernas de cavalo e cabeça de golfinho; um sistema de galáxias elípticas compunha o halo da 41ª, a mais bela de todas; o 42º, por sua vez, era o mais jovem de todos, sendo adorado no Chipre, na Sardenha e no norte da África; a língua da 43ª assemelhava-se a uma

flauta doce; a 44^a estava grávida de novos troncos linguísticos; o 45^o oscilava entre um corpo angelical e um demoníaco, em vibrações com frequência da velocidade da luz; a 46^a era a matriz da fecundidade e dos mortos; o 47^o tinha um olho de esmeralda e outro de rubi; o 48^o, um gigante primitivo pai de Logi e Kari; a 49^a flutuava sobre um navio feito de pétalas e cascos de tartaruga; a 50^a segurava uma balança que equilibrava como pesos amor e ódio; o 51^o trazia pendurado no lombo um saco com os ventos do mundo; a 52^a possuía um segundo órgão genital no umbigo, por onde paria lagartas verdes-abacates; o 53^o tinha quatro cabeças, três pernas e dois braços, sendo um deles não funcional; nas digitais da 54^a encontravam-se os códigos genéticos para o nirvana e a vida eterna; sete metais formavam o abdômen do 55^o; venerada era a 56^a nas Bahamas e nas Ilhas Turcas e Caicos; cada dente do 56^o representava em cor e forma uma insígnia das potências imperialistas; com cabelos de serpente e palavras de poeta, a 57^a sugeria, em laborioso verso, que eu voltasse para a câmara anterior; o 58^o estava condenado a ouvir as lamúrias de todos os habitantes de Heracleópolis Magna; as entidades seguintes eu reconheci como sendo Jurará-Açu, Izanami, Menuo, Belenus, Hator, Átropos, Nix, Atena, Shiva e Iemanjá; o 69^o tinha unhas de águia e penas maciças; a 70^a meditava em frente a um portal oceânico com uma criança no colo; a 71^a sentava sobre uma placa vermelha e prote-

gia pequenos vilarejos de epidemias; o 72º fazia parte do folclore húngaro e escondia tesouros em seu estômago dilatado; a 73ª possuía cinco pulmões e vestia uma saia contendo milhares de cílios de Perséfone; embaixo dos pés do 74º havia centenas de semideuses, que seriam esmagados até a eternidade sempre que ele deixasse seu trono para caminhar; a 75ª era uma criança sentada sobre uma flor de lótus; a 76ª, como antiga habitante marítima, era usualmente equiparada ao crocodilo azul-cobalto e à baleia; o 77º era idolatrado pela tribo banto no norte do Zimbábue por ter sido concebido sem corpo e sem sexo; o 78º usava uma muleta de ferro e um morcego para batucar numa cabaça; a 79ª não podia ser vista, escutada, sentida, cheirada, tampouco seu nome pronunciável, porém todos diziam que lá estava; o 80º tinha rabos que lembravam raízes de eucalipto; o 81º gozava de três olhos, pele de tigre e um laço sagrado feito de oito cobras cegas; a 82ª transformava-se durante as noites de verão em mariposa para sugar o sangue de outras pessoas; as cabeças de falcão do 83º eram adornadas com dupla coroa, e ele tinha corpo de crocodilo; guardião das mandalas, o 84º tinha três olhos e seis braços; Saxo Grammaticus em pessoa assumiu o lugar do 85º depois de uma desavença por causa da cornucópia furtada da biblioteca de Eneida; o 86º, para ajudar a humanidade, sacrificou seu próprio corpo na amoreira plantada aos pés da montanha de Gaia; a 87ª era a musa

da comédia; a 88ª estava em busca do olho perdido da Lua que ela queria curar com sua saliva; a 89ª era a mãe dos titãs e o pai do cavalo-oráculo; o 90º tinha como passatempo abduzir jovens para desmembrar seus corpos frágeis e jogar os restos para serem devorados pelas plantas carnívoras na floresta dos anfíbios anêmicos; a 91ª era a deusa, a rainha e a juíza de Necrópoles; das costas do 92º nascia um pé de figo; o 93º era o demônio da aporia; a 94ª, a ninfa do labirinto turbulento; o 95º, a emanção do último dragão-de-komodo; a 96ª tinha olhos em cada uma de suas asas; o 97º chorava intermitentemente enquanto tocava oboé; a 98ª tinha pés de metal e o 99º era o lorde dos elefantes brancos.

Fui inquirida a respeito de minha odisseia. Expliquei que estava cansada de bálsamos, incensos e mirras, precisava buscar explicações para o paganismo agonizante, fugir dos detratores do ateísmo, caçoar dos pontífices do porvir abominável e encontrar a cura para a maldição lançada sobre meus filhos. Eles duvidaram de minha identidade, amarraram meus pés e mãos, e deram início a um ritual de insolência e transformação, onde todos os orifícios do meu corpo eram atravessados por oceanos de sonetos, dissonâncias acústicas e semânticas disruptivas, gerando tensões com listas de ágata e toques mórbidos de repetição. Um ruído de chumbo moreno atravessava a quinta câmara na velocidade da sílaba-germe que arrebatava em ideogramas

contrariados. Trovadores provençais invadiram o luxuosíssimo recinto propondo a pluralização das utopias que eu desacreditava, queriam impor-me uma pedagogia de significantes e lacunas felinas. Chovia madrepérolas quando notei que Sexto Empírico estava pendurado pelo tornozelo direito no teto de vitral, acenando para que eu dali logo fugisse para libertar as relações sintagmáticas. Tentei estabelecer um diálogo hermenêutico-ecumênico com as deidades para driblar os cânticos de Nix, porém a flexibilidade de minha língua foi se enrijecendo, eu gritava dialética e eles entendiam calabouço, eu pedía arco-íris e me davam raízes, eu queria metamorfose e eles uma nova monarca para as coleções peregrinas. Trinta e três elfos entraram batucando em mandarim e um epigrama solar tatuou-se voluntariamente em minha pele. As deidades riram da dicção de minhas lágrimas e por meio de *loopings* vertiginosos expeliram meu corpo pelo vórtice do baluarte. Puf, lá estava eu, num mosaico agridoce, ao lado de um arquiteto, a contemplar as gravuras encravadas na parte externa do castelo de lápides amorfas.

VI

Caminho sozinha de volta para casa. Deixo para trás as criaturas e entidades ao desejo de suas próprias aventuras, minha odisseia está concluída, vou remar pensando nos efeitos da antropofobia e naqueles que, por não conseguirem ouvir, cortam a fala de quem nem quer ser escutado, mas é obrigado a tagarelar sem parar, ponderarei sobre a dualidade onda-partícula, quero resolver também os anseios que os pré-socráticos deixaram abandonados no território vazio ao lado do estreito suntuoso. Gostaria de saber o que aconteceu com os unicórnios penitentes que nunca viram a luz da lua, condenados a sofrer com o domínio onipotente da supergigante vermelha de Betelgeuse. Confesso que estou um pouco decepcionada com o denso conglomerado de condes professorais que amaldiçoou meus propósitos estrambóticos, mas a vida é assim, feita de convites infiltrados, água doce e tessituras desmedidas. Os humanos são muito cansativos, quanta vaidade volátil, é cada vez mais difícil encontrar um cômodo de silêncio nos respingos vociferantes dos nossos pensamentos acelerados.

Fisicamente, estou bem, eu acho, esbelta por engano em matilhas de astrosia. Aspiro a incerteza

que o taumaturgo cercilhou pois não posso vituperá-lo, quero nutrir os excrementos da terra, para mim é indiferente de que modo os prótons permanecem unidos, prevalece o fogo inimigo transpondo a barreira do real. Fui tomada de pânico com o transe da jiboia em êxtase que oferecia filhotes de sorvete aos lactobacilos do riacho aéreo, mas agora terei de enfrentar algo pior, a vida ordinária de pomos e cédu-las amigalhados por egoísmos beligerantes. Manejar a espada sob o hino anaglífico é só o que almejam esses engravatados rastejantes que tomaram conta de tudo sob o juramento lasso. Com passos firmes, tento desviar desses grunhidos ambulantes que reviram a alma violada. Uma voz esganiçada persegue minhas inferências a cada encruzilhada, droga de vida, estou cansada desses eufemistas do hipérbato. Em discretos rompantes de melancolia, apaixono-me pelos obstáculos de incoerência que minhas personalidades contraditórias emulavam no crepúsculo do estudo sobre o núcleo principal dos avatares anódinos. Até quando viverei dentro de mim não posso dizer. A paisagem azeda desse planeta em agonia suscita pouco otimismo. Já não me assusto com as mutações genéticas, sociais, climáticas, temos o maldito dom de produzir lixo, nossa única diferença em relação aos outros dez milhões de espécies de seres vivos, estes cada vez mais raros, graças a nós, parabéns a todos os

envolvidos. A cidade está próxima, preciso decidir os próximos passos.

Vou entrar numa cafeteria, não tenho a menor condição de voltar para casa nesse estado. Peço café com leite, quem me conhece sabe que é o que tenho tomado nas últimas décadas. Dou uma olhada no jornal, onde figuram os patifes de sempre. Tem uma enorme propaganda de iogurte que tenho certeza de que foi o Gustavo que criou. Ele tinha um estilo bastante heterodoxo, poucas agências de marketing o contratavam, tanto pela empáfia, no trato geral com as pessoas — comigo, ao contrário, sempre foi um doce —, quanto pela ousadia de suas abordagens, que às vezes fascinavam e despertavam interesse dos consumidores, e outras que causavam choque ou incompreensão. Vivemos três anos juntos, morando num apartamento de dois dormitórios com vista para a serra. Meu quarto era um caos completo, apenas a estante de livros tinha alguma coerência; o dele era bem organizado, escrivaninha limpa e simétrica para o trabalho, os bonecos de Dragon Ball Z perfilados segundo a potência de seus golpes, a cama feita todos os dias às 5h30, horário que usualmente acordava.

É engraçado que ainda existam, neste século, pessoas monotemáticas, com comportamentos unidirecionais. Nós dois éramos o exemplo clássico de contradições internas na máxima amplitude. Tentamos, por exemplo, por um período, participar de um grupi-

nho que pregava e praticava o poliamor, transformando nosso relacionamento em, digamos, semiaberto. Foi bom, mas não funcionou, e retornamos, não sem certa tristeza, à monogamia, que parecia mais adequada a nós — embora fôssemos libertários, quase libertinos. Gustavo gostava de pedalar na serra de segunda, quarta e sexta, o *mountain bike* era uma de suas paixões. Aque-la bicicleta pendurada na parede me irritava às vezes, mas eu aturava. Ao menos ele empreendia severa limpeza quando chegava de cada passeio. Lavava o quadro, passava até cera nas rodas, secava o óleo sobressalente das roldanas, pendurava ela de um jeito que parecia até uma obra de arte. Talvez fosse mais cara que um objeto artístico, imagino eu, aqueles amortecedores pareciam obras de complexa engenharia. Um dia encontrou alguns cogumelos mágicos perto da nascente e me trouxe. Havia aprendido certinho que precisava averiguar o anel roxo em volta do estipe, e não trouxe nenhum errado.

No primeiro final de semana que fomos à praia, decidi fazer um chazinho. Ele já apreciara psicodélicos no passado, mas não tinha mais cabeça para aquilo. Eu, por outro lado, ainda estava em plena forma. O chato é que o cara não dirigia, portanto era eu que tinha que descer a serra careta. Assim que chegamos na pousada, porém, por volta de dez da manhã, tomei a parada, porque não tenho muita paciência para ficar enrolando. Estava um dia lindo, pouco calor e pouco sol, porque só

fico na sombra, já tenho sardinhas suficientes, assim já está bom. Fiquei derretida na cadeira vendo ele nadar. Me deu um pouco de tesão, quase voltei para o quarto, mas um sabiá pousou no guarda-sol e acabei me distraíndo, porque me lembrei de dois tucanos que cruzaram a estrada em nossa última viagem para o campo. Por volta das 18h fomos a uma panquecaria, onde tive uma crise de riso incontrollável, atraindo a atenção de todos os clientes, que certamente me acharam histérica. Acho que foi um de nossos melhores dias nos três anos que ficamos juntos, foi naquela noite, aliás, que decidimos que a divisão de quartos seria boa para nosso relacionamento, a preservar ainda alguma sorte de nossa individualidade, portanto transformaríamos o escritório nos meus aposentos.

O domingo, porém, foi conflituoso, pois ele teve a pachorra de dizer que minha fala poderia, quiçá, para alguns, ter certo tom islamofóbico. A história foi a seguinte, depois da milésima vez que o Talibã tomou o governo de Cabul, muitos eruditos apelaram para aquela velha verborragia barata, dizendo as talibãs usam burca, mas as turcas moradoras do norte de Teerã também usam algum tipo cobertura da cabeça, e que iranianas de famílias muito religiosas usam o chador, por sua vez em vários países árabes tem-se o niqab (percebam que até agora falamos sobre dogmas, cof cof cof, quer dizer, hábitos culturais, exclusivos para, hummm, mu-lhe-res), que

precisamos louvar as maravilhas do relativismo cultural, respeitar as tradições locais blá-blá-blá. Eu poderia concordar, plenamente, com aquele parvo que proferia esse comentário numa análise na TV. Para ele, que é homem, é fácil pensar assim, agora eu queria é ver aquele patife passar a vida subjugado por humilhações físicas e psicológicas para ver se ele teria tanto orgulho assim dessa coisinha linda que se chama humanidade, tão boazinha, tanto quanto aqueles talibãs, que diziam que, dessa vez, olha só, até deixariam as mulheres estudar e trabalhar, olha só que legal, que mundo bonito que vivemos, acho que vou abrir um champanhe e celebrar a vida, pois sou mulher e me deixam até escrever (por enquanto) em meu país, me desculpe mais uma vez, senhor comentarista, prometo nunca mais tentar impor o meu ponto de vista ocidental, *I am so sorry*, sim, entendo, há mulheres que optam e preferem se vestir assim, hum entendi, senhor, obrigada por me explicar, é que sou mulher, sabe, minha cognição é mais baixa que a sua, e o senhor pode até argumentar que nas guerras, quando elas e suas crianças são estupradas, algumas podem até gostar, haja vista que existem muitos sadomasoquistas no mundo, e por que vamos ter preconceito e achar que afegãs não podem ser apreciadoras dessas práticas? Calma, disse o Gustavo, depois de ouvir meu desabafo impaciente.

Tentei, ainda, depois, num tom mais sério, argumentar que minha opinião não tinha nada de islamo-

fobia, e tampouco era uma defesa apaixonada do meu combate à misoginia, mas apenas uma constatação lógica. Aqui entre nós, para mim é evidente que, no balanço geral, as religiões e os fundamentalismos causaram mais mortes, guerras, abusos, submissão e exploração (em 99,99% dos casos, unidirecionais, de homens contra mulheres) do que todas as epidemias, pestes, meteoros e terremotos em 4,5 bilhões de anos do planeta Terra. É óbvio que eu respeito o islamismo, o cristianismo, os cultos afro-brasileiros, o hinduísmo, o budismo, o judaísmo, o espiritismo e o surrealismo, o probleminha, meus senhores, é que essas práticas “inofensivas” já mataram, subjugaram ou exterminaram mais gente, direta ou indiretamente, do que “salvaram” almas... Estão mais em débito do que em crédito, *capisce*?

Ok, tenha sua crença irracional, *that's fine*, mas não venha me encher o saco e querer tapar o sol com caviar, coloca só esses palestrinhas de meia-tigela dentro duma cultura fundamentalista para você ver o que é bom para a tosse. Gustavo era um cara sensível, naturalmente, senão eu jamais estaria namorando com ele, portanto entendeu a minha perspectiva. Tinha discordâncias, mas entendeu. E eu entendi a dele também. Mas os deuses, sempre perversos, obviamente me puniram sem compaixão, oferecendo meus ouvidos ao sacrifício absoluto, pois quando voltamos da viagem vimos que uma famosa franquía cristã- evangélica-neopen-

tecostal iria abrir um novo templo gigantesco ao lado de nossa casa. A partir daí, em minhas noites insones, sabendo da real impossibilidade de qualquer mudança da minha realidade, dado o caráter militar-teocrático da pseudodemocracia do país onde vivo, onde essas caras podem botar para foder pois as leis, em absoluto, não se aplicam a eles, e eles não pagam impostos, apesar de serem uma franquia mais lucrativa do que McDonald's, 7-Eleven e Starbucks somados, e eles mentem, exploram, subjugam “em nome de Jesus”, e eles arrebetam a boca do balão, crápulas da pior extirpe, intocáveis, enfim, diante dessa impossibilidade, eu tomava a liberdade de sonhar com eles sendo escorraçados do continente africano, onde tentavam nos últimos anos expandir seu império de mentiras, lucro fácil e submissão, mas onde também já vinham encontrando resistência, com nobres países tendo a bravura de bater o pé e dizer, aqui não, essa putaria, aqui, não!

Passei várias semanas em profundo desânimo quando terminamos. A capacidade de o Gustavo me fazer rir era algo insubstituível. A Julia, namoro que engatei alguns meses depois, era carrancuda, impaciente e mal-humorada como eu. Nos conhecemos numa sessão dupla da madrugada, comandada pelos Carlos Reichenbach, que exibia filmes raros de sua coleção. Naquela noite teríamos *A Adolescente*, o único que eu ainda não havia assistido do Buñuel, por quem eu era

fanática, e depois *Cromossomo 3*, do Cronenberg, até então inédito no país. O primeiro foi decepcionante, quase dormi. Por sorte eu havia trazido um padezinho, e quando estava esticando a menina ao lado, cuja beleza física descomunal eu até então não havia reparado, me perguntou se podia dar um tirinho também. Sim, claro, manda bala. Conseguimos terminar a primeira sessão, e no intervalo de quinze minutos mandamos mais um e tomamos um rápido *shot* de tequila no boteco ao lado. O cinema tinha umas oitenta pessoas, aparentemente todos haviam ficado para a segunda parte, e que bom, pois essa era a proposta. Da letargia monótona daquela lamentável experiência da coprodução mexicana-estadunidense do Buñuel fomos rapidamente transportadas para o paroxismo das brutais crianças abortadas que se moviam como psicopatas chapados de crack do Cronenberg. Depois de quinze minutos algumas pessoas começaram a rir, e não era aquele tradicional riso de pessoas banais que acreditam que é necessário gargalhar no cinema, de qualquer coisa, especialmente as mais idiotas, não, não, era um riso nervoso, de quem havia sido amolecido pela patacoada do melodrama e agora era dilacerado por facas conduzidas por jovens atores de japona e capuz. No meio do filme, metade da sala já tinha ido embora, nunca vi tamanha tensão no cinema. E nunca tinha sentido medo em filme de terror. Aquela obra

transcendia ao gênero, evidente, mas causava horror absoluto, sustos sem fim e — quem diria?! — catarse.

Ela me convidou para um drink quando terminou a sessão, às quatro da manhã. Putz, amanhã vou ter que ir dar aula virada de novo, pensei. Vamos nessa. Bebemos cerveja e conversamos sobre as obras de Nélide Piñon que ela estava traduzindo para o romeno. De vez em quando pedia mais um *shot* de tequila, mas eu não ia aguentar não. Trocamos beijos e quando eu ia convidá-la para irmos para casa, já que às dez e meia eu tinha minha primeira aula, ela sugeriu de adquirirmos mais pó. Ela tinha um corsa branco e não queria comprar nada por ali. Finalizado o negócio, fomos para sua casa e não nos desgradamos mais.

Algumas horas depois estava lá eu de banho tomado e pupilas dilatas, falando sobre as complexidades linguísticas de *Alice no País das Maravilhas*, que, desde sua primeira publicação, em 1865, foi objeto de críticas e estudos dos mais diversos. As alusões históricas, referências literárias, discussões científicas e proposições de caráter lógico-semântico presentes no livro transformaram a fábula em um vastíssimo e fértil campo de pesquisa, sobre o qual eminentes filósofos, críticos e matemáticos debruçam-se continuamente em busca de novas formas de interpretação. A riqueza do texto traz à tona infinitas possibilidades de leitura. O livro pode ser lido como uma mera fábula infantil, literatura *nonsense*

ou quebra- cabeça linguístico-matemático. Além disso, a polêmica e obscura biografia de Charles Lutwidge Dogson, verdadeiro nome de Lewis Carroll, contribuem ainda mais para especulações e busca de novas chaves de leitura. Uma considerável parte é composta por diálogos. É por meio deles que grande parte das aventuras de Alice é descrita. Em muitas ocasiões a ação que está ocorrendo é simultaneamente verbalizada pela protagonista, como se falar a ajudasse buscar soluções para seus problemas. Ela descreve os seus planos, como se os dividisse com os leitores em busca de aprovação. Em outros momentos, o enredo é desenrolado pelo narrador onisciente. O que salta aos olhos, no entanto, é como o narrador também adota o mesmo procedimento que a protagonista, refletindo de imediato o que deve ser feito para que Alice se desvencilhe dos impasses propostos.

O discurso dos personagens tem importância central, Alice trata com naturalidade as criaturas fantásticas que encontra em seu percurso, experimenta percepções sensoriais sinestésicas e até passa por um processo de despersonificação, porém quando algum outro personagem relata uma história ela se porta com extremo ceticismo. Se por um lado o universo psicodélico que ela está entrando em contato é dado como absolutamente normal, as histórias narradas por outros personagens são encaradas com extrema desconfiança. A Alice ouvinte é cética e racional. Diante da afirmação

da Duquesa de que todos os gatos podem sorrir, ela reage respondendo: “Não conheço nenhum que faça isso”. Na conversa com o chapeleiro, é ainda mais enfática, refutando seguidamente todas as suas falas. Quando em sua história ele conta que havia três irmãs que viviam em um poço de melado, ela de imediato pergunta arditamente: “De que viviam?”. Assim que responde que viviam de melado, ela replica: “Não pode ser, teriam ficado doentes”. Em seguida, “tenta imaginar esse extraordinário modo de vida”, mas fica bastante confusa. Nota-se aqui a diferença de postura da personagem perante o que é vivenciado e o que é relatado. Quando vivencia os eventos extraordinários, tem a postura de uma criança e adere aos jogos propostos, tomando o líquido da mesa, comendo o cogumelo para controlar sua altura e conversando com criaturas excêntricas, mas no momento que ela ouve as histórias relatadas por esses seres, assume a postura crítica de um adulto, exigindo a verossimilhança do universo físico, digamos assim, tradicional. Primeiramente afirma com raiva que o poço de melado não existe e depois destila ironia em sua suposição: “Vamos dizer que exista um poço desses”. Perante os relatos, Alice tem uma visão objetiva das coisas, enquanto mostra uma visão onírica diante de suas experiências.

Na conversa com a falsa tartaruga, reage com a mesma precaução: “Nunca ouvi falar de *murchificação*”. Durante o julgamento no último capítulo, argumenta

com precisão, questionando argumentos irracionais e falhas lógicas. A convicção diante do não plausível é expressa em sentenças enfáticas, como “isso não prova coisa nenhuma!” e “mas que bobagem!”. Assim, pode concluir que a via de análise partindo da reação da protagonista perante os acontecimentos pode ser uma possibilidade fecunda de exame crítico, uma vez que as atitudes de Alice são diametralmente opostas. Como já apontado, quando participa ativamente da ação, encara com relativa naturalidade o fantástico universo vivenciado, mas quando ouve histórias desse mesmo mundo por meio do discurso de suas criaturas, adota uma postura cética, apegada aos valores culturais que ela reconhece e às leis naturais do universo observável.

Oi Julia, desculpe te ligar depois de tanto tempo, é que estou naquela cafeteria perto de sua casa, e bateu uma insegurança, estou com saudades, você tá por aí? Desculpe mandar áudio, mas peguei uma alergia maldita nos dedos enquanto voltava do castelo, sim, você não vai acreditar, eu encontrei o castelo, precisamos marcar uma cerveja qualquer dia para eu te contar tudo. Li agora uma resenha do último livro que você traduziu, da qual discordo plenamente. Ah, ainda servem aquele croissant de queijo minas e pimenta biquinho aqui? Moço, passa aqui quando puder, por gentileza. Que gato esse garçom, hein, caramba, tenho certeza de que ele já deve ter dado em cima de ti. Você vem aqui ainda? Se-

ria tão bom se estivesse aí agora, tô meio travada aqui, com medo de voltar para casa. Oi, vocês têm ainda aquele croissant de queijo minas e pimenta biquinho? Oba, quero dois e mais um café com leite duplo, por favor. Julia, sabe o que estou usando agora? Aquela mochila sueca que você me deu de aniversário. Sim, você vai dizer, hoje em dia é um puta clichê, coisa cara e que todo mundo tem, mas eu gosto, fazer o quê? Bom, se ouvir minha mensagem, me dá um toque, por favor, é sério, eu não ligaria se não fosse.

Será que realmente fui tão inocente a ponto de acreditar que a expedição ao castelo traria algum conforto? Estou farta dessa dicotomia dialética de contrapontos entre bem e mal, masculino e feminino, família e indivíduo, conservadorismo e rebeldia, fé e ceticismo, viver numa sociedade que ainda preserva essas dualidades é intragável, eu não quero um caminho luminoso, nem sombrio, tampouco lusco-fusco, preciso de tudo ao mesmo tempo. Anotei que, se chegasse em casa, deveria consultar um poema apócrifo atribuído a Hopkins que combinava *sprung rhythm* com versos do tipo *accentual-syllabic*, iambos, troqueus, anapestos, dáctilos e rimas controversas, monumental *tour de force* da inteligência.

Lembro de um dia em que a Julia me pediu para eu ir à biblioteca, emprestar alguns filmes em VHS para uma pesquisa que ela estava empreendendo. Deu uma puta vergonha, pois tem um bando de otário que ficava

curtindo mídias antigas pelo simples fato de serem retrô, como as fitas cassete, por exemplo, cujo som mesmo era péssimo. Enfim, fui lá eu, e no meio do acervo encontrei um VHS vermelho, com uma etiqueta amarela nada discreta colada na lateral: *A Queda Ontológica do Androide Místico — Versão β*. Achei curioso, dei um *google* e apreendi tratar-se de um curta-metragem independente, filmado e editado aos sabores amargos de cola de sapateiro, segundo uma referência duvidosa, que sentenciava também o objetivo da obra, hipnotizar a consciência dos possíveis espectadores até estados catatônicos. Pernóstico, mas vou levar. Ao chegar no balcão de atendimento, a funcionária avisou que o item não fazia parte da coleção da universidade. Provavelmente fora inserido pelo próprio realizador, sem os devidos créditos ou cadastramento. Coloquei a fita na mochila sueca e fui para casa.

Julia costumava dizer que, por ser negra, as pessoas sempre esperavam três coisas dela: que fosse boa em esportes, uma excelente cantora gospel e trabalhasse no McDonald's quando crescesse. Por pura pirraça, por amor à arte e por causa de necessidades financeiras, respectivamente, cumpriu os três vaticínios antes dos vinte anos. Jogou com o sistema ao mesmo tempo em que desconstruiu seus estereótipos. Ela era boa em tudo, impressionante. Falava romeno, iorubá, finlandês, alemão-suíço, nianja, samoano e tártaro. Entendia de

geometria analítica, álgebra linear, teoria dos grafos e processos estocásticos. Praticava piano, natação e aikido, o exemplo perfeito do que as pedagogias antigas costumavam denominar como superdotada. O temperamento, bem, irascível, como eu disse, mas perdoável, porque era uma pessoa fascinante.

Durante o jantar, conversamos sobre como a ideia do diálogo político era, em contextos binaristas, como o nosso, uma utopia impraticável, pois os que se deixam aprisionar por qualquer ideologia estariam presos para sempre, fanáticos nunca assumiram e nem assumirão equívocos, tampouco se reconheceriam como fanáticos. O cara pode ter o filho espancado até a morte por um brutamontes neonazista, mas vai continuar achando que direitos humanos é frescura comunista. É inacreditável que caíam na lábia do miliciano genocida que não gostava de trabalhar mas tinha mais de 40 apartamentos. Queria é ver esses milicos, milicianos e covardes na roda alta, na mesa de evisceração, com a viola das comadres, na flauta do bagunceiro ou no açoite de ferro, no cavalete, na berlinda, no balcão de estiramento, despertador, empalador, cócegas espanhola, esmaga-polegar, roda do despedaçamento, pau-de-arara, choque elétrico, cadeira do dragão, aturar pimentinha e afogamento, geladeira, palmatória e soro de pentatotal, berço de Judas e pera da angústia, esmaga-joelhos, cadeira inquisitória, virgem de Nuremberg, garrote, roda da

tortura ou esmaga-cabeças, queria é ver esses amantes do Brilhante Ustra na forquilha do herege, vamos ver se ainda se portavam como machões donos da verdade nessas condições. Do mesmo modo, o mundo inteiro podia perceber que um país com inflação de 1000.000% e papel higiênico como artigo de luxo deveria estar passando por alguma situação problemática, mas os patetas do outro extremo do espectro sempre iriam achar que é tudo mentira da mídia golpista, em conluio para derrubar o *pobrecito* ditador bolivariano, afinal todos sabiam que os cidadãos daquele idílio na terra viviam como magnatas do vale do silício. *Dio mio!* Que tempo sórdido. Era difícil fugir daquelas questões. Mas depois da pizza, decidimos assistir ao VHS.

A primeira cena mostrava um cara cozinhando talheres de prata numa panela de ferro. Em seguida, uma menina comia um chip de computador enquanto sacolinhas de plástico, provavelmente uma referência à cola de sapateiro que estava embalando a filmagem, rodopiavam no quintal da casa, tal qual em *Beleza Americana*, o que me fez achar aquele *take* desnecessário, embora o quintal em si já valesse a cena, um quadrado com paredes de cinco metros, cheias de mofo, uma arquitetura de quintal enjaulado em si mesmo que só poderia acontecer naquela cidade onde se dizia que o urbanista era o capital. Aparecia uma segunda atriz trazendo três taças, vazias, e eles bebiam o (ar?) que estava dentro, para

depois vomitar e começar uma dança guiada por uma melodia psicótica a ponto de causar estresse em quem a ouvisse. As próximas cenas envolviam sangue, sexo, cola de sapateiro, submissão e outras práticas inenarráveis, encerradas com padrões de luzes e sons que deveriam causar em boa parte da população severas crises tônico-clônicas, de ausência, mioclônicas, motoras, sensoriais, psíquicas e automatismos. Quando tirei a fita do vídeo cassete, um fio de sangue escorreu do meu nariz...

Como a cafeteria fechou, entrei num bar, pois ainda não tinha a menor condição de ir para casa. O Carlos gostava de vir nesse boteco, uma figura. Ajudei a costurar seu supercílio depois de sofrer agressão numa balada. Segundo ele, foi mais ou menos assim: E aí, mermão, tem giz na lousa? *Whatthefuck?!* O garçom não conhecia aquela gíria. Vai nevar hoje? Sabe quem tem um papel aí? Não adiantou, esse pessoal mais novo, da música eletrônica, não conhece essas expressões mais antigas. Pó, cocaína, *my friend*. Aqui não rola, só doce e bala. Puta que o pariu, agora mesmo que fiquei com mais vontade, pensou ele. Olhou para o lado e sua paquera estava beijando um cara e uma mina. Cacete, viciadinho de merda, pensou, agora, sim, vou tomar um pé na bunda. Mas não custa dar uma última tentada, com o segurança da entrada. Mas o segurança discordou. Carioca, então eleitor do Crivella, não aceitava o uso de substâncias psicoativas por todas as sociedades humanas desde 12.000 anos

atrás, porque a Terra é plana e foi criada há 6.000 anos, então é claro que as drogas eram coisa do demônio, e o seu papel era o de aplicar duas cotoveladas na têmpora do sujeito insolente, arrebrandando com seu supercílio (que explodiu em sangue), tombando ele desmaiado no chão e arrastando o corpo inerte até a rua.

Nos tornamos bons amigos, ele era a pessoa mais engraçada que eu já conheci, tinha gírias impagáveis e anedotas do outro mundo. Lembro-me da primeira vez que fomos ao teatro. Ele era crítico de um importante jornal: Barbaridade, quando é que alguém vai inventar o *lugar de corpo*? Para que o sujeito não possa ser importunado com gracinhas durante uma peça? Isso é uma merda, sabe? 80, 90% das peças que assisto hoje em dia tem isso, procedimento batido, coisa velha, denota total falta de criatividade por parte da direção, e profundo mal gosto. Não sabem como resolver os tempos mortos e falam, olha só, vamos inserir essa cena de interação com a plateia. O pior é que os atores geralmente adoram interagir com o público, mas é claro que adoram, a grande maioria é bicho-grilo boçal que ama se pavonear, evidente que adoram. Sei lá, 50 anos atrás podia ser legal, mas hoje é uma bosta! Vem lá o ator fazer uma piadinha na sua cara durante o espetáculo, pedir um *give me five*, ou perguntar algo que o pobre-coitado do espectador que só foi ver uma peça vai ter que responder diante do público para não passar mais vergonha

ainda, porque se você não entrar no jogo eles vão te ridicularizar e pegar no seu pé até o fim da porra da apresentação (cadê o *lugar de corpo*, bando de cabaço?! respeitem a minha militância antissocial). Puta que pariu, você tenta evitar a troca de olhares, e quando percebe lá vem o imbecil com brilho sádico no olhar, querendo te foder na frente de todo mundo, pode ver, eles nunca vão interagir com gente alegre, gente que tem a sofisticação intelectual de um ornitorrinco e se diverte com qualquer patifaria, não, é claro que não, eles vão achar você, depressivo, mal-humorado, que preferia tomar uma martelada no dedo mindinho a ter que ser exposto publicamente por um ator energúmeno no meio de uma peça cretina. Pelo menos essa merda teve apenas 90 minutos de duração, o que é mais que o suficiente, me dá uma raiva dos infernos quando ouço colegas ou curadores manteigueiros reclamando do público contemporâneo, que não teria mais paciência para assistir a um espetáculo de quatro horas. Vai tomar no meio do seu cu, cabaço farsante do caralho, nós não estamos na França do século XIX, imbecil, depende de onde é a peça o sujeito tem que pegar metrô, mais dois ônibus, andar mais um pouco, e não se esqueça da volta depois, aí o patife quer mesmo que você perca seis horas do seu fim de semana, duas com locomoção e quatro com a peça (!), para assistir a um embuste que poderia muito bem ser resolvido em uma hora e meia. Ah, veja bem, olha como

nosso público é superficial, que absurdo, preferir ficar em casa vendo séries ou tomando uma cerveja com os amigos do que vir ao solene teatro para ver a genialidade do encenador soberano que precisa de quatro, cinco ou seis horas para expor a gramática da peça, ah tá?! É de foder, bando de cabaço da porra.

Esse era o Carlos, cara leitora, caro leitor. E peço, mais uma vez, já perdi as contas, desculpas por esses palavrões, mas isso faz parte da minha odisseia, a qual eu desaconselho em absoluto a leitura, aliás. Recomendaria, de antemão, a jornada de Virgílio, Beatriz e São Bernardo, ou talvez as desventuras de Dom Quixote e Sancho Pança, aos menos formalistas, e até mesmo o eminente Leopold Bloom e seu microcosmo de toda a experiência humana. Tudo isso vocês já haviam entendido, certo? Que aqui está mais para funk na laje do que balé Bolshoi. Corações sensíveis, pessoas de temperamento casto e neoplatônicos vão se dar mal, evitem também a perseguição e o assassinato de Jean-Paul Marat conforme foram encenados pelos enfermos do hospício de Charenton sob a direção do Marques de Sade e reuniões ecumênicas. Estamos no campo da não adesão estilística às formas hegemônicas, relegados a todo tipo de sevícia, dentro de uma tendência pulsante que amalgama procedimentos cafuzo- mameluca com traços latino-americanos e análises morfológicas desanuviadas em situações embaraçosas. Aqui os paradigmas do es-

teticismo francês não têm vez, preferimos as vedetes de astúcia brejeira, os mímicos mudos do sertão e Dzi Croquettes. Nesse particular, o esvaziamento histórico e a volumetria antirrealista dão certa retaguarda. Por fim, aos críticos que não apreciam as entropias carnavalizadas, deixo meu perdão, pois compreendo que vão julgar esse relato como ininteligível, tedioso e bestialógico.

Como dizia o Carlos, temos que tropicalizar o academicismo sem perder de vista o triste fim de Policarpo Quaresma. Sou suburbana latino-americana criada com farofa de mandioca e Eduardo Galeano, transito como ouvinte na universidade e falastrona nas rodas de capoeira, sou mãe-coragem em cemitério de automóveis reciclados, mexerica poncã em banquete de híbridas espécies. Em qualquer outro lugar, seria vista cidadã exemplar, pois sou honesta, pago meus impostos e acredito no bem-estar social amplo como meta, mas aqui sou qualificada bruxa amaldiçoada porque penso e faço o que eu quero, colocando em curto-circuito pensamentos cartesianos e outras demandas ordinárias.

Chega minha caipirinha de maracujá, mas o programa sensacionalista de uma irritante televisão ligada me informa que Euzébio Luís levou um tiro no maxilar após uma briga de trânsito na São João; Anita Soares foi alvejada por uma rajada de metralhadora após reagir a um assalto com sua .45 na avenida Brasil, destino parecido ao de Fernando Sampaio Silva, que tentou evitar

o roubo do seu veículo sem seguro com um trezoitão velho e levou um tiro de fuzil que atravessou a lataria do carro, seu corpo, a porta do armazém, dez latas de tinta Suvenil e o cofre do estabelecimento onde estava estacionado o carro; Maria Eduarda levou três tiros no coração, disparados pelo ex-namorado, na cozinha de casa, enquanto esquentava o leite da filha, sendo que crimes idênticos ocorreram contra Helena Simonato, Beatriz da Silva Santos, Johana Prado e Patrícia dos Anjos Queiróz, em menos de vinte minutos, na região metropolitana; Enzo Gabriel, casado e pai de oito filhos, foi baleado por três adolescentes, que suspeitaram que ele era homossexual; cinco professores de história foram sequestrados, esquartejados e mortos por integrantes de um coletivo neobolsonarista de proteção aos valores cristãos; José Carneiro tomou um tiro no fígado e outro no baço, após reclamar da falta de cinco reais no troco da padaria; Ana Salgado, Priscila Leite e Catarina Araújo foram mortas por uma saraivada de balas perdidas, em um confronto de assaltantes e policiais à paisana em um ônibus intermunicipal, sendo que tanto os agentes da lei quanto os do crime saíram ilesos, sem nenhum ferimento; João Henrique Cunha, de cinco anos, foi morto acidentalmente pelo irmão, de oito, com a arma do pai, em casa, enquanto lia um gibi da *Turma da Mônica*.

Às oito e meia trocam para outro noticiário. A Bolsa de Valores teve uma nova queda, analistas tentam en-

tender o que está acontecendo, já que os principais mercados do mundo estão em alta, após o suicídio de Omar al-Bashir II. É o terceiro dia de queda consecutiva, com especial desvalorização nos investimentos usualmente considerados como os mais seguros. O colapso financeiro obrigou a fortes interferências no câmbio por parte do ministro da Economia, acuado após as recentes acusações de que ele e o vice-presidente estavam arquitetando um novo complô contra o chefe de Estado. Quase 30% da renda desse país está nas mãos de apenas 1% dos cidadãos, caracterizando a maior concentração do tipo no planeta. É o que novamente indicava a Pesquisa Desigualdade Mundial, coordenada pelo economista francês Thomas Piketty. Para o filósofo alemão Peter Sloterdijk, o caso tupiniquim é o suprasumo da representação do capitalismo moderno e a sociedade de consumo em suas instâncias mais péfidas, a caracterização mordaz de humanos egocêntricos prestando suas mais sinceras homenagens aos demônios do Ocidente. Por sua vez, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro tentou inutilmente aplicar seu conceito de perspectivismo na tentativa de deslindar o perfil desta fina fatia mais rica da população. “É desesperador, trata-se do humano em seu grau mais abjeto, não há como descrever, nos termos da sociologia ou antropologia contemporânea, o perfil imanente desses indivíduos.” Sobre a classe política, que faz de tudo para preservar esses privilégios

para si e para seus pares, limitou-se a dizer. “É de dar asco, a repugnância em seu estado mais torpe.” Todos os discursos continuam sendo canibalizados, sinto falta de operários e anarquistas nesse boteco.

A menina que estava ali tentando vender flores e pastilhas, ao lado de um vira-lata albino de três patas, chegou até mim e disse: Viram Nossa Senhora emergir da terra arenosa em Aleppo, onde ela abordou duas religiosas. Ei, vem cá, vocês duas! Coisa linda, vem cá, faz amor comigo! Vamos pintar essa cidade de todas as cores, injetar heroína sob os corpos desmembrados desses homens infectos de desejos impróprios e sedentos de guerra, queimar nossas crianças em homenagem aos mitos e crocodilos, eu quero uivar um soneto adormecido em idiomas pré-históricos e mijar na cova do último imbecil monoteísta. Não se sabe ao certo como, prosseguiu a florista, mas uma devota de Madre Teresa de Calcutá, que trabalhava como missionária na Síria, conseguiu acalmá-la com orações ateístas declamadas em birmanês. Depois disso, dizem que ela se materializou em uma floresta no Vietnã, onde passava o dia lambendo sapos alucinógenos para esquecer a mesquinharia humana. Aturdida, comprei um buquê da garota e pedi para ela entregar à sua mãe.

Tentei, por meio da semiótica peirceana e de alguma matemática, entender quanto tempo fiquei fora: tenho esse corolário e uma versão precisa e quantitativa

do teorema em questão, uma vez que a função c , de x , desaparece a uma taxa proporcional a $k + 1$, nos dando uma boa estimativa para a proporcionalidade constante; a melhor estimativa seria obtida tomando C para ser o menor limite superior para a função de $k + 1$, porém o crucial devem ser os valores absolutos, assim posso usar os polinômios de Taylor para avaliar integrais de funções que não possuem uma antiderivada elementar, e quem sabe até o teorema de mudança de variável na integral de Lebesgue, porém os números zoomórficos e os pensamentos hereges antitéticos escapam de minhas estruturas mnemônicas.

Tem um hipnólogo famoso nessa região, seria o caso de eu marcar uma consulta, lembrar das topografias perto do farol em minha infância e esquecer os fungos e líquens paranoicos que grudaram na minha pele quando saí da terceira câmara. Detalhes específicos são exaustivos, já repassei o sistema de polinização daquele ecossistema porém ainda não consigo compreender seu funcionamento. Quero vestir uma máscara de oxigênio, armazenar suprimentos e partir para a floresta, talvez meus filhos não precisem mais de mim, já devem estar crescidos e independentes, se as amostras que coletei de minha memória não estiverem mentindo muito. Montar um acampamento com células de biomassa e organismos saprotróficos, cheirar esporos no perímetro da perplexidade até intrigar todos os outros seres

silvestres, que provavelmente irão questionar se eu não estaria adentrando com muita coisa não biodegradável, mas eles não conhecem meu molusco cibernético, que digere tudo isso sem grande dificuldade, em gestos involuntários e perturbadores.

Minha divagação foi interrompida ao ouvir um cliente chamando um outro cliente de veado. Puxei o cara pela camiseta e expliquei que está evidente, para todos, qual é o principal motivo de ódio em relação aos homossexuais, fenômeno patético que ocorre majoritariamente entre pessoas do sexo masculino. Uma porcentagem altíssima, que ultrapassa com folga a metade da população de homens, tem grau intenso de tendência a práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo, porém sente vergonha de admitir, seja por preconceito irracional ou idiotia absoluta. Utilizando-se de uma medida conhecida, imperfeita, mas útil para fins didáticos, como a escala Kinsey, por exemplo, podemos imaginar que o índice deve, muito provavelmente, flutuar entre 4, predominantemente homossexual, e 6, exclusivamente homossexual. Porque só um índice alto pode explicar a raiva contra homossexuais. Se utilizarmos da lógica precária desses bárbaros, a torcida seria para que a população homossexual masculina fosse a maior possível, de modo que os poucos heterossexuais tivessem a maior quantidade de mulheres para possíveis relacionamentos, e vice-versa, lei da oferta e da procura, concorrência

grande para quê? Mas, é óbvio, brutamontes desse tipo não gostam de mulher, e precisam ocultar sua homossexualidade latente por meio da violência contra, principalmente, homens gays. A história do cristianismo, por sua vez, também retrata essa obsessão, com um arquetípico deus todo-poderoso masculino, de exuberante violência, sádico em relação a sacrifícios com animais, infinitas regras para submissão feminina e sua exclusão dos círculos sociais, provando, mais uma vez, por a + b, que a maior parte dos homens não gosta de mulher. Padres e bispos ao redor do globo deixam o fato notório, já que todos sabem da predileção absoluta desses homens por sexo com outros homens, sexo desenfreado, alta frequência, várias vezes por semana, de preferência com menores de idade, ou seja, criminosos da pior estirpe. Homens que lidam bem com sua sexualidade, todavia, sejam eles mais próximos do espectro homo ou heterossexual, estão pouco se fodendo se o sujeito x ou y vai trepar com w ou z, tampouco gastariam energia para espancar alguém na rua, preferindo gastar essas calorias transando com alguém. Estamos claros? Portanto, se você é uma pessoa de bem, não vai perder seu tempo patrulhando a vida alheia. Agora, se você é homem, que se diz heterossexual, mas tem raiva de gays, hum, pois bem, já sabemos que no fundo é recalque, que no fundo você gosta da fruta, ou então é simplesmente um cretino arrombado!

O cara ficou paralisado, enquanto seus colegas riam de sua cara de paspalho. Quando saiu da letargia, ameaçou me agredir, mas a garçonete deu um mata-leão bem aplicado no otário e levou-o para a rua, desolado. Voltei e tinha uma garota na minha mesa, mas disse que não me importava, eu só queria beber. Ela estava ao telefone, terminando um relacionamento, ao que parecia: Eu fiquei muito chateada com a maneira que nosso relacionamento terminou. Mas temos que seguir em frente. Nós já falamos tudo, colocamos nossas desavenças, brigamos, choramos... Por favor, pare de me ligar. Eu já expliquei os meus motivos para ter feito isso. Eu nunca queria ter te machucado. Embora nosso relacionamento tenha terminado, eu ainda te amo, você é e sempre será, muito provavelmente, a pessoa mais importante que já passou pela minha vida. Como eu não iria me apaixonar perdidamente por alguém que é capaz de decifrar um olhar oblíquo, um homem que citou um poema do Baudelaire para me acalmar depois que eu perdi a minha mãe, que me levou para ver um filme do Visconti no cineclube do bairro em pleno feriado de Páscoa, que me acordava com croissants caseiros de queijo de cabra no café da manhã, puta que pariu, eu tenho até raiva, de tão perfeito que você é. Eu nunca imaginaria que seria capaz de namorar alguém por tanto tempo, num relacionamento monogâmico, sem traição, de minha parte, e creio que da sua também. Mas chegou um momento

que eu só conseguia pensar em um outro homem me pegando forte, dizendo que queria comer minha bunda, me chamando de puta, metendo na minha boceta até ficar dolorida. Nós, mulheres, somos assim, um paradoxo, talvez um enigma indecifrável para os homens. E para nós mesmas. A minha geração lutou para transformar os homens em criaturas mais sensíveis. Mas talvez tenhamos dado um tiro no pé, porque essa sensibilidade se exacerbou de tal modo, sinto muito pela sinceridade, que os homens ficaram muito frouxos. E, alguns, brochas. Porém, não vou me sentir culpada por ter entulhado a sua cabeça com teorias de gênero e representação social. Você interpretou tudo muito ao pé da letra. Se olhe no espelho, você virou um cara apático, sem vida, uma criatura anódina. E largar o emprego para viver de poesia, meu Deus, que merda que você fez. Algo se perdeu aí. Pare de chorar por qualquer coisa. Pare de querer ser transcendente. Como eu já te disse, tem horas que a gente gosta mesmo é de um cafajeste, que agarre a gente com força e trepe sem poesia e nem metafísica.

Taqueopariu, pensei, tomara que ela não venha puxar papo comigo quando a ligação terminar. Não deu outra. E quando fico constrangida, tenho a tendência de tergiversar, portanto, enquanto ela chorava e virava mais *shots*, desemboquei a falar sobre Mefisto como um positivista sexual *avant la lettre*; depois sobre a condenação de Arletty por ter mantido relações afetivas com

ocupantes alemães; as diferenças entre *Dasein* e *Sosein*; a licenciosidade sexual como cinismo freudiano de tabus idealistas; o domínio discreto do desenraizamento; a decomposição do superego, o amoralismo de Maquiavel e a tradição bélica em autarquias adoecidas; a problemática de a novela *The Penelopiad* ter sido traduzida como *A Odisseia de Penélope* em vez de *A Penelopeia*, uma vez que isso contradizia o espírito da obra, dando, novamente, protagonismo a Odisseu já no título; a secularização como sexismo; o erotismo de Hegel e Hilda Hilst... Por linhas tortas e analogias impessoais, consegui acalmá-la com artimanhas vitoriosas.

Foi embora hesitante, porém mais tranquila e despreocupada em relação à desneurotização social e seus segredos patogênicos. Assim que saiu, um senhor com ares de profeta, acompanhado de três discípulos (?), começou um sermão em frente à bodega: As liberdades individuais estão interrompidas. Em definitivo. Em consonância com os princípios da sociabilidade capitalista ocidental. De acordo com o modelo político-econômico em vigor há séculos. Mais ainda, de acordo com qualquer sistema biológico coletivo. O livre-arbítrio é uma falácia quando se vive em sociedade. Um paradoxo. Não é possível. Seja você uma bactéria intestinal, uma abelha amazonense, uma gaivota-de-asa-escura vinda das profundezas do Ártico ou um texano vestindo botas de cowboy dando tiros de fuzil para o alto duran-

te um churrasco de confraternização da Ku Klux Klan. Somos tão insignificantes quanto uma folha ao vento, uma pedrinha no rio Jacaré-Pepira, nos movemos com o fluxo, não tem como mudar de direção, vamos todos morrer fazendo mais ou menos o que nossa condição fisiológica e cultural permitir. E isso não é darwinismo social, nem determinismo quântico, fodam-se esses teóricos *maricones de mierda*. Chega de palhaçada. Aqui ninguém é inocente. Vamos falar a verdade. Porque eu gosto da tradição cristã. E dos dogmas islâmicos. E das regras castradoras dos evangélicos, protestantes e neo-pentecostais. A beleza desses axiomas morais é indescritível. As religiões monoteístas foram a mais bela máquina de guerra inventada até hoje. Como suas regras são claras! Basta tomar a verdade para si e desconsiderar todo o resto. Simples assim. E sair fodendo a vida de qualquer um que discorde de ti. Eu sei que nesse bar vem um monte de jornalistas. Vocês já leram Shakespeare, seus monte de merda? E quem chama ele de bardo, então, puta que pariu, só pode ser jornalista de merda, que *démodé*, que antiquado, quase inconveniente, eu diria, bardo de cu é rola. E aquele otário do Harold Bloom, dizendo que o bbaaarrdddooo inventou o humano. E Sófocles fez o que então, porra? Édipo na encruzilhada da pólis com o mito, voltar ou não em encontro ao destino trágico, em dúvida!!!! Ali começa o humano, na dúvida... Foi o momento fora da fluxo. Ficcional. Se alguma

vez fomos livres, foi na ficção. Temos que discutir uma necessidade que contraria a sobrevivência da espécie, notemos que essa prática é essencial ao bem-estar fisiológico, sim, físico e mental. Digo mais, ao bem-estar auditivo. Sim, novas pesquisas do Instituto de Neurociências da Universidade de Zurique apontam que homens e mulheres que se masturbam mais que 37 vezes ao dia têm audição ampliada em um espectro de 120 decibéis. Sim, sim, sim, a pesquisa está disponível na última edição da revista *Nature*. É isso! Esse é mais um dos mandamentos que iremos lançar, anotem aí, meus súditos, por favor. Permito-me masturbar-me. Caralho, essa porra de ênclise é estranha para cassete, não deve ser assim não. Permito-me me masturbar... bom, foda-se, vocês entenderam... seguindo meus instintos primitivos, transformando o prazer carnal em epifania, que a liberdade do gozo seja alcançada mediante condições distintas de pressão e temperatura, que meu corpo estremeça em ondas mecânicas de prazer até que líquidos impuros jorrem do meu ventre divino. E diante de vocês, libertinos boêmios, prometo a partir de agora tratar mal qualquer pessoa que se dirija a mim, decorar a constituição norte-coreana, comprar um fuzil e plantar uma árvore, pois eu sou a personificação da contradição!

E eu ainda havia ficado impressionada com as tipologias do castelo, quanta inocência minha, a fauna humana é muito mais imprevisível e caótica. Na mesa

ao lado da minha, tinha um senhor bastante empolgado em dividir com seus colegas mais jovens suas teses sobre o comportamento da classe artística. Para ele, acima de tudo, era degradante existir na cidade um bar (que não é esse onde estou, naturalmente) destinado a escritores e intelectuais, humilhação maior não haveria, para um bar, para um escritor, para um intelectual. Aquilo virava um covil de pedantes, pedófilos mal resolvidos, baba-ovos e editores sem-vergonha em busca de sexo ou de lambe-botas para inflar seus egos flácidos e patéticos. Pow!!! Puxei minha cadeira mais para o lado para ouvir melhor. Os cineastas, por sua vez, eram intragáveis, megalomaníacos e, o pior, pessoas com baixa cultura cinematográfica, pois passavam mais tempo vomitando sua pseudoerudição do que assistindo a filmes. Eram o signo perfeito da classe média alta ilustrada, *mezzo* niilista, *mezzo* vagabundo, frequentadores de cafés *cool* e baladas secretas. Sobre artistas plásticos, então, ele não queria nem falar, pois eram mais isolados ainda, gente podre de rica mesmo, só encontrada em jantares e *petits comités* de aristocratas e sadomasoquistas. Esse cara é bom, pensei, que aula! Sobre o pessoal do teatro, então, ele não sentia nada além de nojo, rancor e repugnância. Falou ainda sobre epistolografia e crítica genética, a rica seara de nazifascistas e brutamontes na cidade, a ebulição lírica e as armadilhas do memorialismo.

Vocês conseguem perceber a diferença nas abordagens de cada um? A questão que Buñuel expõe em *A idade do Ouro* e *O Fantasma da Liberdade* é da ordem epistemológica, ao passo que a ótica do Tarkovski, notadamente o Tarkovski de *Nostalgia* e *O Sacrifício*, deslinda o problema pela via ontológica. Curiosamente, contemporâneos do primeiro Buñuel, como René Clair e Germaine Dulac, também preferem esse ângulo. O formalismo niilista do Fassbinder de *As Lágrimas Amargas de Petra von Kant*, assim como o esteticismo da obra limítrofe do Mário Peixoto, e notem aqui que faço livremente paralelos diacrônicos, evidenciam o gosto pelo universo etéreo, perfeito em sua representação, simulacro puro como saída para a banalidade da vida cotidiana. É a exacerbação aporética dos paroxismos, assim como Lars von Trier fez no final de sua *Medeia*, transcendendo os signos elementares, quase banais, da versão do grande Pasolini (que foi infeliz naquele filme), e se sobressaindo, inclusive, às representações de Eurípedes e Sêneca. Concluindo, podemos afirmar com segurança que a incomunicabilidade se transforma, assim, em artifício, concluiu o Settembrini boêmio.

Talvez ele também fosse professor. Quando um dos jovens, possíveis alunos, talvez, embora eu não entenda porque estão juntos num bar, perguntou sobre o que ele pensava sobre romances cujos protagonistas traziam nomes como Domingas, Belonísia e Hermelina,

exaltou-se num incomensurável júbilo. Outro perguntou sobre os triunfos da civilização, o que o deixou com expressão débil e aguda. Senti o tal professor definhando, acho que o fim dele estava próximo. Quando o estabelecimento fechou, ajudei a colocá-lo, inerte, num carro, que provavelmente o levou para casa, assim espero.

Deitei no banco da praça em frente para tentar dormir um pouco. Sonhei que era um predador adjacente, salivando para atacar uma presa de formas puras e fugidias. No âmbito de minhas estratégias, a presa circulava por espaços bidimensionais, enquanto eu, inebriada pela curvatura do espaço-tempo, gozava de vantagens cartográficas para infiltrar minhas garras naquele corpo incandescente. Não tinha propensão para o diferimento, o caráter artístico da caça é meu ponto de partida. A presa era rápida em alguns terrenos e dissertava sobre a primazia da linguagem. Nossas incompatibilidades evidenciavam o prisma mimético e a variável sincrônica de nossos desejos. O fingimento está de prontidão, abre os poros de todos os sentidos e enfatiza a verossimilhança e os vínculos causais entre causa-efeito e ficção. De repente eu transmutava na preia, sentindo o limite agonístico do abandono cambiante e da disjunção dos arquétipos e vetores. Devoramo-nos.

VII

A casa está devastada. Tem um buraco no teto da sala, por onde entrar um feixe de luz que deixa o ambiente com uma cor meio sépia, parece que estou num filme pós-apocalíptico. Não entendo bem como, mas meus filhos estão bem, abraçados sobre minha cama de casal. A porta da geladeira custa a abrir, há fios elásticos grudando as borrachas, parecem a boca de um sapo-boi-indiano. Lá dentro fungos e marcas hipotéticas de uma cronologia incommum. Tem uma lata de refrigerante, que bebo em goles arredondados. Sobre a mesa da cozinha, um mapa imenso, com anotações sobre *parole* e *langue*, a mitologia celeste e a hidrografia poética. No verso, rascunhos de nefelibatas e equações diferenciais ordinárias de segunda ordem. Eu nunca coloquei os estudos da cultura livresca de Borges no armário da cozinha, mas lá eles estavam. Assim como um manuscrito atribuído a Parmênides que havia sido subtraído da coleção da biblioteca da Universidade de Nalanda. Arranco em movimentos sincopados até o banheiro, onde em derrisão encontro um objeto estroboscópico dentro de uma grade de titânio. No armarinho, diversos remédios que não reconheço. Ouço choro, mas não entendo,

pois meus filhos são bem crescidinhos. Minha cama de casal está vazia, acho que acordaram. Vou ao quarto deles, onde encontro a Remington NL26406 em cima da escrivaninha, e com papel. Não lembro de ter feito isso antes de sair, talvez quisessem experimentar o toque oleoso e macio de suas teclas sublimes. Ganhei a máquina de escrever de aniversário da Julia. Vamos ver o que está escrito aqui:

Em certo momento do texto, o testemunho confessional descritivo do início do diário começa a ser permeado por trechos ficcionais. A primeira passagem em que isso se torna explícito aparece no início do quinto capítulo: “Quem é aí Tito Flamínio? Sou eu, apressei-me”. Esse nome foi um dos cogitados para o protagonista de *O Cemitério dos Vivos*. Na sequência aparece um novo registro ficcional: “Não amei nunca, nem mesmo minha mulher que é morta”. Sabe-se pela biografia do autor que ele nunca teve esposa ou companheira.

Poucas linhas depois a volta à veracidade do discurso surpreende, no trecho em que comenta o suicídio de um interno, fato real noticiado inclusive pelos jornais da época. Nota-se, assim, que a aparente intenção não era transformar de imediato o diário em um romance, apesar dos trechos ficcionais e da maior liberdade de forma com o prosseguimento do texto, haja vista que apenas os dois primeiros capítulos apresentam as datas correspondentes aos eventos descritos.

Os capítulos posteriores já não trazem as datas e começam a ficar recheados de dados fictícios.

O próximo registro ficcional é bastante representativo, pois mostra o caos psicológico em que o autor se encontrava por trás do aparente controle e da alta capacidade de observação que mostra ao longo de todo relato. Lima Barreto faz um comentário a respeito do delírio de sua mãe, morta quando ele tinha seis anos. Em seguida, volta a comentar da esposa que nunca teve e de certa culpa que sente em relação a sua morte, aspecto que será abordado em *O Cemitério dos Vivos*. Na sequência, aparece uma frase extremamente enigmática: “Logo, porém, como vem de mim mesmo ou de fora de mim uma voz que me diz: é mentira”. A ambiguidade do parágrafo impede o leitor de localizar essa *mentira* como complemento da ideia anterior, como um acesso de indecisão ou delírio a respeito dos fatos reais e aqueles imaginários que começavam a invadir seu relato, ou ainda uma ironia a respeito desta própria ambivalência. Parece que Lima Barreto está brincando com seu leitor por meio de um jogo provocador e astucioso, que deixa seus interlocutores na dúvida.

Alguns trechos mostram claramente a transição e certa hesitação entre o tom biográfico e ficcional. Na passagem: “Não serei nunca sociólogo, historiador, não serei nunca romancista. Falta-me amor ou ter amado. Mas... Minha mulher!” A interrupção do relato docu-

mental é súbita com a evocação da mulher imaginária. A partir de então se reforçam as mudanças na tessitura textual, que varia entre a forma documental, ensaística ou literária.

Durante a escrita de *Cemitério dos Vivos* o amálgama entre ficção e realidade ainda está presente na mente do autor. Em um trecho do manuscrito original ele escreve “meu irmão” ao invés de sobrinho, fato que se repete mais adiante. O primeiro o levou ao hospício e o segundo o substituiu na ficção. Um pouco depois, no mesmo capítulo, escreve o próprio nome no lugar do nome ficcional que estava adotando até então. Se durante a escrita do diário, intencionalmente ou não, elementos ficcionais invadem seu texto, o contrário ocorre na escrita do romance, quando fatos reais aparecem no material.

Isso confere características híbridas a ambos os textos. Se a imaginação irrompe a realidade no diário, a crítica social aos cientificismos positivistas que aparece em vários momentos surpreendentemente é mantida em passagens do romance inacabado, principalmente no último capítulo. Portanto, os materiais analisados em conjunto são uma rica fonte de estudos tanto sobre os aspectos sociológicos relativos ao sistema dos hospícios no início do século XX quanto sobre o método de escrita de Lima Barreto.

As atitudes e acontecimentos que provocam a

despersonalização são evidentes em *Diário do Hospício*. Como aponta Alfredo Bosi em seu prefácio para a edição, a ação truculenta e desrespeitosa de guardas ou enfermeiros procura apagar o indivíduo e substituí-lo pelo estereótipo. De acordo com Foucault, instituições como o hospital psiquiátrico trabalhavam com o método da divisão binária e da marcação, perspectiva reducionista que categoriza os indivíduos entre os extremos antagônicos: louco ou não louco; perigoso ou inofensivo; normal ou anormal. Categorias essas que são incorporadas no discurso de Lima Barreto, que muitas vezes classifica o sujeito com base em alguma característica étnica.

De acordo com Foucault, “a disciplina é o processo técnico unitário pelo qual a força do corpo é com o mínimo ônus reduzida como força política, e maximalizada como força útil”. Essa pressão social pode ser considerada uma das causas da internação de Lima Barreto, já que acabara se tornando um ser indócil e improdutivo devido ao consumo desenfreado de álcool e seus subsequentes delírios. O escritor admite em várias passagens certa lamentação por sua falta de adequação: “Quase me arrependia de não ter querido ser como os outros. Seguir os caminhos do burro e ter feito da minha vida um paradoxo”.

Vários elementos apontados por Goffman em seu livro *Manicômios, Prisões e Conventos* a respeito das ins-

tituições totais saltam aos olhos no texto de Lima Barreto, principalmente no que diz respeito ao controle das necessidades humanas pela organização burocrática, como o desconhecimento das decisões por parte do interno quanto ao seu destino ou a falta de rigor nas justificativas médicas (“todas essas explicações da origem da loucura me parecem absolutamente pueris”), a morte civil e a mutilação do eu (“tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão”) e a necessidade de pedir humildemente coisas pequenas (“mais de uma vez me vira obrigado a pedir pequenos favores humilhantes aos camaradas”).

Pode-se imaginar o grau de insuportabilidade de tal vida para o erudito escritor, que a todo momento reforça seu grau de eminência. Se no início do diário admite sinais de loucura e o fato de estar incomodando os parentes com isso, mais adiante censura a simplicidade daqueles que o internaram e a ilegalidade da polícia que os ajudou. É interessante notar que esses assombros de autoafirmação, que refletiam menos pedantismo e mais um embate social de valorização de sua condição e luta contra os preconceitos que sofria, são mais recorrentes a partir do momento em que o autor começa o processo de ficcionalizar seu texto antes documental.

Tanto no romance quanto no diário, Lima Barreto queixa-se da vida, mas nega a morte como solução.

No relato confessional, almeja uma existência simples — abdicando até daquilo que lhe é mais caro, sua erudição — para que possa ter paz de espírito. Na ficção, também admite ser capaz de ceder sua capacidade crítica de análise em troca das conveniências do amor e da crença. No segundo capítulo de *Diário do Hospício*, existem dois momentos em que o autor afirma querer discorrer sobre determinado assunto com mais calma posteriormente (“que eu descreverei devagar” e “falarei disso com mais vagar”). Essa minúcia do relato pode ser considerada um cuidado já visando a futura publicação do material, seja na forma de um diário ou mesmo de um romance. O processo de ficcionalização de *Diário do Hospício* e as ácidas críticas à instituição mantidas no *Cemitério dos Vivos* reforçam as reminiscências do doloroso processo ao qual o autor foi submetido durante suas internações. A ficcionalização de trechos do diário pode ser vista como uma forma de escapismo temporário diante dos tormentos a que foi submetido no hospício, assim como os equívocos com as trocas dos nomes e o forte tom de denúncia preservado no romance podem ser considerados reflexos dos traumas daquele período, assim arrazoava...

Filha, vem cá, foi você que escreveu isso? E olha o estado dessa casa, o que fizeram enquanto estive fora? Quem pintou faunos, silvanos, bacantes e cântaros na parede da sala? Há chuva precipitando dos telhados,

problemas nos gradins e incrustações nas colunas da fachada, vejo apenas o afresco robusto e límpido, imagino que tenham selado com goma ou adraganta, já que isso lhes interessa. Filho, você faz cara de uma sonolência que lhe parece vantajosa, deixa de ser malandrinho, as decepções da vida são infindáveis, não dá para dançar a vida desse jeito. Vamos lá, me contem, quanto tempo fiquei fora? Senti tanta saudade. E não me venham com essa de que sou desequilibrada, já definimos muito bem nosso campo epistemológico desde que excluímos meandros ideológicos e questões geopolíticas, a insanidade é tão prolífica quanto a intemperança, já cantaram os pássaros cibernéticos com corpo de pêssego. Sim, o castelo estava lá, como seus avós haviam me prometido, erigido na interseccionalidade do universo a partir das espumas do artefato cognitivo $n^{\circ} 7\sqrt{\log 5}ie$. E a partir de agora, vamos sinalizar essas dimensões didáticas e narrativas relegadas, pois são intervenções sobre o nunca dito, a tempestade dos migrantes detentores da memória social em disputa com o imaginário de resquícios, meu intestino está cheio de ternos elétricos, um buraco repulsivo deglutindo, para sua própria surpresa, divergências e depoimentos acelerados, não dá mais para escolher entre o processo dialógico ou anárquico, as euforias trancaram o declínio da cidade com dicionários inescrutáveis, são rabiscos de utopias, inúteis exigências. Entre surtos e sombras, vamos decifrar o erro de

cálculo e reprimir o acidente. Calma, filha, tenha paciência, já vou costurar a perninha do seu irmão, rasgou toda, pobrezinho dele. Pegue a linha, agulha e o algodão, vamos resolver isso agora. E, quando terminar, poderemos, finalmente, cerzir seu coração hermenêutico em constante desalinho.



vencedor.
na categoria
ROMANCE



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ



cultura
paraná

